



Enquanto houver luz

Agatha
Christie





*Agatha
Christie*

Enquanto houver luz

7ª EDIÇÃO



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2000



Prefácio

Agatha Christie, a *verdadeira* Rainha do Crime, ainda reina suprema como a maior e mais popular autora de histórias clássicas de detetives. Com a publicação, em 1926, de *O assassinato de Roger Ackroyd*, um dos romances policiais mais famosos de todos os tempos, impressionou os críticos e assegurou seu lugar entre os maiores escritores do gênero. Esse caso foi solucionado por Hercule Poirot, aposentado da força policial belga, que protagonizou 33 romances, incluindo *Assassinato no Expresso do Oriente* (1930), *Os crimes ABC* (1936), *Os cinco porquinhos* (1942), *Depois do funeral* (1953), *A noite das bruxas* (1969) e *Cai o pano* (1975). A detetive favorita de Agatha Christie foi *Miss Jane Marple*, uma velhinha solteirona que apareceu em 12 romances, entre os quais *Assassinato na casa do pastor* (1930), *Um corpo na biblioteca* (1942), *Cem gramas de centeio* (1953), *Mistério no Caribe* (1964) e a sua

continuação, *Nêmesis* (1971), e finalmente em *Um crime adormecido* (1976), o qual, assim como *Cai o pano*, fora escrito trinta anos antes, durante o bombardeio alemão sobre a Inglaterra. Entre os 21 romances em que não figuram nenhum dos detetives criados por Agatha Christie destacam-se *O caso dos dez negrinhos* (1939), em que nenhuma personagem é detetive, *A casa torta* (1949), *Punição para a inocência* (1959) e *A noite sem fim* (1967).

Numa carreira que durou mais de meio século, Agatha Christie escreveu 66 romances, uma autobiografia, seis livros assinados “Mary Westmacott”, o diário de sua expedição à Síria, dois livros de poesia, outro de poemas e histórias para crianças, mais de uma dúzia de peças teatrais e mistérios radiofônicos e cerca de 150 contos. Esta nova coletânea reúne nove contos que, com duas exceções, não foram anteriormente republicados desde o primeiro aparecimento (em alguns casos, entre sessenta e setenta anos atrás). Poirot surge em: *O mistério do baú de Bagdá* e *Aventura natalina*. Estas são as versões originais de duas novelas incluídas em *A aventura do pudim de Natal* (1960). *Tensão e morte* é uma tensa narrativa psicológica e *A atriz* aborda uma habilidosa fraude. A enigmática *Paredes que atormentam* e *O deus solitário* são histórias

românticas, datando dos primeiros anos da carreira de Agatha Christie; há um suave tempero sobrenatural em *A casa dos sonhos* e *Enquanto houver luz*. Finalmente, temos *O ouro de Man*, uma história de forma e conceito únicos em sua época e que, desde então, tornou-se muito popular em todo o mundo.

Nove histórias que exibem todo o inimitável estilo de Agatha Christie. Um verdadeiro banquete para *connoisseurs*!

TONY MEDAWAR

Londres

Dezembro de 1996



Agradecimentos

Minha gratidão a John Curran, Jared Cade, Karl Pike, autor de *Agatha Christie: The Collector's Guide*, e a Geoff Bradley, editor de *Crime and Detective Stories*

T. M.



Sumário

A casa dos sonhos

A atriz

Tensão e morte

Aventura natalina

O Deus solitário

O ouro de Man

Paredes que atormentam

O mistério do baú de Bagdá

Enquanto houver luz



A CASA DOS SONHOS

Esta é a história de John Segrave — de sua vida, que foi insatisfatória; de seu amor, que foi insuficiente; de seus sonhos e de sua morte. Se nas duas últimas ele encontrou o que lhe foi negado nas duas que as precederam, então sua vida pode ser, apesar de tudo, encarada como um sucesso. Quem sabe?

John Segrave veio de uma família que havia decaído lentamente a partir do século XIX. Tinham sido proprietários rurais desde a época de Elizabeth I, porém o último torrão de terra foi vendido. Chegou-se a pensar, com seriedade, que um dos filhos, pelo menos, deveria dominar a utilíssima arte de fazer dinheiro. Foi uma inconsciente ironia do Destino que John fosse o escolhido.

Com a boca singularmente delicada, os olhos

rasgados que formavam longas e escuras linhas azuis que o assemelhavam a um fauno ou a um duende, alguma coisa selvagem, própria das florestas, era incongruente que ele pudesse ser oferecido em sacrifício ao altar das Finanças. O cheiro da terra, o sabor do sal marinho nos lábios e o céu livre acima de sua cabeça eram as coisas amadas por John Segrave, e às quais deveria dar adeus.

Aos dezoito anos tornou-se assistente administrativo júnior em uma grande organização empresarial. Sete anos mais tarde ainda era assistente, embora não mais júnior, certamente, porém com seu *status* quanto ao mais inalterado. A capacidade de “subir na vida” fora omitida de sua constituição. Ele era pontual, laborioso, aplicado — um burocrata, nada mais que um burocrata.

E, no entanto, ele poderia ter sido... o quê? Ele dificilmente poderia responder a essa pergunta, sequer para si mesmo; mas não podia ignorar a convicção de que em algum lugar existia uma vida em que ele podia ter valor. Nele havia energia, agudeza de visão, o toque de algo que seus colegas de trabalho jamais haviam percebido sequer por um instante. Eles o apreciavam. Era popular devido às suas maneiras de negligente amizade, e eles jamais

perceberam o fato de que, com essas mesmas maneiras, ele os mantinha afastados de qualquer verdadeira intimidade.

O sonho ocorreu-lhe subitamente. Não era uma fantasia infantil, que crescera e se desenvolvera ao longo dos anos. Irrompeu numa noite de verão, ou melhor, no início mesmo da manhã, e fez com que ele acordasse com o corpo dominado por um formigamento, empenhando-se em reter o sonho, que escapava deslizando de sua tentativa de agarrá-lo, do evasivo jeito que os sonhos possuem.

Desesperadamente, aferrou-se a ele. O sonho não podia sumir — não podia! Ele precisava lembrar-se da casa. Era a Casa, claro! A Casa que ele conhecia tão bem. Era uma casa de verdade ou ele a conhecia apenas através de sonhos? Ele não se recordava, mas certamente a conhecia — conhecia muito bem.

A esmaecida e cinzenta luminosidade do início da manhã invadia furtivamente o quarto. A tranqüilidade era extraordinária. Às quatro e meia da manhã, Londres, a fatigada Londres, lograva encontrar breves instantes de paz.

John Segrave permaneceu deitado e quieto, envolto na alegria, na requintada beleza e maravilha de seu sonho. Quão hábil fora em não esquecê-lo!

Um sonho esvoaçava tão rapidamente quanto um regulamento, passando correndo por nós enquanto, com a consciência em vigília, nossos desajeitados dedos buscavam retê-lo e capturá-lo. Mas John fora muito rápido com seu sonho! Pegara-o quando se esgueirava às carreiras dele.

Foi um sonho realmente notável, extraordinário! Havia a casa e... seus pensamentos foram bruscamente interrompidos, pois quando ele começou a pensar no sonho, não conseguiu lembrar de nada, exceto da casa. E subitamente, com um traço de desapontamento, ele reconheceu que, apesar de tudo, a casa lhe era completamente estranha. Jamais havia sonhado com ela antes.

Era uma casa branca, erguida num terreno elevado. Havia árvores perto dela, colinas azuladas a distância, porém seu particular encanto independia do que a rodeava, pois (e este era o cerne, o clímax do sonho) era bela, uma casa estranhamente bela. Suas pulsações se aceleraram quando ele mais uma vez se lembrou da estranha beleza da casa.

O exterior da casa, naturalmente, pois não chegara a entrar. Não havia dúvida quanto a isso — decididamente nenhuma dúvida.

Então, à medida que os sombrios contornos do

aposento que lhe servia de quarto e sala de estar começaram a tomar forma sob a crescente luminosidade, ele experimentou a desilusão do sonhador. Talvez, afinal, seu sonho não tivesse sido tão maravilhoso assim — ou teria a maravilhosa parte explicativa esgueirado-se dele e zombado de suas ineficazes mãos que tentavam agarrá-la? Uma casa branca, erguida num terreno elevado — não era muito para excitá-lo tanto, certo? Era uma casa bastante grande, lembrava-se, com uma série de janelas, todas com as cortinas baixadas, não em virtude de as pessoas terem saído (ele tinha certeza disso), mas porque era muito cedo e ninguém havia se levantado ainda.

Foi então que ele riu do absurdo de sua imaginação e lembrou-se de que ia jantar com o sr. Wetterman naquela noite.

Maisie Wetterman era a única filha de Rudolf Wetterman e havia sido acostumada, durante toda a sua vida, a ter exatamente o que queria. Ao visitar o pai em seu escritório certo dia, notara John Segrave. Ele havia levado algumas cartas a pedido de seu pai. Quando John se retirou, ela indagou do pai a respeito do rapaz. Wetterman foi expansivo.

— Um dos filhos de *Sir* Edward Segrave. Família antiga e conceituada, mas em seus

estertores. Este rapaz jamais será alguém. Gosto muito dele, mas nele nada existe. Nenhum ímpeto de qualquer espécie.

Maisie era, talvez, indiferente a ímpetos. Era uma qualidade valorizada mais por seu pai do que por ela. De qualquer maneira, quinze dias mais tarde, persuadiu o pai a convidar John para jantar. Era um jantar íntimo, ela e o pai, John Segrave e uma amiga que estava passando alguns dias com Maisie.

A amiga sentia-se incitada a fazer alguns comentários.

— Em experiência, suponho, Maisie? Depois, papai preparará um belo embrulhinho e o trará para casa, do centro da cidade, como um presente para a querida filhinha, devidamente comprado e pago.

— Allegra! Você é o cúmulo.

Allegra Kerr riu.

— Você é realmente imaginativa, Maisie. Gosto desse chapéu... eu preciso ter um! Se tenho chapéus, por que não maridos?

— Não diga absurdos. Eu ainda nem sequer falei direito com ele.

— Não. Mas você já tomou a sua decisão — disse a outra moça. — Qual é a atração, Maisie?

— Eu não sei — respondeu Maisie Wetterman,

pausadamente. — Ele é diferente.

— Diferente?

— Sim. Não sei explicar. Ele é bonito, sabe? Bonito de um jeito muito peculiar, mas não é isso. Ele age como se não estivesse vendo você. Na realidade, não acredito que ele sequer tenha dado uma espiada em mim naquele dia no escritório de meu pai.

Allegra sorriu.

— Esse é um velho truque. Próprio de um jovem astuto, devo dizer.

— Allegra, você é odiosa!

— Ânimo, querida. Papai vai comprar um cordeiro bem lanoso para sua pequena Maisie.

— Não quero que as coisas sejam assim.

— Amor com A maiúsculo? E isso?

— Por que ele não se apaixonaria por mim?

— Não há razão alguma para isso. Espero que se apaixone.

Allegra sorria enquanto falava e permitiu-se lançar um olhar perscrutador sobre a outra. Maisie Wetterman era pequena — com tendência à obesidade —, tinha cabelos negros, bem cortados e artisticamente ondulados. Sua pele naturalmente boa, era realçada pelas mais recentes cores para pó-de-arroz e batom. Tinha uma boca perfeita e belos

dentes, olhos escuros, pequenos e cintilantes, e maxilar e queixo levemente protuberantes. Ela estava magnificamente trajada.

— Sim — exclamou Allegra, concluído o exame. — Não tenho dúvidas de que ele se apaixonará. O efeito geral é realmente muito bom, Maisie.

A amiga olhou-a como que duvidando.

— Falo sério — declarou Allegra. — Falo sério, palavra de honra. Mas, apenas como hipótese para justificar o raciocínio, suponhamos que ele não consiga. Apaixonar-se, quero dizer. Vamos imaginar que a afeição se torne sincera, porém platônica. E então?

— Eu posso não gostar absolutamente dele quando o conhecer melhor.

— Certamente. Por outro lado, você pode gostar muito dele. E, neste caso...

Maisie deu de ombros.

— Espero ter orgulho suficiente...

Allegra interrompeu-a.

— O orgulho está sempre disponível para mascarar nossos sentimentos... porém, não nos impede de senti-los.

— Bem — disse Maisie, ruborizada —, não vejo por que não deva dizê-lo. Eu *sou* muito boa

para medir forças. Isto é, deste ponto de vista, sou filha de meu pai e tudo o mais.

— Parceria eminente *et cetera* — disse Allegra.

— Sim, Maisie. Você é a filha de seu pai, certo. Estou terrivelmente contente. Eu realmente gosto que meus amigos façam o que se espera de sua classe.

A discreta zombaria de seu tom de voz fez com que a outra se sentisse um tanto desconfortável.

— Você é odiosa, Allegra.

— Mas estimulante, querida. É por isso que você me tem aqui. Sou estudante de história, você sabe, e sempre intrigou-me por que o bobo da corte era permitido e encorajado. Agora que sou um deles, entendo a questão. É certamente um ótimo papel, veja, pois eu precisava fazer alguma coisa. Ali estava eu, orgulhosa e sem dinheiro como a heroína de uma noveleta, bem-nascida e pobremente educada. “O que fazer, moça? Só Deus sabe”, disse ela. O tipo da parenta pobre, sempre disponível para fazer algo, sem aquecimento em seu quarto e contente em realizar trabalhos ocasionais e “ajudar a prima fulana de tal”, eu descobri que é muito apreciado. Ninguém realmente a quer... exceto aquelas pessoas que não podem manter

criados e a tratam como se fosse uma escrava de galé.

“Assim, tornei-me a boba da corte. Insolência, franqueza, lampejos ocasionais de sagacidade (nada fora do comum, pois preciso ganhar a vida com isso) e, por trás de tudo, a observação profundamente perspicaz da natureza humana. As pessoas preferem que se lhes digam quão horríveis elas realmente são. Eis por que afluem para os pregadores populares em grande número. E tenho sido um grande sucesso. Estou sempre inundada de convites. Posso viver dos meus amigos com a maior facilidade e sou cuidadosa em não aspirar nenhuma gratidão.”

— Realmente não existe ninguém como você, Allegra. Você não dá a mínima importância ao que diz.

— É aí que você se engana. Eu dou muita importância... tomo cuidado e penso sobre o assunto. Minha aparente franqueza é sempre calculada. Tenho de ser cuidadosa. Este trabalho tem de me sustentar até a velhice.

— Por que não se casa? Conheço montes de pessoas que lhe pediram.

O rosto de Allegra tornou-se subitamente severo.

— Não posso me casar jamais.

— Porque... — Maisie deixou a frase incompleta, olhando para a amiga. Allegra meneou a cabeça em sinal de assentimento.

Ouviram-se passos nas escadas. O mordomo abriu a porta e anunciou:

— O sr. Segrave.

John entrou sem demonstrar qualquer entusiasmo em particular. Ele não conseguia imaginar por que o velho o havia convidado. Se pudesse ter se livrado daquilo, teria feito isso. A casa o deprimia, com sua sólida magnificência e a grande quantidade de tapetes macios.

Uma jovem adiantou-se e apertou-lhe a mão. Lembrava-se vagamente de tê-la visto certo dia, no escritório do pai.

— Como vai, sr. Segrave? Sr. Segrave... srta. Kerr.

Foi então que ele despertou. Quem era ela? De onde vinha? Dos flamejantes drapeados que esvoaçavam ao seu redor, até as minúsculas asas de Mercúrio sobre sua pequena cabeça grega, ela era um ser fugidio e passageiro, sobressaindo-se em contraste com o enfadonho ambiente com um efeito de irreabilidade.

Rudolf Wetterman entrou, a ampla extensão

do peitilho de sua camisa chiando à medida que ele caminhava. Eles encaminharam-se informalmente para a sala de jantar.

Allegra Kerr conversava com seu anfitrião. John Segrave teve de dedicar-se a Maisie. Toda a sua mente, no entanto, concentrava-se na jovem que estava do outro lado. Ela era maravilhosamente segura. Sua segurança, pensou ele, era mais estudada do que natural. Mas por trás de tudo isso, jazia algo mais. Fogo bruxuleante, vacilante, como os fogos-de-santelmo que seduziam os velhos para dentro dos pântanos.

Por fim, ele teve uma chance de falar com ela. Maisie passava ao pai o recado de algum amigo que havia encontrado naquele dia. Agora, que o momento havia chegado, ele ficou sem fala. Seu olhar declarou-se a ela silenciosamente.

— Temas para o jantar — disse ela, graciosamente. — Podemos começar pelos teatros ou com uma dessas inumeráveis introduções à conversa: “Você gosta...?”

John riu.

— E se descobrirmos que ambos adoramos cães e detestamos gatos amarelados, formar-se-á o que chamamos de “ligação” entre nós?

— Com toda certeza — concordou Allegra,

séria.

— E uma pena, creio, começar com um catecismo.

— No entanto, isso coloca a conversação ao alcance de todos.

— É verdade, mas com resultados desastrosos.

— É útil conhecer as regras... pelo menos para quebrá-las.

John sorriu para ela.

— Entendo, então, que eu e você nos entregaremos a nossas excentricidades pessoais. Ainda que, desse modo, revelemos o gênio que é afim da loucura.

Com um movimento brusco e inesperado, a mão da jovem derrubou um copo de vinho da mesa. Ouviu-se o tilintar de vidro quebrado. Maisie e seu pai pararam de falar.

— Sinto muito, sr. Wetterman. Estou arremessando copos ao chão.

— Minha cara Allegra, isso não tem a menor importância.

Num murmúrio, John Segrave disse depressa:

— Copo quebrado. Isso traz má sorte. Eu gostaria... que não tivesse acontecido.

— Não se preocupe. Como é mesmo? “O azar que és capaz de ter não influenciará onde o azar tem

sua morada.”

Ela dirigiu-se mais uma vez para Wetterman. John, retomando a conversa com Maisie, tentava identificar a citação. Conseguiu, finalmente. Eram as palavras pronunciadas por Sieglinde, em *As Valquírias*, quando Sigmund propõe abandonar a casa.

Ele pensou: “O que ela quis dizer...?”

Mas Maisie estava solicitando sua opinião sobre a última revista musical. Sem demora, ele havia admitido que adorava música.

— Após o jantar — disse Maisie —, faremos com que Allegra toque para nós.

Todos se dirigiram para a sala de estar juntos. Intimamente, Wetterman considerava esse costume bárbaro. Ele apreciava a ponderosa gravidade do vinho a esvaecer, o charuto entre os dedos. Talvez, no entanto, fosse adequado para aquela noite. Ele não sabia, por mais que pensasse, o que poderia dizer ao jovem Segrave. Maisie era péssima com seus caprichos. O rapaz não era bonito — bonito de fato — e certamente não era divertido. Wetterman ficou satisfeito quando Maisie pediu a Allegra Kerr que tocasse. Isso abreviaria a noitada. O jovem idiota nem mesmo jogava bridge.

Allegra tocava bem, embora sem o toque

seguro de uma profissional. Ela tocou música moderna, Debussy e Strauss, e um pouco de Scriabin. Em seguida, entregou-se ao primeiro movimento da *Patética*, de Beethoven, a expressão de uma infinita dor, uma tristeza sem fim, tão vasta quanto os séculos, mas que, de um extremo ao outro, exprime o espírito de que não aceitará a derrota. Na solenidade do infortúnio imperecível, ela prossegue no ritmo do conquistador, até a condenação final.

Perto do fim, Allegra hesitou, os dedos provocaram uma dissonância, e ela parou de súbito. Dirigiu o olhar para Maisie e riu, zombeteira:

— Como você vê — disse —, eles não me abandonarão.

Então, sem esperar por uma resposta à observação um tanto enigmática, mergulhou numa estranha e assustadora melodia, algo indefinido de sobrenaturais harmonias e um ritmo singular e compassado, bastante diferente de qualquer coisa que Segrave tivesse ouvido antes. Era um som delicado como o voo de um pássaro, estável, etéreo. De repente, sem qualquer aviso, ela embrenhou-se numa dissonância de notas meramente discordantes e, rindo, levantou-se e afastou-se do piano.

Apesar de suas risadas, Allegra parecia

perturbada e quase assustada. Sentou-se ao lado de Maisie, que John ouviu dizer para a amiga em voz baixa:

— Não deveria ter feito isso. Realmente não deveria.

— Qual foi a última composição? — perguntou John, ansioso.

— Algo de minha autoria.

Ela respondeu curta e rispidamente. Wetterman mudou de assunto.

Naquela noite, John Segrave voltou a sonhar com a casa.

John estava infeliz. A vida lhe era cansativa como nunca antes. Até então, ele a aceitara pacientemente — uma desagradável necessidade, mas que lhe deixava sua liberdade interior essencialmente intocada. Agora tudo estava modificado. Os mundos exterior e interior misturavam-se.

Ele não dissimulou para si mesmo a razão da mudança. Havia se apaixonado por Allegra Kerr à primeira vista. O que ia fazer quanto a isso?

John ficara muito desnorteado naquela primeira noite para fazer quaisquer planos. Sequer tentara revê-la. Um pouco mais tarde, quando Maisie Wetterman convidou-o para passar o fim de

semana na casa de campo do pai, ele aceitou imediatamente, porém ficou desapontado, pois Allegra não estava lá.

Ele mencionou Allegra a Maisie uma vez, sondando-a, e a moça disse-lhe que ela estava na Escócia, fazendo uma visita. Ele deixou as coisas nesse ponto. John teria gostado de continuar a falar a respeito dela, mas as palavras pareciam aprisionadas em sua garganta.

Maisie ficou intrigada com ele naquele fim de semana. Ele parecia não ver... bem, não ver o que estava tão claramente à vista. Ela era uma jovem objetiva em seus métodos, mas objetividade era inútil com John. Ele a considerava agradável, porém um pouco dominadora.

O Destino, no entanto, foi mais forte que Maisie. Ele quis que John voltasse a ver Allegra.

Encontraram-se no parque, numa tarde de domingo. Ele avistou-a ao longe, e seu coração bateu violentamente de encontro às costelas. Supondo-se que ela deveria tê-lo esquecido...

Mas Allegra não o esquecerá. Ela parou e trocaram algumas palavras. Em poucos minutos caminhavam lado a lado sobre o gramado. Ele sentia-se ridiculamente feliz.

Ele perguntou, súbita e inesperadamente:

— Você acredita em sonhos?

— Acredito em pesadelos.

A aspereza de sua voz espantou-o.

— Pesadelos — repetiu ele, estupidamente. —

Não me referi a pesadelos.

Allegra encarou-o.

— Não — disse ela. — Não existem pesadelos em sua vida. Posso sentir isso.

A voz dela era gentil, diferente...

Ele falou-lhe de seu sonho com a casa branca, gaguejando um pouco. Já sonhara, até então, seis... não, sete vezes. Sempre o mesmo. Era maravilhoso... tão maravilhoso!

Ele prosseguiu.

— Veja... tem algo a ver com você... de alguma forma. A primeira vez, foi na noite anterior à que a conheci.

— Algo a ver comigo? — Ela riu, um riso curto e amargo. — Oh, não, é impossível. A casa era bonita.

— Assim como você — declarou John Segrave.

Allegra ficou um pouco ruborizada de contrariedade.

— Sinto muito. Fui uma estúpida. Pareceu-lhe que eu esperava um elogio, não é? Mas, na verdade, não quis dizer isso. Minha aparência externa está

muito bem, eu sei.

— Ainda não vi a parte interna da casa — explicou John Segrave. — Ao vê-la, saberei que é tão bonita quanto o lado externo.

Ele falava vagarosa e seriamente, dando às palavras um significado que ela optou por ignorar.

— Há mais uma coisa que quero lhe contar... se quiser ouvir.

— Eu ouvirei — declarou Allegra.

— Estou me desligando do meu trabalho. Deveria tê-lo feito há muito tempo... percebi isso recentemente. Sentia-me contente em viver à deriva, sabendo que era um completo fracasso, sem me preocupar muito, apenas vivendo o dia-a-dia. Um homem não deveria proceder assim. É obrigação do homem procurar algo que possa fazer e transformar isso num sucesso. Estou abandonando meu emprego e assumindo algo mais... uma coisa bastante diferente. É uma espécie de expedição à África Ocidental... não lhe posso adiantar maiores detalhes. Espera-se que eles não sejam divulgados. Mas, se tudo der certo... bem, serei um homem rico.

— Então você também mede o sucesso em termos de dinheiro?

— Dinheiro — declarou John Segrave — significa apenas uma coisa para mim: você! Quando

eu voltar... — ele fez uma pausa.

Ela havia inclinado a cabeça. O rosto tornara-se extremamente pálido.

— Não quero ser mal-interpretada. Eis por que preciso dizer-lhe algo agora, uma vez e em definitivo: *Eu jamais me casarei.*

Ele esperou um pouco, pensativo, e depois perguntou muito gentilmente:

— Não pode me dizer por quê?

— Posso. Porém, acima de qualquer outra coisa no mundo, não quero lhe dizer.

Ele silenciou novamente. Depois ergueu de súbito o olhar e um sorriso singularmente atraente iluminou-lhe o rosto de fauno.

— Entendo — disse ele. — Você não quer me deixar entrar na Casa... nem mesmo para espiá-la por um segundo? As cortinas estão baixadas.

Allegra inclinou-se e pousou a mão na dele.

— Vou lhe dizer mais. Você sonha com sua Casa. Mas eu... eu não sonho. Meus sonhos são pesadelos!

E deixou-o, abrupta e desconcertantemente.

Naquela noite, mais uma vez, ele sonhou. Ultimamente ele havia percebido que a casa, com toda a certeza, tinha inquilinos. Ele vira a mão de alguém puxar as cortinas e surpreendera aparições

vagas e fugidias no interior da casa.

Naquela noite a Casa parecia mais linda do que nunca. As paredes brancas brilhavam sob a luz do sol. Sua paz e beleza eram completas.

Então, subitamente, tomou consciência de uma forte agitação nas ondas da alegria. Alguém aproximava-se da janela. Ele sabia. A mão, a mesma mão que havia visto antes, posou sobre a cortina, abrindo-a. Em um minuto ele veria...

Ele acordou — ainda tremendo com o horror, a indizível repugnância da *Coisa* que olhara para ele da janela da Casa.

Era uma Coisa completa e totalmente horrível, uma Coisa tão vil e repugnante que a simples lembrança o fazia sentir-se mal. E ele sabia que mais horrível, inefável e desprezível ainda era a sua presença naquela Casa — a Casa da Beleza.

Naquela Coisa residia o horror — horror que surgia e assassinava a paz e a serenidade que eram direitos inatos da Casa. A beleza, a maravilhosa e imortal beleza da Casa estava destruída para sempre, pois no interior de suas sagradas paredes hospedava-se a Sombra de uma Coisa Imunda!

E se ele alguma vez voltasse a sonhar com a Casa, Segrave sabia que despertaria de imediato, sobressaltado pelo horror, temendo que da branca

beleza da Casa aquela Coisa pudesse, de repente, encará-lo.

Na noite seguinte, quando deixou o escritório, seguiu diretamente para a casa dos Wetterman. Ele precisava ver Allegra Kerr. Maisie poderia dizer-lhe onde encontrá-la.

Ele jamais percebeu a ansiosa luz que brilhava nos olhos de Maisie quando ele chegou e ela saltou para saudá-lo. Ele gaguejou imediatamente o que desejava, com a mão de Maisie ainda entre as suas.

— Srta. Kerr. Eu a encontrei ontem, mas não sei onde está morando.

Ele não sentiu que a mão de Maisie tornava-se flácida à medida que ela a retirava. A súbita frieza de sua voz nada lhe disse.

— Allegra está aqui, hospedada conosco. Mas temo que não poderá vê-la.

— Mas...

— A mãe dela morreu esta manhã. Acabamos de receber a notícia.

— Oh! — Ele foi tomado pela perplexidade.

— É tudo muito triste — disse Maisie. Ela hesitou apenas um minuto, depois continuou: — Veja, ela morreu em... bem, praticamente em um hospício. Há um histórico de insanidade na família. O avô cometeu suicídio com um tiro, uma das tias

de Allegra é uma retardada sem qualquer esperança, e outra se suicidou por afogamento.

John Segrave emitiu um som inarticulado.

— Creio que devia contar-lhe isso — declarou Maisie, virtuosamente. — Somos amigos, não? E, é claro, Allegra é muito atraente. Muitos jovens pediram-na em casamento, mas naturalmente ela não quer se casar de forma alguma... Ela não poderia, não é?

— Ela está bem — disse Segrave. — Não há nada de errado com *ela*.

A voz de John soou pouco natural e áspera aos seus próprios ouvidos.

— Nunca se sabe, a mãe dela parecia perfeitamente bem quando jovem. Ela era apenas... excêntrica, você me entende? E acabou enlouquecendo, proferindo insanidades. É uma coisa horrível, a loucura.

— Sim — concordou ele. — É a Coisa mais horrível.

Ele agora sabia o que o encarara da janela da Casa.

Maisie ainda falava. Ele interrompeu-a bruscamente.

— Na verdade, vim despedir-me... e agradecer-lhe por toda a sua gentileza.

— Você não está indo embora, está?

Havia um tom de alarme em sua voz.

Ele sorriu discretamente para ela, um sorriso tortuoso, patético e atraente.

— Sim — respondeu ele. — Para a África.

— África?

Maisie repetiu a palavra inexpressivamente. Antes que pudesse recuperar a calma, ele apertou-lhe a mão e saiu. Maisie foi deixada em pé, as mãos cerradas, caídas ao longo do corpo, um furioso rubor em cada bochecha.

Lá embaixo, na porta de entrada, John Segrave viu-se face a face com Allegra, que chegava da rua. Trajava luto, o rosto branco e sem vida. Ela olhou-o de relance e, a seguir, introduziu-o na pequena sala de estar usada apenas durante as manhãs.

— Maisie lhe contou — disse ela. — Você sabe?

Ele assentiu com a cabeça.

— Mas o que importa isso? *Você* está bem. Isso... isso deixa algumas pessoas de fora.

Ela encarou-o sombria e pesarosamente.

— Você *está* bem — repetiu ele.

— Não sei. — Ela quase sussurrava. — Não sei. Eu lhe falei a respeito dos meus sonhos. E, quando toco... quando estou ao piano, *aqueles outros*

vêm e assumem o controle de minhas mãos.

Ele a olhava fixamente, estático. Por um instante, enquanto Allegra falava, algo olhou através dos olhos dela. Algo que se foi num átimo — mas que ele conhecia. Era a Coisa que olhara da Casa.

Ela captou sua momentânea repugnância.

— Você vê — murmurou ela. — Você vê... mas eu teria apreciado que Maisie não lhe tivesse contado. Isso tira tudo de você.

— Tudo?

— Sim. Não mais haverá sonhos. De agora em diante, você jamais ousará sonhar com a Casa novamente.

O sol da África Ocidental estava a pino e o calor era intenso.

John Segrave continuava a gemer.

— Não consigo encontrá-la. Não consigo encontrá-la.

O pequeno médico inglês, com cabelos ruivos e largos maxilares, olhou mal-humorado para seu paciente, naquela intimidadora maneira que lhe era muito própria.

— Ele está sempre dizendo isso. O que significa?

— Ele fala, creio, de uma casa, *monsieur*. — A

suave voz da irmã de caridade da missão católica expressou a sua gentil imparcialidade, enquanto ela olhava para o doente.

— Uma casa, hem? Bem, ele terá de afastá-la da cabeça ou não conseguiremos salvá-lo. A casa está na mente dele. Segrave! Segrave!

A atenção dispersa fixou-se. Os olhos pousaram sobre o rosto do médico, dando mostras de reconhecimento.

— Escute, você vai se salvar. Eu vou salvá-lo. Mas você precisa parar de se preocupar com essa casa. Ela não pode fugir, você sabe. Portanto, não se preocupe em procurá-la agora.

— Tudo bem. — Ele parecia obediente. — Suponho que ela realmente não pode fugir, uma vez que nunca esteve em lugar algum.

— Claro que não! — O médico riu jovialmente. — Agora você vai se recuperar num instante. — E, com sua impetuosa rudeza de comportamento, ele preparou-se para sair.

Segrave ficou divagando. A febre havia diminuído por um momento, e ele pôde pensar clara e lucidamente. Ele *precisava* encontrar aquela Casa.

Durante dez anos reudara encontrá-la; a idéia de que poderia topar com ela sem querer fora o

maior dos seus terrores. Então, recordava-se ele, quando seus temores estavam quase aplacados a ponto de cessar, um dia a *Casa* tinha encontrado a *ele*. Lembrava-se perfeitamente do horror inicial, persecutório, e a seguir o súbito e extraordinário alívio. Pois, afinal de contas, a Casa estava vazia!

Completamente vazia e estranhamente silenciosa. Era como a vira dez anos antes. Não a havia esquecido. Havia uma enorme carroça negra de transportar mobília afastando-se lentamente da Casa. O último inquilino, era evidente, mudava-se com suas coisas. Ele aproximou-se do homem que conduzia a carroça e dirigiu-lhe a palavra. Havia algo extremamente sinistro quanto à carroça; ela era muito negra. Os cavalos também eram negros, com crinas e caudas agitando-se livremente, e todos os homens usavam roupas e luvas negras. Tudo aquilo fazia com que ele se lembrasse de alguma outra coisa, embora não conseguisse definir o quê.

Sim, ele havia acertado. O último inquilino estava se mudando, pois seu contrato de aluguel estava encerrado. A Casa permaneceria vazia durante algum tempo, até que o proprietário retornasse do exterior.

E, ao acordar, fora dominado pela serena beleza da Casa vazia.

Um mês depois disso, Segrave recebera uma carta de Maisie (que lhe escrevia perseverantemente uma vez por mês), informando-lhe que Allegra Kerr morrera na mesma casa em que a mãe falecera. Não era terrivelmente triste? Não obstante, naturalmente, tivesse sido uma misericordiosa libertação.

Na verdade, isso havia sido realmente muito estranho. Receber uma notícia dessas logo após um sonho como aquele. Ele não compreendeu absolutamente nada. Mas era esquisito.

E o pior de tudo é que jamais fora capaz de encontrar a Casa desde então. De alguma forma, ele havia se esquecido do caminho.

A febre começou a tomar conta dele outra vez, que se debatia, agitado. Claro, ele se esquecera, a Casa encontrava-se em um terreno elevado! Ele precisava subir para chegar até lá. Mas era uma tarefa árdua subir colinas — terrivelmente árdua. Subir, subir, subir — Oh! Ele havia deslizado! Precisava recomeçar, desde o começo. Subir, subir, subir — os dias se passavam, as semanas... Ele não tinha certeza se os anos não se passavam. E ele ainda estava subindo.

Certa vez escutou a voz do médico. Mas não podia parar de subir para ouvi-lo. Além disso, o doutor lhe diria que parasse de procurar a Casa. *Ele*

achava que era uma casa comum. Ele de nada sabia.

Lembrou-se, subitamente, de que precisava ficar calmo, muito calmo. Não poderia encontrar a Casa a menos que estivesse bastante calmo. Não adiantava procurar a Casa às pressas ou demasiadamente agitado.

Se ele ao menos pudesse manter-se calmo! Mas estava tão quente! Quente? Estava *frio* — sim, frio. Não eram colinas, eram *icebergs* — *icebergs* frios e pontudos.

Ele estava tão cansado! Não prosseguiria na busca — era inútil. Ah! eis uma alameda — isso era melhor do que *icebergs*, de qualquer maneira. Como era agradável e sombreada a verdejante e fresca alameda. E aquelas árvores — eram esplêndidas! Eram como... o quê? Não conseguia lembrar-se, mas isso não importava.

Ah!, eis que havia flores. Todas azuis e douradas. Como eram adoráveis — e estranhamente familiares. Claro, já estivera ali antes. Adiante, entre as árvores, vislumbrava-se o brilho da Casa, erguida num terreno elevado. Como era linda. A alameda verdejante, as árvores e as flores nada representavam em face da suprema e gratificante beleza da Casa.

Ele apressou as passadas. E pensar que até

agora jamais estivera no interior da Casa! Que coisa inacreditavelmente estúpida de sua parte — pois durante todo o tempo tivera a chave em seu bolso!

Era evidente que a beleza do exterior nada significava diante da beleza que lá dentro existia — especialmente agora, que o proprietário retornara do exterior. Ele subiu os degraus até a enorme porta.

Mãos fortes e cruéis arrastavam-no de volta. Lutavam com ele, empurrando-o de um lado para o outro, para a frente e para trás.

O médico estava sacudindo-o, rugindo em seus ouvidos.

— Firme, homem, você consegue. Não desista. Não desista.

Seus olhos estavam iluminados pela ferocidade de alguém que vê um inimigo. Segrave pôs-se a imaginar quem era o Inimigo. A freira, em seu hábito negro, rezava. Aquilo também era estranho.

E tudo o que *ele* queria era ficar sozinho. Voltar à Casa. Pois, a cada momento, a Casa tornava-se mais e mais indistinta.

Isso, naturalmente, porque o médico era muito forte. John não era forte o suficiente para lutar com o doutor. Se ao menos ele pudesse...

Mas espere! Havia outra maneira... a maneira pela qual os sonhos se desvaneciam no momento em que se acordava. Nenhuma força conseguia detê-los — eles simplesmente esvoaçavam com rapidez. As mãos do médico não seriam capazes de segurá-lo caso ele escorregasse — apenas escorregasse!

Sim, esse era o caminho! As paredes brancas mais uma vez estavam visíveis, a voz do médico mais e mais distante, suas mãos quase imperceptíveis. Ele agora sabia como os sonhos se divertiam quando se deixava que escapassem!

Ele estava à porta da Casa. A estranha tranquilidade não foi perturbada. Ele pôs a chave na fechadura e girou-a.

Aguardou apenas um momento para compreender a inteireza da perfeição, do inefável, da total e perene perfeição da beleza.

Então — ele ultrapassou o Limiar.



POSFÁCIO

A casa dos sonhos foi publicada pela primeira vez na *Sovereign Magazine*, em janeiro de 1926. O conto é uma versão revista de *A casa da beleza*, que Agatha Christie escreveu pouco tempo antes da Primeira Guerra Mundial e identificou, em sua autobiografia, como sendo “a primeira coisa que escrevi que mostrava algum motivo de esperança”. Embora o conto original fosse obscuro e excessivamente mórbido no tom, *A casa dos sonhos* aproxima-se das assustadoras histórias fantásticas da época eduardiana, especialmente as de E. F. Benson. É profundamente mais clara e menos introspectiva do que o original, que Agatha Christie revisou exaustivamente para publicação: para aperfeiçoar a caracterização das duas mulheres, ela acentuou a

sobrenaturalidade de Allegra e ampliou o papel de Maisie. Tema similar é explorado em *O grito nos bastidores*, outro conto dos primeiros anos, publicado na antologia *O cão da morte* (1933).

Em 1938, Agatha Christie, refletindo sobre *A casa da beleza*, lembrou-se de que, ao mesmo tempo que achara “o processo de concepção agradável e o ato de passá-lo para o papel extremamente tedioso”, a semente fora plantada. “O entretenimento germinou em mim. Quando tinha um dia vago, nada para fazer, eu pensava em um conto. Eles sempre tinham finais tristes e, por vezes, sentimentos morais muito elevados.” Um importante fator de estimulação nesses anos de formação foi um vizinho em Dartmoor, Eden Phillpotts, um célebre romancista e amigo íntimo da família, que aconselhou Christie — na época Agatha Miller — em relação a seus contos e recomendou-lhe escritores cujo estilo e vocabulário poderiam lhe fornecer alguma inspiração. Anos mais tarde, quando sua própria fama já há muito eclipsara a de Phillpotts, ela descreveu como o amigo usara de tato e simpatia, tão necessários para manter a confiança de uma jovem escritora. “Eu me maravilho diante da compreensão com que ele distribuiu apenas encorajamento e conteve a crítica.”

Quando da morte de Phillpotts, em 1960, ela escreveu: “Por sua gentileza para comigo quando eu era uma jovem que estava começando a escrever, jamais lhe poderei ser suficientemente grata.”



A ATRIZ

O homem malvestido na quarta fila da platéia inclinou-se para a frente e olhou, incrédulo, para o palco. Seus olhos astutos estreitaram-se furtivamente.

— Nancy Taylor! — murmurou ele. — Pelo amor de Deus, a pequena Nancy Taylor!

Num relance, espiou o programa em sua mão. Um nome estava impresso em corpo ligeiramente maior que os demais.

— Olga Stormer! Então é assim que ela se chama. Você se imagina uma estrela, não é, minha senhora? E deve estar enchendo um belo pote de dinheiro, também. Quase me esqueci de que seu nome era Nancy Taylor, permita-me dizê-lo. Ponho-me a pensar, agora... Ponho-me a pensar, agora, o

que você diria se Jake Levitt viesse lembrá-la do fato.

A cortina caiu no encerramento do primeiro ato. Calorosos aplausos encheram o auditório. Olga Stormer, a grande atriz dramática, cujo nome em poucos anos tornara-se uma palavra familiar, estava obtendo outro triunfo como “Cora”, em *O anjo vingador*.

Jake Levitt não se juntou aos que a aplaudiam, porém um vagaroso e apreciativo sorriso distendeu-lhe gradualmente a boca. Meu Deus! Que sorte! Exatamente quando ele estava quase sem dinheiro, também. Ela tentaria blefar, supôs, mas não conseguiria nada com ele. Trabalhada da maneira certa, a coisa toda era uma mina de ouro!

Na manhã seguinte, as primeiras atividades da mina de ouro de Jake Levitt tornaram-se evidentes. Em sua sala de visitas, com laca vermelha e reposteiros negros, Olga Stormer lia e relia, pensativamente, uma carta. Seu rosto pálido, de traços extremamente expressivos, estava um pouco mais determinado do que de hábito e, de vez em quando, os olhos verde-acinzentados sob as sobrancelhas perfeitas miravam à meia distância, como se ela contemplasse a ameaça que ali se escondia em vez das concretas palavras escritas na

carta.

Com a maravilhosa voz que poderia vibrar de emoção ou ser cortante como o clique de uma máquina de escrever, Olga chamou:

— Srta. Jones!

Uma jovem elegante, usando óculos, lápis e bloco de taquigrafia nas mãos, aproximou-se apressada, vinda de uma sala adjacente.

— Telefone para o sr. Danahan e peça-lhe que venha imediatamente.

Syd Danahan, empresário de Olga Stormer, entrou na sala com a costumeira apreensão do homem cuja vida é lidar e superar os caprichos das atrizes. Lisonjear, acalmar, intimidar, um de cada vez ou todos juntos, esta era a sua rotina diária. Para seu alívio, Olga pareceu-lhe calma e equilibrada e simplesmente estendeu-lhe uma carta que estava sobre a mesa.

— Leia isso.

A carta estava garatujada por mão analfabeta, em papel barato.

“Prezada senhora,

Apreciei muito seu desempenho em *O anjo vingador* na noite passada. Suponho que tenhamos uma amiga comum na srta. Nancy

Taylor, de Chicago. Um artigo a respeito dela será publicado em breve. Se a senhora quiser discuti-lo, poderei visitá-la no momento em que lhe for mais conveniente.

Respeitosamente seu,

Jake Levitt”

Danahan mostrou-se ligeiramente desorientado.

— Não entendi nada. Quem é esta Nancy Taylor?

— Uma jovem que estaria melhor morta, Danny. — Havia amargura em sua voz e uma fadiga que revelava os seus 34 anos. — Uma jovem que estava morta até que este corvo que se alimenta de carne putrefata trouxe-a novamente à vida.

— Oh! Então...

— Sou eu, Danny. Simplesmente eu.

— Isto significa chantagem, naturalmente?

Ela concordou com a cabeça.

— Claro, e por um homem que conhece perfeitamente essa arte.

Danahan franziu as sobrancelhas, pensando sobre o assunto. Olga, o rosto apoiado nas longas e esbeltas mãos, olhava-o com olhos impenetráveis.

— O que acha de um blefe? Negue tudo. Ele

não pode ter certeza de não ter sido levado a equivocar-se devido a alguma semelhança ocasional.

Olga negou com um movimento de cabeça.

— Levitt ganha a vida chantageando mulheres. Ele tem bastante certeza.

— E quanto à polícia? — arriscou Danahan, duvidoso.

O sorriso indistinto e zombeteiro foi resposta suficiente. Sob o autocontrole dela, embora ele não imaginasse, havia a impaciência de um cérebro perspicaz observando um cérebro mais lento, percorrendo laboriosamente o terreno que ela havia cruzado em um átimo.

— Você não acha... hã... que seria inteligente da sua parte... hã... dizer alguma coisa a *Sir* Richard? Até certo ponto, isso poderia atrapalhar os planos desse chantagista.

O noivado da atriz com *Sir* Richard Everard, membro do Parlamento, fora anunciado poucas semanas antes.

— Conte tudo a Richard quando ele me pediu em casamento.

— Meu Deus, foi muito perspicaz de sua parte — declarou Danahan, admirado.

Olga esboçou um sorriso.

— Não foi perspicácia, meu caro Danny. Você não compreenderia. Não obstante, se esse Levitt fizer o que ameaça, minha carreira acaba e, incidentalmente, a carreira parlamentar de Richard também se arruinaria. Não, até onde posso ver a situação, há apenas duas coisas a fazer.

— Sim?

— Pagar... e isso certamente não teria fim! Ou desaparecer e recomeçar.

A amargura estava novamente muito evidente em sua voz.

— E nem sequer fiz algo de que pudesse lamentar-me. Eu era uma criança meio morta de fome, abandonada nas sarjetas, Danny, lutando para manter-me honesta. Atirei em um homem, um homem brutal, que merecia levar um tiro. As circunstâncias sob as quais eu o matei eram tais que nenhum júri do mundo teria me condenado. Sei disso agora, mas naquela época eu era apenas uma criança assustada... e... fugi.

Danahan meneou a cabeça em sinal de compreensão.

— Suponho — disse ele, meio em dúvida — que não exista nada de que se possa acusar esse sujeito, Levitt, certo?

Olga negou com a cabeça.

— É muito improvável. Ele é covarde demais para fazer alguma coisa errada. — O som de sua própria voz parecia provocar-lhe dor. — Um covarde! Eu me pergunto se não poderíamos trabalhar nisso, de alguma maneira.

— Se *Sir* Richard fosse vê-lo e o assustasse ...
— sugeriu Danahan.

— Richard é requintado demais para isso. Não se pode tratar com esse tipo de homem usando luvas.

— Bem, deixe-me vê-lo.

— Perdoe-me, Danny, mas não creio que você seja astuto o suficiente. Algo entre luvas e mãos nuas é necessário. Mitenes, digamos! Isso significa uma mulher! Sim, eu acredito mais que uma mulher possa realizar a proeza. Uma mulher com uma certa dose *de finesse*, mas que conheça o lado abjeto da vida a partir de uma amarga experiência. Olga Stormer, por exemplo! Não fale comigo, tenho um plano em andamento.

Ela inclinou-se para a frente, escondendo o rosto nas mãos, que ergueu de repente.

— Qual é o nome daquela moça que quer se preparar para ser minha eventual substituta? Margaret Ryan, não é? A moça com o cabelo igual ao meu?

— O cabelo dela tudo bem — admitiu Danahan, de má vontade, pousando os olhos nos cachos bronze-dourados que rodeavam a cabeça de Olga. — É exatamente como o seu, conforme você diz. Mas ela não presta para mais nada sob qualquer outro aspecto. Eu ia despedi-la na próxima semana.

— Se tudo correr bem, provavelmente você terá de permitir que ela seja minha substituta no papel de “Cora”. — Ela impediu que ele protestasse com um aceno de mão. — Danny, responda-me honestamente: você acha que eu sei representar? Quero dizer, *realmente* representar. Ou sou apenas uma mulher atraente, que vagueia por aí em lindos vestidos?

— Representar? Meu Deus! Olga, não existe ninguém como você desde Duse!

— Então, se realmente Levitt é um covarde, como eu suspeito, a coisa irá funcionar. Não, não vou lhe falar nada a respeito. Quero que você consiga falar com a jovem Ryan. Diga-lhe que estou interessada nela e que desejo jantar aqui com ela amanhã à noite. Ela virá correndo.

— Eu diria que sim!

— A outra coisa que quero é um bom e forte sortimento de pílulas, algo que ponha alguém fora de combate durante uma ou duas horas, mas que

não deixe nenhuma seqüela no dia seguinte.

Danahan sorriu.

— Não posso garantir que o nosso amigo não terá sequer dor de cabeça, mas ele não sofrerá nenhum dano permanente.

— Ótimo! Apresse-se, então, Danny, e deixe o resto comigo. — Ela ergueu a voz: — Srta. Jones!

A jovem de óculos surgiu com a sua habitual alacridade.

— Anote isto, por favor.

Caminhando vagarosamente de um lado para o outro, Olga ditou a correspondência diária. Mas uma resposta ela escreveu de próprio punho.

Jake Levitt, em seu quarto sombrio, sorria enquanto rasgava o esperado envelope.

“Prezado senhor,

Não consegui lembrar-me da senhora de quem o senhor falou, mas conheço tanta gente que minha memória tornou-se necessariamente algo imprecisa. Estou sempre disposta a ajudar qualquer colega atriz e, portanto, estarei em casa, se o senhor vier, esta noite às nove.

Sinceramente,

Olga Stormer”

Levitt meneou a cabeça com profunda satisfação. Resposta esperta! Ela nada admitia. Não obstante, queria conversar. A mina de ouro começava a funcionar.

Precisamente às nove horas Levitt estava de pé do lado de fora da porta do apartamento da atriz e apertou a campainha. Ninguém respondeu ao chamado e ele estava prestes a apertá-la novamente, quando percebeu que a porta estava apenas encostada. Empurrou-a e entrou no saguão. À sua direita havia uma porta aberta, que levava a uma sala brilhantemente iluminada, um aposento decorado em vermelho e preto. Levitt entrou. Sobre a mesa, debaixo da luminária, havia uma folha de papel na qual estavam escritas as palavras:

“Por favor, espere até que eu retorne. Olga Stormer.”

Levitt sentou-se e pôs-se a esperar. Apesar de lutar contra, uma sensação de desconforto estava se apoderando dele. O apartamento estava profundamente quieto. Havia alguma coisa sinistra naquele silêncio.

Nada errado, claro, como poderia haver? Mas a sala estava mortalmente calma; ainda assim, calma como estava, ele tinha a absurda e desconfortável

sensação de que não se encontrava sozinho. Bobagem! Enxugou o suor na testa. A impressão, porém, tornou-se mais forte. Ele não estava sozinho! Murmurando uma imprecisão, levantou-se e começou a caminhar de um lado para o outro. Em um minuto a mulher retornaria e então...

Ele parou de repente, soltando um grito abafado. Por debaixo do reposteiro de veludo negro que recobria a janela, a mão surgia! Ele parou e tocou-a. Fria — horivelmente fria — a mão estava morta.

Com um grito, puxou as cortinas. A mulher ali jazia, um braço estendido, o outro dobrado sob ela, assim como o rosto, voltado para baixo, seu cabelo bronze-dourado espalhando-se em mechas desgrenhadas sobre o pescoço.

Olga Stormer! Tremendo, seus dedos sentiram a gélida frialdade daquele pulso e procuraram por algum sinal de pulsação. Como imaginava, não havia nenhum. Ela estava morta. Havia escapado dele, portanto, tomando o caminho mais simples.

De súbito, seus olhos foram atraídos pelas duas pontas de uma corda vermelha que finalizavam em fantásticas borlas semi-escondidas em seus cabelos. Tocou-as cautelosamente; a cabeça tombou para o lado, e ele teve uma rápida visão de

um horrível rosto púrpura. Jake saltou para trás com um grito, sua cabeça girando. Havia alguma coisa ali que ele não compreendia. A breve espiadela naquele rosto, desfigurado como estava, mostrara-lhe uma coisa. Aquilo era assassinato, não suicídio. A mulher fora estrangulada e... não era Olga Stormer!

Ah! O que era aquilo? Um som às suas costas. Virou-se e viu-se olhando direto para os olhos aterrorizados de uma criada, que se agachava de encontro a parede. Seu rosto estava tão branco quanto a touca e o avental que vestia, mas ele não entendeu o hipnótico horror em seus olhos até que suas palavras entrecortadas esclareceram-no sobre o perigo que corria.

— Oh, meu Deus! Você a matou!

Mesmo então, ele não compreendeu completamente. E replicou:

— Não, não, ela já estava morta quando a encontrei.

— Eu vi você matá-la! Você puxou a corda e a estrangulou. Ouvi o grito gorgolejante que ela deu.

O suor brotou rapidamente em sua testa. Sua mente revisou, às pressas, todas as suas ações nos poucos minutos anteriores. Ela devia ter entrado no mesmo momento em que ele tinha nas mãos as duas

pontas da corda; ela vira a cabeça tombar e tomara o seu próprio grito como sendo da vítima. Ele a olhava desamparado. Não havia dúvida quanto ao que ele via em seu rosto: terror e estupidez, Ela diria à polícia que vira o crime ser cometido, e nenhum interrogatório mudaria o seu depoimento, ele tinha certeza disso. Ela destruiria a sua vida, com a inabalável convicção de que estava dizendo a verdade.

Que horrível e inopinada cadeia de circunstâncias! Pare, aquilo era inopinado? Havia algo de diabólico ali? Num impulso, ele disse, encarando-a fixamente:

— Essa não é a sua patroa, sabia?

A resposta, dada mecanicamente, jogou alguma luz sobre a situação.

— Não, é uma atriz amiga dela... se é que se pode chamá-las de amigas, visto que brigavam como cão e gato. Estavam aqui esta noite, às turras.

Uma armadilha! Agora ele entendia.

— Onde está a sua patroa?

— Saiu há dez minutos.

Uma armadilha! E ele nela caíra como um cordeirinho. Uma diaba esperta, essa Olga Stormer; livrara-se da rival, e ele ia sofrer pelo ato. Assassinato! Meu Deus, eles enforcavam um ho-

mem por assassinato! E ele era inocente... inocente!

Um farfalhar furtivo chamou-o de volta. A empregadinha estava se encaminhando de lado para a porta. Suas faculdades mentais recomeçavam a trabalhar. Seus olhos fixaram-se hesitantes no telefone, depois novamente na porta. Ele precisava silenciá-la a qualquer custo. Era a única maneira. Tanto fazia ser enforcado por um crime real como por um fictício. Ela não tinha armas, nem ele. Mas ele tinha as suas mãos! Foi então que seu coração deu um salto. Na mesa, ao lado dela, quase ao alcance de sua mão, havia um pequeno revólver, enfeitado com pedras preciosas. Se pudesse alcançá-lo antes dela...

Os olhos dele ou o instinto avisaram-na. Ela pegou o revólver quando ele se moveu e apontou-o para o peito dele. Desajeitadamente, enquanto o segurava, mantinha o dedo no gatilho. Não teria dificuldade em atingi-lo daquela distância. Ele parou imóvel. Um revólver que pertencesse a uma mulher como Olga Stormer certamente estaria carregado.

Mas havia uma coisa: ela não estava mais diretamente entre ele e a porta. Desde que ele não a atacasse, possivelmente ela não teria coragem de disparar. De qualquer forma, tinha de arriscar.

Ziguezagueando, correu para a porta, atravessou o saguão e saiu pela porta da frente, batendo-a às suas costas. Ouvia a voz dela, fraca e trêmula, chamando: “Polícia, assassinato!” Ela teria de gritar bem mais alto até que alguém pudesse ouvi-la. Ele já dera início à solução, pelo menos. Descendo as escadas, saiu correndo pelas ruas vazias, depois diminuiu as passadas e, caminhando como um pedestre sem rumo, dobrou a esquina. Ele tinha um plano todo montado. Ir para Gravesend o mais rapidamente possível. Um navio zarparia dali naquela noite, para as partes mais remotas do globo. Ele conhecia o capitão, um homem que, por consideração, não lhe faria perguntas. Uma vez a bordo e em alto-mar, ele estaria seguro.

Às onze horas, o telefone de Danahan tocou. OuvIU-se a voz de Olga.

— Prepare um contrato para a srta. Ryan, ouviu? Ela será minha substituta no papel de “Cora”. Está absolutamente fora de questão qualquer discussão. Devo-lhe algo depois de todas as coisas que ela fez por mim esta noite. Quê? Sim, creio que me livrei de todos os meus problemas. E, aproveitando a ocasião, se ela lhe disser amanhã que eu sou uma fervorosa espírita e que a coloquei em transe esta noite, não demonstre nenhuma

incredulidade. Como? Soníferos no café, seguidos de passes científicos! Depois disso, maquiei seu rosto com cosmético púrpura e apliquei um torniquete em seu braço esquerdo! Aturdido? Bem, você terá de ficar aturdido até amanhã. Não tenho tempo para lhe dar explicações agora. Preciso livrar-me da touca e do avental antes que a minha fiel Maud retorne do cinema. Havia um “drama maravilhoso” esta noite, disse-me ela. Mas ela perdeu o melhor drama de todos. Representei o meu melhor papel esta noite, Danny. As mitenes venceram! Jake Levitt é um completo covarde e... oh, Danny, Danny... eu sou uma atriz!



POSFÁCIO

O conto *A atriz* foi publicado pela primeira vez no *Novel Magazine*, em maio de 1923, com o título de *Armadilha para um imprudente*, sob o qual foi republicada em um livreto, lançado em 1990, a fim de assinalar o centenário de nascimento de Agatha Christie.

Esta história ilustra a grande habilidade de Agatha Christie em pegar um determinado enredo e reapresentá-lo, talvez na mesma forma, porém sob uma perspectiva diferente ou com sutis, mas significativas, variações, a fim de disfarçá-lo do leitor. O simples toque de prestidigitação usado em *A atriz* aparece em várias outras histórias, mais obviamente na intrigante aventura de *Miss Marple*, *O caso do bangalô*, reunida em *Os treze problemas*

(1932) e no romance com Hercule Poirot *Morte na praia* (1941).

Esta história lembra-nos de que Agatha Christie é também uma das autoras teatrais mais bem-sucedidas da Grã-Bretanha, mesmo que sua primeira peça — que ela descrevia como “uma peça extremamente melancólica que, se minha memória está correta, tratava de incesto” — jamais tenha sido encenada. Sua peça favorita era *Testemunha de acusação* (1953), porém a mais famosa, sem dúvida, é *A ratoeira* (1952), que vem sendo apresentada em Londres, sem interrupção, há quase cinquenta anos. Visto que a trama de *A ratoeira* centraliza-se na habilidade do criminoso em ludibriar suas vítimas, ela depende, enquanto peça de teatro, da consciência de Agatha Christie de como a platéia reagirá ao que vê e escuta e de sua suprema capacidade de manipular o que esta platéia entende em relação ao que virá a acontecer. Depois que *A ratoeira* estreou em Londres, o comentarista do jornal *The Times* declarou que “a peça preenche, admiravelmente, todas as exigências específicas do teatro” e, como sabem todos os que estiveram vinculados a ela ou a estudaram cuidadosamente, *existe* um segredo para o seu sucesso ou, mais apropriadamente, para o sucesso de porque tão

poucos são capazes de antever seu espetacular desenlace.



TENSÃO E MORTE

Clare Halliwell desceu a pequena trilha que ia da porta de seu chalé ao portão. Levava uma cesta no braço e, na cesta, havia um frasco com sopa, um pouco de geléia feita em casa e algumas uvas. Não existiam muitos pobres na pequena aldeia de Daymer's End, mas aqueles que estavam nessa condição eram assistidos com zelo, e Clare era uma das pessoas mais eficientes do povoado nesse sentido.

Clare Halliwell estava com 32 anos, tinha um porte ereto, um colorido saudável e agradáveis olhos castanhos. Não era bonita, mas tinha uma aparência viçosa, simpática e profundamente inglesa. Todos gostavam dela e diziam que era uma boa pessoa. Desde a morte de sua mãe, há dois anos,

vivia sozinha no chalé com seu cachorro, Rover. Criava aves domésticas e amava os animais e a vida saudável ao ar livre.

Assim que levantou a aldrava, um carro de dois lugares passou correndo, e a motorista, uma jovem com um chapéu vermelho, saudou-a com um aceno. Clare respondeu, mas, por um momento, seus lábios se contraíram. Ela sentia aquele aperto no coração sempre que via Vivien Lee, a esposa de Gerald!

A granja Medenham, que ficava a cerca de um quilômetro e meio das cercanias da aldeia, pertencera aos Lee por muitas gerações. *Sir* Gerald Lee, o atual proprietário da granja, era um homem envelhecido para sua idade e, na opinião de muitos, dono de modos rígidos. Na verdade, sua impotência encobria uma grande dose de timidez. Ele e Clare haviam brincado juntos quando crianças. Mais tarde, tinham se tornado bons amigos, e um laço mais íntimo e fervoroso fora confidencialmente esperado por muitos, inclusive, deve-se dizer, pela própria Clare. Não havia pressa, claro, mas algum dia... Ela deixou isso assim em sua mente, Algum dia.

Mas então, há apenas um ano, a aldeia surpreendera-se com a notícia do casamento de *Sir*

Gerald com a srta. Harper, uma jovem de quem ninguém jamais ouvira falar!

A nova *Lady* Lee não se tornara popular na aldeia. Não tinha o menor interesse pelos assuntos locais, enfadava-se com as caçadas e tinha aversão ao campo e aos esportes ao ar livre. Muitos dos sabichões da comunidade balançavam a cabeça e se perguntavam como aquilo terminaria. Era fácil ver até onde a louca paixão de *Sir* Gerald chegara. Vivien era linda. Da cabeça aos pés, era o oposto de Clare Halliwell, miúda, tinha um toque de Sífide, um cabelo ruivo-alourado que se encaracolava encantadoramente ao redor de suas lindas orelhas e enormes olhos cor de violeta, talhados para disparar provocativos olhares de esguelha.

Gerald Lee, com seu jeito de homem simples, mostrara-se ansioso para que sua esposa e Clare pudessem ser grandes amigas. Clare era freqüentemente convidada a jantar na granja, e Vivien demonstrava uma encantadora máscara de afetuosa intimidade quando quer que se encontrassem. Daí a alegre saudação feita por ela naquela manhã.

Clare continuou caminhando e cumpriu sua incumbência. O vigário também estava visitando a velha senhora em questão, ele e Clare caminharam

juntos durante algum tempo, antes que tomassem rumos diferentes. Ficaram parados alguns minutos, discutindo assuntos da comunidade.

— Jones começou de novo, parece-me — disse o vigário. — E eu tive tantas esperanças depois que ele, voluntária e espontaneamente, havia se comprometido por escrito a abster-se de bebidas alcoólicas.

— Repugnante — disse Clare, energicamente.

— Assim nos parece — disse o sr. Wilmot —, mas devemos nos lembrar de que é muito difícil nos colocarmos no lugar dele e compreender o que o tenta. O impulso de beber é inexplicável para nós, mas todos temos nossas próprias tentações, que nos permitem entendê-lo.

— Suponho que sim — admitiu Clare, indecisa.

O vigário olhou-a.

— Alguns de nós temos a sorte de sofrer pequenas tentações — comentou, gentilmente. — Mas, até mesmo para essas pessoas, a hora chega. Ficar atento e rezar, lembre-se, para não cair em tentação.

Então, despedindo-se, ele afastou-se animadamente. Clare prosseguiu pensativamente e, dali a pouco, quase esbarrou em *Sir Gerald Lee*.

— Alô, Clare. Esperava encontrá-la. Você parece estar muito bem. Como está ruborizada!

O rubor não existia um minuto antes. Lee prosseguiu:

— Conforme estava dizendo, esperava encontrá-la. Vivien irá passar o fim de semana em Bournemouth. A mãe dela não está bem. Você pode jantar conosco na terça-feira em vez de hoje à noite?

— Ora, sim! Terça-feira estará perfeitamente bem para mim.

— Tudo certo, então. Esplêndido. Preciso apressar-me.

Clare voltou para casa e deparou com uma fiel empregada de pé à porta, esperando por ela.

— Ainda bem que chegou, senhorita. Houve uma enorme confusão. Trouxeram Rover para casa. Ele saiu sozinho esta manhã, e um automóvel atingiu-o em cheio.

Clare correu até o cachorro. Ela adorava animais, e Rover era o seu favorito. Examinou cada uma de suas patas e depois apalpou o restante do corpo do animal, que gemeu uma ou duas vezes e lambeu-lhe a mão.

— Se há algum dano sério, é interno — disse ela, finalmente, — Nenhum osso está quebrado.

— Vamos levá-lo para ser examinado pelo

veterinário, senhorita?

Clare negou com a cabeça. Ela não confiava muito no veterinário local.

— Vamos esperar até amanhã. Ele parece não estar sentindo muita dor e suas gengivas têm boa cor; portanto, não há hemorragia interna. Amanhã, se não gostar de sua aparência, irei até Skippington de carro e pedirei a Reeves que o examine. Ele é o melhor.

No dia seguinte, Rover parecia mais fraco, e Clare seguiu rigorosamente seu projeto. A pequena cidade de Skippington ficava a cerca de 65 quilômetros de distância, uma longa estrada, mas Reeves, o veterinário local, era famoso por muitos quilômetros nos arredores.

Ele diagnosticou algumas lesões internas, porém expressou excelentes previsões de recuperação, e Clare retirou-se bastante contente em deixar Rover aos seus cuidados.

Havia apenas um hotel com alguma qualidade em Skippington, o County Arms. Era freqüentado principalmente por caixeiros-viajantes, pois não havia nenhuma boa área de caça nas proximidades de Skippington e, além disso, a cidade ficava fora da rota das principais rodovias.

O almoço não seria servido antes das treze

horas e, como faltavam alguns minutos para a hora marcada, Clare divertia-se examinando o livro de registro de hóspedes.

Subitamente, ela soltou uma exclamação abafada. Com toda certeza, conhecia aquela caligrafia, com floreios, curvas e rodopios. Ela sempre a considerara inconfundível. Mesmo agora poderia ter jurado... mas, é claro, isso era totalmente impossível. Vivien Lee estava em Bournemouth. O registro, em si mesmo, demonstrava que era impossível: *Sr. e sra. Cyril Brown, Londres*.

Todavia, apesar de suas convicções, seus olhos se voltavam para aquela escrita rebuscada vezes sem conta e, num impulso que ela não poderia definir, Clare perguntou abruptamente à mulher da recepção:

— Sra. Cyril Brown? Estou me perguntando se não é a mesma pessoa que conheço.

— Uma senhora miúda, de cabelos ruivos e muito bonita? Ela chegou num carro vermelho de dois lugares, madame. Um Peugeot, creio.

Então era assim! Uma notável coincidência. Como se em sonho, ela ouvia a mulher prosseguir:

— Eles estiveram aqui há um mês, para passar um fim de semana, e gostaram tanto que resolveram voltar. Recém-casados, ousaria dizê-lo.

Clare ouviu sua voz dizendo:

— Obrigada. Não creio que pudesse ser a minha amiga.

Sua voz soava diferente, como se pertencesse a outra pessoa. Naquele momento, sentada no salão de refeições, comendo calmamente rosbife frio, sua mente era uma confusão de pensamentos e emoções conflitantes.

De qualquer maneira, não tinha dúvidas. Havia avaliado Vivien corretamente desde o primeiro encontro. Vivien era daquele tipo. Perguntou-se distraidamente quem seria o homem. Alguém que Vivien conheceria antes do casamento? Muito provavelmente, isso não importava — nada importava, exceto Gerald.

O que ela — Clare — ia fazer quanto a Gerald? Ele precisava saber — certamente precisava saber. Obviamente tinha a obrigação de contar-lhe. Descobrira o segredo de Vivien por acaso, mas não devia perder tempo em poupar Gerald dos fatos. Ela era amiga de Gerald, não de Vivien.

No entanto, de uma forma ou de outra, sentia um certo desconforto. Sua consciência não estava apaziguada. Ao consultá-la, seu raciocínio pareceu-lhe correto, mas dever e tendenciosidade saltaram duvidosamente juntos. Admitia para si mesma que

não gostava de Vivien. Além disso, se Gerald viesse a se divorciar de sua esposa — e Clare não tinha dúvidas de que seria exatamente isso o que ele faria, pois era um homem quase fanático quanto à própria honra — então... bem, o caminho ficaria livre para que Gerald viesse até ela. Diante disso, encolheu-se, melindrada. O ato que se propunha realizar pareceu-lhe repulsivo e sem sentido.

O elemento pessoal pesava muito. Ela não podia estar segura de seus motivos. Clare era essencialmente uma mulher generosa e conscienciosa. Esforçou-se, então, com toda honestidade, para identificar onde repousava seu dever. Desejava, como sempre havia desejado, agir corretamente. O que era certo neste caso? O que era errado?

Por puro acaso ela tomara conhecimento de fatos que afetavam, vitalmente, o homem que amava e a mulher de quem não gostava e — sim, também se deve ser franco — de quem sentia intenso ciúme. Ela poderia arruinar aquela mulher. Haveria justificativa para fazer isso?

Clare sempre se mantivera distante dos escândalos e calúnias que constituem uma inevitável parte do cotidiano de uma aldeia. Ela odiava sentir que agora se assemelhava a um

daqueles necrófagos humanos pelos quais sempre, e abertamente, declarara sentir nojo.

De repente, as palavras do vigário, ditas naquela manhã, vieram-lhe à mente como um raio:

“Mas, até mesmo para essas pessoas, a hora chega.”

Seria esta a *sua* hora? Seria esta a *sua* tentação? Teria essa tentação vindo insidiosamente disfarçada de dever? Ela era Clare Halliwell, uma cristã, ligada por laços de amor e caridade a todos os homens — e mulheres. Se ela fosse contar a Gerald, precisava estar absolutamente certa de que apenas motivos impessoais a orientavam. Por enquanto, não diria nada.

Ela pagou a conta do almoço e partiu em seu carro, sentindo uma indescritível iluminação espiritual. Na realidade, sentia-se mais feliz do que em muito tempo. Sentia-se alegre porque tivera forças para resistir à tentação, nada fazendo de malévolo ou desonroso. Apenas por um segundo passou-lhe pela cabeça que podia ser uma sensação de poder o que lhe iluminara a alma, porém ela abandonou a idéia, entendendo-a como fantástica.

Na terça-feira à noite, Clare sentia-se fortalecida quanto à sua decisão. A revelação não podia ser feita por meio dela. Devia guardar silêncio. Seu amor secreto por Gerald tornava a

declaração impossível. Uma visão excessivamente generosa? Talvez; mas era a única que considerava possível.

Ela chegou à granja em seu pequeno carro. O motorista de *Sir Gerald* estava em frente à casa para estacionar o carro na garagem depois que Clare tivesse saltado, pois a noite estava chuvosa. Ele acabara de se afastar quando Clare lembrou-se de alguns livros que pedira emprestado e que trouxera para devolver. Ela o chamou, porém o motorista não a ouviu. O mordomo foi atrás do carro.

Assim, por um minuto ou dois, Clare ficou sozinha no saguão, próxima à porta da sala de visitas, que o mordomo acabara de deixar entreaberta antes de anunciá-la. Os que estavam na sala, entretanto, não sabiam de sua chegada e, portanto, foi a voz de Vivien, em tom elevado, de modo algum a voz de uma *lady*, que se fez ouvir clara e distintamente:

— Oh, estamos aguardando apenas Clare Halliwell. Vocês precisam conhecê-la. Vive na aldeia e supõe ser uma das belezas locais, mas, na verdade, é terrivelmente sem atrativos. Ela tentou ao máximo agarrar Gerald, mas não conseguiu nada.

— Ora, querida — era um protesto, em tom de

murmúrio, do marido. — Ela tentou... e você não devia estar ciente do fato... até os limites extremos. Pobre Clare! Um ótimo caráter, mas tão pouco interessante.

O rosto de Clare empalideceu mortalmente, suas mãos, pendendo ao longo do corpo, fecharam-se com uma ira que ela jamais conhecera antes. Naquele momento, ela poderia ter assassinado Vivien Lee. Foi somente através de um supremo esforço físico que recuperou o controle sobre si mesma. Isso, e a idéia, parcialmente formada, de que tinha poderes para punir Vivien por aquelas palavras cruéis.

O mordomo havia retornado com os livros. Ele abriu a porta, anunciou a sua chegada e, no momento seguinte, ela estava cumprimentando uma sala repleta de pessoas com sua simpatia habitual.

Vivien, requintadamente vestida em tons que se aproximavam da cor do vinho tinto e que destacavam sua branca fragilidade, comportou-se particularmente afetuosa e efusiva. Eles não viam Clare com frequência suficiente. Ela, Vivien, ia aprender a jogar golfe, e Clare precisava lhe falar sobre o campo.

Gerald foi muito atencioso e gentil. Embora

ele não suspeitasse de que ela ouvira as palavras de sua esposa, fora dominado pela vaga idéia de expiá-los. Gerald apreciava muito Clare e desejava que Vivien não tivesse dito o que disse. Ele e Clare haviam sido amigos, nada mais — e se existia uma embaraçosa suspeita no fundo de sua mente de que estava faltando à verdade quanto a isso, ele a pôs de lado.

Após o jantar, a conversa recaiu sobre cães, e Clare voltou a narrar o acidente que Rover sofrera. Intencionalmente, esperou uma pausa na conversação para dizer:

— ...assim, no sábado, fui até Skippington.

Ela ouviu o repentino tilintar da xícara de café de Vivien no pires, mas não olhou para ela — ainda.

— Para levá-lo ao Reeves?

— Sim. Ele vai ficar bom, creio. Depois almocei no County Arms. É um *pub* bastante decente. — Ela voltou-se para Vivien. — Já esteve lá?

Se ela tivesse quaisquer dúvidas, elas teriam sido varridas para longe. A resposta de Vivien foi imediata — numa pressa gaguejada.

— Eu? Oh! Não, não...

Havia medo em seus olhos. Um medo que os fez arregalados e sombrios quando se encontraram

com os de Clare. Os olhos de Clare nada expressavam. Mostravam-se calmos, inquiridores. Ninguém poderia sonhar quão fervoroso era o prazer que dissimulavam. Naquele momento, Clare quase perdoou Vivien pelas palavras que ouvira no início da noite. Naquele instante, ela saboreou uma totalidade de poder que quase lhe causou uma vertigem. Tinha Vivien na palma de sua mão.

No dia seguinte, recebeu um bilhete da outra mulher. Clare poderia vir para um chá à tarde com ela? Clare recusou.

A seguir, Vivien foi visitá-la. Por duas vezes apareceu em horários em que era quase certo que Clare estivesse em casa. Na primeira vez, Clare realmente não estava; na segunda, porém, ela esgueirou-se pelos fundos quando percebeu Vivien caminhando pela trilha.

— Ela não tem certeza se eu sei ou não — disse a si mesma. — Quer descobrir sem se comprometer. Mas não vai conseguir... não até que eu esteja pronta.

A própria Clare mal sabia o que estava esperando. Havia decidido guardar silêncio — que era o único caminho correto e honroso. Ela sentia uma certa onda de virtude quando se lembrava da extrema provocação que recebera. Após ouvir a

maneira pela qual Vivien se referiu a ela às escondidas, um caráter mais fraco, admitia, teria abandonado suas boas intenções.

Ela foi duas vezes à igreja no domingo. Na primeira, para a comunhão matinal, da qual saiu fortalecida e espiritualmente soerguida. Nenhum sentimento pessoal deveria atormentá-la — nada malévolo ou mesquinho. Voltou, mais tarde, para o ofício da manhã. O sr. Wilmot fez um sermão sobre a famosa prece do fariseu. Ele esboçou a vida daquele homem, um bom homem, pilar da igreja. E retratou a lenta e rastejante influência maligna de orgulho espiritual que distorceu e poluiu tudo o que ele era.

Clare não o ouviu com muita atenção. Vivien estava no enorme compartimento reservado na igreja para a família Lee, e Clare, instintivamente, sabia que a outra pretendia abordá-la a seguir.

E assim aconteceu. Vivien juntou-se a Clare, caminhou até sua casa com ela e perguntou-lhe se poderia entrar. Clare, é evidente, concordou. Sentaram-se na pequena sala de estar de Clare, alegrada por flores e antiquados chintzes. A conversa de Vivien foi incoerente e espasmódica.

— Eu estava em Bournemouth, você sabe, no último fim de semana — enfatizou de imediato.

— Gerald me disse — respondeu Clare.

Entreolharam-se. Vivien parecia quase simples naquele dia. Seu rosto tinha um astuto ar de raposa, o que lhe roubava a maior parte do encanto.

— Quando você esteve em Skippington? — perguntou Vivien.

— Quando eu estive em Skippington? — repetiu Clare, educadamente.

— Você andou falando sobre um pequeno hotel lá.

— O County Arms. Sim. Você disse que não o conhecia, não foi?

— Eu... eu estive lá uma vez.

— Oh!

Ela tinha apenas de manter-se quieta e esperar. Vivien estava quase a ponto de não suportar qualquer tipo de tensão. Já estava quase cedendo a ela. De repente, inclinou-se para a frente e falou com veemência:

— Você não gosta de mim. Jamais gostou. Sempre me odiou. Agora está se divertindo, brincando de gato e rato comigo. Você é cruel... cruel. É por isso que tenho medo de você, porque você é profundamente cruel.

— Realmente, Vivien! — disse Clare de maneira cortante.

— Você *sabe*, não sabe? Sim, posso perceber que você sabe. Você sabia naquela noite... quando falou sobre Skippington. De algum modo você descobriu. Bem, eu quero saber o que você vai fazer sobre isso. O que você vai fazer?

Clare nada respondeu durante alguns instantes, e Vivien levantou-se.

— O que vai fazer? Preciso saber. Você não vai negar que sabe de tudo?

— Não pretendo negar nada — respondeu Clare, friamente.

— Você me viu naquele dia?

— Não. Vi a sua letra no livro de registro de hóspedes... Sr. e sra. Cyril Brown.

Vivien ficou ruborizada.

— Desde então — prosseguiu Clare, calmamente —, tenho feito investigações. Descobri que você não esteve em Bournemouth naquele fim de semana. Sua mãe nunca a chamou. Exatamente a mesma coisa ocorreu cerca de seis semanas antes.

Vivien deixou-se cair novamente no sofá. Explodiu em um choro furioso, o choro de uma criança assustada.

— O que você vai fazer? — falou, ofegante. — Vai contar para Gerald?

— Ainda não sei — retrucou Clare.

Ela sentia-se calma, onipotente.

Vivien levantou-se, empurrando para trás os cachos ruivos que lhe caíam sobre a testa.

— Gostaria de saber tudo sobre isso?

— Creio que seria aconselhável.

Vivien narrou-lhe toda a história. Sem nenhuma reticência. Cyril “Brown” era Cyril Haviland, um jovem engenheiro com quem estivera anteriormente comprometida. A saúde dele entrou em colapso e ele perdeu o emprego, em consequência do que não teve dúvidas em romper o namoro com Vivien, que nada possuía, e casar-se com uma rica viúva, muitos anos mais velha que ele. Logo depois, Vivien casou-se com Gerald Lee.

Ela havia reencontrado Cyril por acaso. Aquele foi o primeiro de muitos encontros. Cyril, amparado pelo dinheiro da esposa, estava prosperando em sua carreira e tornando-se uma figura conhecida. Era uma história sórdida, uma história de encontros furtivos, de incessantes mentiras e intrigas.

— Eu o amo tanto — repetiu Vivien inúmeras vezes, com um repentino gemido, todas as vezes essas palavras fizeram com que Clare se sentisse fisicamente mal.

Por fim, o recital balbuciante acabou. Vivien

gaguejou, envergonhada:

— E então?

— O que vou fazer? — perguntou Clare. — Não sei lhe dizer. Preciso de algum tempo para pensar.

— Você não me denunciara a Gerald?

— Pode ser minha obrigação fazê-lo.

— Não, não — a voz de Vivien ergueu-se num grito histérico. — Ele se divorciará de mim. Não dará ouvidos a nada. Ele descobrirá a respeito do hotel e Cyril será envolvido. E então a mulher dele se divorciará. Tudo irá por água abaixo... sua carreira, sua saúde... ele ficará sem um níquel novamente. Ele nunca me perdoaria... nunca.

— Se me permite que o diga — declarou Clare —, eu não penso muito nesse seu Cyril.

Vivien não prestou atenção.

— Afirmando que ele vai me odiar... odiar. Não posso suportar isso. Não conte a Gerald. Farei tudo o que quiser, mas não diga nada a Gerald.

— Preciso de tempo para decidir — respondeu Clare, séria. — Não posso prometer nada de imediato. Nesse meio-tempo, você e Cyril não devem se encontrar de novo.

— Não, não. Nós não vamos nos encontrar. Eu juro.

— Quando eu souber o que é a coisa certa a fazer — disse Clare —, entrarei em contato com você.

Ela levantou-se. Vivien saiu da casa em passadas furtivas e envergonhadas, olhando para trás por sobre os ombros.

Clare franziu o nariz de repugnância. Um caso abominável. Vivien manteria a promessa de não ver Cyril? Provavelmente não. Ela era fraca — completamente vulgar.

Naquela tarde, Clare saiu para dar um longo passeio. Havia uma trilha que levava às falésias. A esquerda, as verdes colinas esparramavam-se suavemente em direção ao mar lá embaixo, enquanto a trilha prosseguia firmemente para cima. Este passeio era conhecido na região como Tensão e Morte. Embora seguro o suficiente se a pessoa se mantivesse na trilha, era perigoso afastar-se dela. Aqueles insidiosos e suaves declives eram perigosos. Clare certa vez perdera um cão ah. O animal safra correndo pela relva macia, ganhara velocidade e, incapaz de parar, voara por cima do penhasco para despedaçar-se nas afiadas rochas abaixo.

A tarde estava clara e agradável. Lá embaixo, a distância, ouvia-se o murmúrio do mar, um suave

sussurro. Clare sentou-se na relva verde e ficou apreciando o azul do mar. Ela precisava encarar os fatos objetivamente. O que pretendia fazer?

Pensou em Vivien com uma espécie de repugnância. Como a jovem cedera, como abjetamente se rendera! Clare sentiu um crescente desprezo. Ela não tinha coragem — nenhuma determinação.

Não obstante, por mais que não gostasse de Vivien, Clare decidiu que, por ora, continuaria a poupá-la. Ao voltar para casa, escreveu um bilhete para ela, dizendo-lhe que, embora não pudesse fazer nenhuma promessa para o futuro, havia decidido que, por enquanto, guardaria silêncio.

A vida seguiu em frente da mesma maneira em Daymer's End. Percebia-se, na localidade, que *Lady Lee* não parecia nada bem. Por outro lado, Clare Halliwell florescia. Seus olhos estavam mais brilhantes, sua cabeça mais erguida, e havia uma renovada confiança e segurança em suas atitudes. Ela e *Lady Lee* encontravam-se com freqüência, e percebeu-se que, nestas ocasiões, a mulher mais jovem observava a mais velha com uma lisonjeira atenção diante de suas mais simples palavras.

Por vezes a srta. Halliwell fazia observações que pareciam algo ambíguas... não inteiramente

relevantes para o tema da conversação. Ela podia dizer, subitamente, que, nos últimos dias, havia mudado de idéia a respeito de muitas coisas, que era curioso como uma coisa insignificante podia alterar inteiramente o ponto de vista de alguém que estivesse pronto para ser extremante caridoso — e que isso era realmente muito inconveniente.

Quando ela dizia coisas desse tipo, normalmente olhava para *Lady* Lee de maneira peculiar, e esta, de repente, empalidecia e mostrava-se aterrorizada.

Entretanto, à medida que o ano seguia, essas pequenas sutilezas tornaram-se menos aparentes. Clare continuava a fazer as mesmas observações, mas *Lady* Lee parecia ser menos afetada por elas. Ela começou a recuperar a aparência e o entusiasmo. A alegria que a caracterizava retornou. Certa manhã, quando estava levando o cachorro para um passeio, Clare encontrou Gerald em uma alameda. O *spaniel* dele confraternizava com Rover, enquanto o seu dono conversava com Clare.

— Soube da novidade? — perguntou ele, alegremente. — pensei que Vivien havia lhe contado.

— Que espécie de novidade? Vivien não mencionou nada em particular.

— Nós vamos para o exterior... por um ano, talvez mais. Vivien enjoou deste lugar. Ela jamais gostou muito daqui, você sabe. — Ele suspirou e, por um segundo ou dois, pareceu deprimido. Gerald Lee tinha muito orgulho de sua casa. — De qualquer forma, eu lhe prometi uma mudança. Aluguei uma *villa* perto de Argel. Um lugar maravilhoso, sob todos os aspectos. — Ele riu, algo constrangido. — Uma verdadeira segunda lua-de-mel, hem?

Durante algum tempo, Clare não pôde falar. Algo parecia subir-lhe à garganta e sufocá-la. Ela podia vislumbrar as paredes brancas da *villa*, as laranjeiras, sentir o suave e perfumado ar do sul. Uma segunda lua-de-mel!

Eles iam fugir. Vivien já não acreditava em suas ameaças. Ela ia fugir, livre, alegre, feliz.

Clare ouviu sua própria voz, o timbre um pouco áspero, dizendo as palavras apropriadas. Que adorável! Como ela os invejava!

Felizmente, naquele momento, Rover e o *spaniel* decidiram discordar. Na briga que se seguiu, qualquer conversa estava fora de cogitação.

Naquela tarde, Clare sentou-se e escreveu um bilhete para Vivien. Pedia-lhe que se encontrasse com ela no Tensão e Morte no dia seguinte, pois

tinha algo muito importante para lhe dizer.

A manhã seguinte despontou clara e sem nuvens. Clare caminhava pela trilha íngreme do Tensão e Morte com o coração leve. Que dia perfeito! Estava alegre por ter decidido dizer o que tinha de ser dito ao ar livre, sob o céu azul, em vez de em sua abafada sala de estar. Ela sentia por Vivien, sentia mesmo, mas a coisa tinha de ser feita.

Ela viu um ponto amarelo, como uma flor amarela, bem no topo da trilha. A medida que se aproximava divisava a figura de Vivien, vestida com uma túnica amarela de tricô, sentada no pequeno relvado, as mãos apertadas em torno dos joelhos.

— Bom dia — cumprimentou-a Clare. — Não é uma manhã perfeita?

— É? — perguntou Vivien. — Não percebi. O que você queria me dizer?

Clare desabou na relva ao lado dela.

— Estou sem fôlego — disse, desculpando-se. — É uma subida muito íngreme até aqui.

— Maldita! — gritou Vivien, a voz aguda. — Por que não pode me dizer, seu demônio de rosto delicado, em vez de me torturar?

Clare olhou-a chocada, e Vivien

imediatamente retratou-se.

— Não quis dizer isso. Sinto muito, Clare. Realmente. Só que... meus nervos estão aos pedaços, e você aqui sentada, falando sobre o tempo... bem, tudo isso me deixa aturdida.

— Vai ter uma crise nervosa se não tomar cuidado — retrucou Clare, friamente.

Vivien deu uma curta gargalhada.

— Pular do Tensão e Morte? Não... não sou desse tipo. Jamais serei uma lunática. Agora, digame... do que se trata?

Clare ficou em silêncio por um momento, depois falou, sem olhar para Vivien, mas sim fixamente para o mar.

— Apenas achei que era justo avisá-la que não posso mais manter silêncio a respeito... a respeito do que aconteceu no ano passado.

— Quer dizer... que você vai contar a Gerald toda a história?

— A menos que você mesma a conte. Esse seria o melhor caminho.

Vivien riu rispidamente.

— Você sabe muito bem que não criei coragem para fazer isso.

Clare não a contradisse. Tivera provas anteriores do temperamento totalmente covarde de

Vivien.

— Seria infinitamente melhor — repetiu ela.

Mais uma vez, Vivien deu um sorriso curto e amargo.

— É a sua preciosa consciência, suponho, que a leva a fazer isso? — desdenhou ela.

— Ouso afirmar que isso lhe parece muito estranho — respondeu Clare, calmamente. — Mas, honestamente, é isso.

O rosto pálido de Vivien fixou-se no de Clare.

— Meu Deus! — exclamou ela. — Além disso, você realmente acredita no que diz. Realmente acha que é essa a razão.

— É a razão.

— Não, não é. Se fosse, você o teria feito antes... há muito tempo. Por que não o fez? Não, não responda. Eu lhe direi. Você tirou mais prazer de dominar-me... eis o motivo. Você gostava de me manter aflita e de me deixar assustada e embaraçada. Disse coisas... coisas diabólicas... apenas para me atormentar e me manter permanentemente sobressaltada. E elas funcionaram durante algum tempo... até que me acostumei a elas.

— Você tornou-se segura — disse Clare.

— Você percebeu, não foi? Mas, mesmo então,

você se manteve na retaguarda, desfrutando a sua sensação de poder. Mas agora que estamos indo embora, fugindo de você, que talvez até mesmo venhamos a ser felizes... você não poderia parar com isso a qualquer preço. Então, convenientemente, a sua consciência desperta!

Ela parou, ofegante. Clare, então, falou, ainda muito calmamente:

— Não posso impedi-la de dizer todas essas coisas fantásticas, mas asseguro-lhe que elas não são verdadeiras.

Vivien voltou-se de súbito e pegou-a pela mão.

— Clare... pelo amor de Deus! Tenho procedido corretamente — fiz o que lhe disse. Não tenho mais visto Cyril... juro.

— Isso nada tem a ver.

— Clare, você não tem piedade... nenhuma bondade? Ficarei de joelhos para você.

— Fale você mesma com Gerald. Se lhe contar, ele poderá perdoá-la.

Vivien sorriu com desprezo.

— Você conhece Gerald melhor do que eu. Ele ficará furioso, vingativo. Fará com que eu sofra... fará com que Cyril sofra. É isso que eu não posso suportar. Escute, Clare, ele está indo muito bem.

Inventou qualquer coisa... uma maquinaria, não entendendo muito bem disso, mas pode ser um assombroso sucesso. Ele está trabalhando nisso agora... a mulher dele fornece o dinheiro, claro. Mas ela é desconfiada... ciumenta. Se descobrir, e descobrirá se Gerald der início aos procedimentos para o divórcio... ela abandonará Cyril... seu trabalho, tudo. Cyril ficará arruinado.

— Não estou pensando em Cyril — disse Clare. — Estou pensando em Gerald. Por que não pensa um pouco nele, também?

— Gerald! Eu não me preocupo — ela estalou os dedos — com Gerald. Nunca me preocupei. É de se esperar que falemos toda a verdade, agora que estamos nisso. Mas me preocupo com Cyril. Sou uma canalha completa, admito. E ousa dizer que ele também é um canalha. Mas meus sentimentos por ele *não* são canalhas. Eu morreria por ele, ouviu? Eu morreria por ele!

— Isso é fácil de dizer — objetou Clare, zombeteira.

— Acha que não estou sendo sincera? Escute, se você for adiante com esse comportamento bestial, eu me matarei. Antes que Cyril fosse posto em questão e arruinado, eu faria isso.

Clare permaneceu impassível.

— Não acredita em mim? — perguntou Vivien, arquejante.

— Suicídio exige muita coragem.

Vivien recuou como se tivesse sido golpeada.

— Você me levou até esse ponto. Sim, não tenho coragem. Se existisse um meio fácil de...

— Existe um jeito fácil bem à sua frente — disse Clare. — É só se deixar cair pela encosta verde. Tudo estaria terminado em poucos minutos. Lembra-se daquela criança no ano passado?

— Sim — respondeu Vivien, pensativa. — Isso seria fácil... bastante fácil... se alguém realmente quisesse...

Clare riu.

Vivien voltou-se para ela.

— Vamos discutir nosso assunto mais uma vez. Você não percebe que, mantendo silêncio por todo esse tempo, não tem o direito de voltar atrás agora? Não verei Cyril novamente. Serei uma boa esposa para Gerald... juro. Ou devo ir embora e jamais revê-lo? Farei o que você quiser. Clare...

Clare levantou-se.

— Eu a aconselho — disse ela — a falar pessoalmente com seu marido... do contrário... eu falarei.

— Entendo — disse Vivien suavemente. —

Bem, não posso permitir que Cyril sofra...

Ela levantou-se, permaneceu de pé como se estivesse considerando as circunstâncias durante um minuto ou dois, depois correu com leveza trilha abaixo, mas em vez de parar, ultrapassou-a e caiu pela encosta. Voltou a cabeça uma vez para Clare e acenou alegremente, depois deslizou suave e garbosamente, como uma criança o faria, até sumir de vista...

Clare ficou petrificada. De repente, ouviu lamentações, gritos, um clamor de vozes. Depois, silêncio.

Retomou firmemente seu caminho trilha abaixo. Cerca de um quilômetro adiante, um grupo de pessoas que subia havia parado. Estavam olhando e apontando, pasmos. Clare apressou-se e juntou-se a eles.

— Sim, senhorita, alguém caiu do penhasco. Dois homens desceram para verificar.

Ela esperou. Passou-se uma hora, a eternidade ou apenas poucos minutos?

Um homem subia com dificuldade. Era o vigário em mangas de camisa. Havia tirado o casaco para cobrir o que jazia lá embaixo.

— Horrível — disse ele, o rosto muito pálido.

— Misericordiosamente, a morte deve ter sido

instantânea.

Ele viu Clare e aproximou-se.

— Deve ter sido um choque terrível para você. Caminhavam juntas, não?

Clare ouviu-se responder mecanicamente.

Sim. Tinham acabado de partir. Não, as atitudes de *Lady Lee* haviam sido absolutamente normais. Alguém do grupo acrescentou a informação de que a *lady* estava sorrindo e acenava com a mão. Um lugar terrivelmente perigoso — devia haver um parapeito ao longo da trilha.

A voz do vigário fez-se ouvir.

— Um acidente... sim, obviamente um acidente.

E então, subitamente, Clare riu. Um riso áspero, rouco, que ecoou por todo o penhasco.

— *Isso é uma maldita mentira* — disse ela. — *Eu a matei.*

Ela sentiu alguém segurando-a pelo ombro, uma voz suave dizia:

— Calma, calma. Está tudo bem. Você ficará bem em breve.

Mas Clare não ficou bem em breve. Jamais se recuperou. Persistia no delírio — certamente um

delírio, visto que oito pessoas haviam testemunhado a cena — de que havia assassinado Vivien Lee.

Ela estava em péssimas condições quando a enfermeira Lauriston chegou para cuidar dela. A enfermeira Lauriston era bem-sucedida em casos de doenças mentais.

— Faça a vontade deles, coitados — costumava dizer, a título de conforto.

Assim, ela disse a Clare que era uma carcereira da prisão de Pentonville. A sentença de Clare, informou ela, havia sido comutada para trabalhos forçados por toda a vida. O quarto foi decorado como se fosse uma cela.

— Agora, creio, ela vai sentir-se feliz e confortável — disse a enfermeira Lauriston ao médico. — Adote facas com as pontas redondas, se quiser, doutor, porém não creio que exista o menor risco de suicídio. Ela não faz o tipo. É bastante autocentrada. Curioso... são esses os que, com frequência, ultrapassam os limites mais facilmente



POSFÁCIO

“Tensão e morte” foi publicado pela primeira vez no *Pearson’s Magazine*, em fevereiro de 1927, com o sugestivo comentário editorial de que a história “foi escrita pouco antes da recente doença da autora e seu misterioso desaparecimento”. No dia 3 de dezembro de 1926, tarde da noite, Agatha Christie saiu de sua casa, em Berkshire. Na manhã do dia seguinte, seu carro foi encontrado, vazio, em Newlands Corner, perto de Shere, no Surrey. Policiais e voluntários vasculharam a região em vão, mas uma semana e meia transcorreu antes que vários funcionários de um hotel em Harrogate percebessem que a hóspede registrada sob o nome de Theresa Neele era, na verdade, a romancista desaparecida.

Depois de sua volta, o marido de Agatha Christie comunicou à imprensa que ela havia sofrido “a mais completa perda de memória”, porém as circunstâncias que envolveram este acontecimento relativamente sem importância na vida da autora deram margem a algumas especulações ao longo dos anos. Mesmo enquanto Agatha Christie estava desaparecida, Edgar Wallace, o famoso escritor de novelas policiais, comentou, em um artigo de jornal, que se não estivesse morta, “estaria viva e em plena posse de suas faculdades mentais, provavelmente em Londres. Falando em linguagem clara e popular”, prosseguiu Wallace, “sua primeira intenção parece ter sido, por malevolência, incomodar uma pessoa desconhecida”. Neele era o sobrenome da mulher que veio a se tornar a segunda esposa de Archibald Christie e tem sido sugerido que, após abandonar o carro, a fim de deixar o marido embaraçado, Agatha Christie passou a noite de 3 de dezembro com amigos em Londres, antes de viajar para Harrogate. Tem sido aventada a possibilidade de o desaparecimento ter sido encenado como algum tipo de bizarra peça publicitária. Não obstante, embora alguns aspectos do incidente permaneçam obscuros, nada existe que possa sustentar qualquer

uma das diversas “explicações” alternativas que, portanto, não passam de especulações ociosas.



AVENTURA NATALINA

As enormes toras crepitavam alegremente na ampla lareira e, acima dos estalidos, sobrepunha-se a babel de seis vozes, todas falando ativamente, juntas. Os convidados dos jovens estavam comemorando o Natal.

A idosa srta. Endicott, conhecida pela maioria dos presentes como tia Emily, sorria, indulgente, diante da algazarra.

— Aposto que você não agüenta comer seis pastéis de carne moída, Jean.

— Sim, eu agüento.

— Não, você não agüenta.

— *Você* será recompensada com a torta de frutas.

— Sim, *e* três porções da torta *e* duas do

pudim de passas.

— Espero que o pudim esteja bom — disse a srta. Endicott, apreensiva. — Mas eles foram feitos há apenas três dias. Os pudins de Natal deviam ser feitos bem antes. Pois, lembro-me de que quando era criança, eu achava que a última coleta antes do Advento... “Mexa-se, Senhor, nós imploramos”... referia-se, de alguma forma, à ação de bater os pudins natalinos.

Houve uma educada pausa enquanto a srta. Endicott falava. Não porque algum dos jovens estivesse interessado, por menos que fosse, em suas reminiscências do passado, mas porque sentiam que deviam demonstrar alguma atenção, por cortesia, à sua anfitriã. Tão logo ela parou, a babel irrompeu novamente. A srta. Endicott suspirou e olhou na direção do único participante da festa com idade próxima à dela, como se estivesse em busca de solidariedade — um homenzinho com uma curiosa cabeça em forma de ovo e ameaçadores bigodes eriçados. Os jovens de hoje não eram como os de antigamente, pensou a srta. Endicott. Nos velhos tempos, haveria um círculo mudo e respeitoso, ouvindo as pérolas de sabedoria distribuídas pelos mais velhos. Em vez disso, havia toda essa conversa fiada sem sentido, a maioria da qual totalmente

incompreensível. Ainda assim, eram crianças adoráveis! Seus olhos suavizaram-se conforme os passou em revista: a alta e sardenta Jean; a pequena Nancy Cardell, com sua morena beleza cigana; os dois mais jovens em casa, de férias escolares, Johnnie e Eric, e o amigo deles, Charlie Pease; e a bonita e simpática Evelyn Haworth... Ao pensar nesta última, seu cenho contraiu-se um pouco e seu olhar desviou-se para onde seu sobrinho mais velho, Roger, sentava-se, silencioso e taciturno, sem tomar parte da brincadeira, os olhos fixos na requintada beleza nórdica da jovem.

— A neve não é esplêndida? — gritou Johnnie, aproximando-se da janela. — O verdadeiro clima do Natal. Escutem, vamos travar uma batalha de bolas de neve. Ainda falta muito para o jantar, não é, tia Emily?

— Sim, meu querido. Temos ainda duas horas. Isso me fez lembrar que é melhor eu verificar a mesa.

Ela saiu às pressas da sala.

— Já sei! Vamos fazer um homem de neve! — exclamou Jean.

— Sim, muito interessante! Vamos fazer uma estátua de neve de M. Poirot. Ouviu, M. Poirot? O grande detetive, Hercule Poirot, modelado em neve

por seis famosos artistas!

O homenzinho curvou-se na cadeira, agradecendo e piscando os olhos.

— Façam-no muito elegante, crianças — pediu. — Insisto nisso.

— Bastante!

A tropa desapareceu como um remoinho de vento, colidindo na porta com um mordomo pomposo, que estava entrando com um bilhete em uma bandeja. O mordomo, a calma restabelecida, avançou na direção de Poirot.

Poirot pegou o bilhete e abriu-o. O mordomo retirou-se. O homenzinho leu e releu o bilhete, depois o dobrou e colocou-o no bolso. Nenhum músculo de seu rosto moveu-se, embora o conteúdo do bilhete fosse suficientemente surpreendente. Garatujadas por mão iletrada, estavam as palavras: *Não coma o pudim de passas.*

— Muito interessante — murmurou Poirot para si mesmo. — E bastante inesperado.

Ele olhou na direção da lareira. Evelyn Haworth não saíra com os demais. Sentada, contemplava o fogo, absorta em seus pensamentos, girando nervosamente um anel no terceiro dedo da mão esquerda.

— Está perdida em algum sonho, *mademoiselle*

— disse o homenzinho, finalmente. — E o sonho não é muito agradável, hem?

Ela sobressaltou-se e olhou-o vagamente. Ele menou a cabeça, enfatizando o que dissera.

— Minha profissão é saber das coisas. Não, você não é feliz Também não sou muito feliz. Podemos confiar um no outro? Veja só, estou profundamente entristecido porque um amigo meu, um amigo de muitos anos, tomou um navio para a América do Sul. Por vezes, quando estávamos juntos, este amigo me deixava impaciente, suas tolices me enraiveciam; mas agora que ele foi embora, lembro-me apenas de suas boas qualidades. Assim é a vida, não é mesmo? E, agora, *mademoiselle*, qual é o seu problema? Você não é como eu, velho e solitário. É jovem e bonita, e o homem a quem ama a ama também... oh, sim, é isso mesmo: estive observando-o pela última meia hora.

A jovem recuperou a cor natural.

— Refere-se a Roger Endicott? Oh, mas cometeu um engano; não é com Roger que estou comprometida.

— Não, você está comprometida com o sr. Oscar Levering. Sei disso perfeitamente. Mas por que está comprometida com ele, se ama outro homem?

A moça pareceu não se ressentir de suas palavras; na verdade, havia algo no comportamento dele que tornava isso impossível. Ele falava com uma mistura de gentileza e autoridade que era irresistível.

— Fale-me a respeito disso — disse Poirot gentilmente, acrescentando a frase que usara pouco antes, cujo som era peculiarmente confortante para a jovem. — A minha profissão é saber das coisas.

— Sinto-me tão infeliz, M. Poirot... tão miseravelmente infeliz. Veja, antigamente nós estávamos em boa situação financeira. Eu era uma suposta herdeira e Roger era apenas o filho mais novo; e... e embora eu tenha certeza de que ele se interessava por mim, ele jamais disse nada, porém foi para a Austrália.

— É risível a maneira como são acertados os casamentos aqui — interrompeu-a M. Poirot. — Nenhuma ordem. Nenhum método. Tudo deixado ao acaso.

Evelyn prosseguiu:

— Foi então que, de repente, perdemos todo o nosso dinheiro. Minha mãe e eu ficamos reduzidas a quase nada. Mudamo-nos para uma pequena casa e apenas nos sustentávamos. Todavia, minha mãe ficou muito doente. Sua única chance era submeter-

se a uma séria intervenção cirúrgica e ir para o exterior, para uma região de clima quente. E nós não tínhamos dinheiro, M. Poirot... não tínhamos dinheiro! Isso significava que ela morreria. O sr. Levering já havia me pedido em casamento duas ou três vezes. Ele reiterou seu pedido e prometeu fazer tudo o que fosse possível em prol de minha mãe. Eu disse sim... que mais poderia fazer? Ele manteve a palavra. A operação foi realizada pelo maior especialista da época e fomos para o Egito no inverno. Isso foi há um ano. Minha mãe está bem e novamente fortalecida, e eu... eu devo casar-me com o sr. Levering depois do Natal.

— Entendo — disse M. Poirot. — E, nesse ínterim, o irmão mais velho de M. Roger morreu, ele voltou para casa... e encontrou seu sonho aos pedaços. Contudo, você ainda não está casada, *mademoiselle*.

— Uma Haworth não quebra a palavra, M. Poirot — declarou a jovem, orgulhosa.

Quase ao mesmo tempo que ela falava, a porta abriu-se e um homem de porte grande, com um rosto corado e estreito, olhos astutos e cabeça calva ficou de pé no pórtico.

— Por que está aqui se enfadando, Evelyn? Vamos sair para um passeio.

— Muito bem, Oscar.

Ela levantou-se, indiferente. Poirot também se levantou e perguntou educadamente:

— *Mademoiselle* Levering ainda se sente indisposta?

— Sim. Lamento dizer que minha irmã ainda está de cama. É muito ruim ficar acamada no dia de Natal.

— Sim, certamente — concordou o detetive polidamente.

Poucos minutos foram suficientes para que Evelyn calçasse as botas para neve e alguns agasalhos, e ela e o noivo saíram para o pátio coberto de neve. Era um perfeito Dia de Natal, ensolarado e frio. Os demais convidados estavam ocupados com a construção do homem de neve. Levering e Evelyn pararam para vê-los.

— O sonho dos jovens que se amam, sim! — gritou Johnnie e jogou uma bola de neve neles.

— O que acha disso, Evelyn? — perguntou Jean. — M. Hercule Poirot, o grande detetive.

— Espere até que o bigode fique pronto — acrescentou Eric. — Nancy vai cortar um pouco de seus cabelos para isso. *Vivent les braves Belges!* Pum, pum!

— É engraçado ter um detetive de verdade em

casa! — foi o comentário de Charlie. — Gostaria que também houvesse um assassinato.

— Oh, oh, oh! — entusiasmou-se Jean, dançando. — Tive uma idéia. Vamos preparar um... simular um assassinato, quero dizer. E enganá-lo. Oh, vamos fazer isso... seria uma brincadeira sem fim.

Cinco vozes começaram a falar ao mesmo tempo.

— Como deveríamos fazer?

— Terríveis gemidos.

— Não, estúpido, aqui fora.

— Pegadas na neve, é claro.

— Jean de camisola.

— Você pode fazer isso com tinta vermelha.

— Na sua mão... e bater com ela na cabeça.

— Ouçam, eu gostaria que tivéssemos um revólver.

— Eu lhes digo, papai e tia Em não vão ouvir. Seus quartos ficam do outro lado da casa.

— Não, ele não se importará nem um pouco; ele adora esportes.

— Sim, mas que tipo de tinta? Esmalte?

— Podemos conseguir algum na aldeia.

— Pateta, não no Dia de Natal.

— Aquarela, não. Vermelho.

— Jean pode cuidar disso.

— Não se preocupe se você sentir frio. Não será por muito tempo.

— Não. Nancy é mais indicada. Ela trouxe uns pijamas bacanas.

— Vamos ver se Graves sabe onde podemos encontrar tintas.

Uma debandada para casa.

— Perdido em seus pensamentos, Endicott? — perguntou Levering, rindo desagradavelmente.

Roger despertou abruptamente. Ele pouco ouvira do que havia se passado.

— Estava apenas divagando — disse ele, calmamente.

— Divagando?

— Sim. Perguntava-me o que M. Poirot está fazendo aqui afinal.

Levering deu a impressão de ficar confuso, mas nesse momento o grande gongo se fez ouvir e todos se dirigiram para a ceia de Natal. As cortinas estavam puxadas no salão de refeições e as luzes acesas, iluminando a comprida mesa coberta de balas de estalo e outras decorações. Era uma verdadeira ceia de Natal à moda antiga. Em um extremo da mesa encontrava-se o Fazendeiro, rosto vermelho e jovial; sua irmã ocupando a outra ponta

da mesa. M. Poirot, em homenagem à ocasião, vestira um colete vermelho, e sua obesidade, bem como o jeito como tombava a cabeça para um lado, lembrava irresistivelmente um tordo de peito vermelho.

O Fazendeiro trinchou rapidamente, e todos atacaram o peru. As carcaças de dois perus foram retiradas, e sobreveio uma abafada quietude. Então Grave, o mordomo, surgiu imponente, trazendo o pudim de passas, erguido às alturas — um pudim gigantesco, envolto em chamas. Irrompeu um tumulto.

— Depressa. Oh, meu pedaço está se apagando! Apresse-se, Graves. A menos que esteja muito quente, não vou conseguir realizar meu desejo.

Ninguém teve tempo disponível para observar a curiosa expressão no rosto de M. Poirot enquanto analisava a fatia de pudim em seu prato. Ninguém percebeu o rápido olhar que lançou em torno da mesa. Com um ligeiro e intrigado franzir da testa, ele começou a comer o pudim. A conversa estava mais moderada. De repente, o Fazendeiro soltou uma exclamação. Seu rosto tornou-se púrpura e ele levou a mão à boca.

— Que diabo, Emily! — rugiu. — Por que

deixou a cozinheira colocar vidro no pudim?

— Vidro? — repetiu a srta. Endicott, atônita.

O Fazendeiro retirou da boca o material que o machucara.

— Poderia ter quebrado um dente — rosnou.

— Ou poderia tê-lo engolido e sofrido uma apendicite.

Diante de cada convidado havia uma pequena lavanda com água, pronta para receber as moedas e outras coisas que seriam encontradas nos doces. O sr. Endicott jogou o pedaço de vidro na lavanda, limpou-o e ergueu-o.

— Deus me proteja! — exclamou. — É uma pedra vermelha tirada de um dos broches de fantasia!

— Permite-me? — Com extrema habilidade, Poirot retirou-o de entre os dedos do Fazendeiro e examinou-o atentamente. Conforme fora dito, era uma grande pedra vermelha da cor de um rubi. A luz iluminava as suas facetas à medida que Poirot a virava.

— Caramba! — gritou Eric. — Parece verdadeira.

— Garoto tolo! — disse Jean com desprezo. — Um rubi desse tamanho custaria milhares e milhares e milhares... não é mesmo, M. Poirot?

— É extraordinário como conseguem produzir essas coisas falsas tão bem — murmurou a srta. Endicott. — *Mas como é que isso foi parar dentro do pudim?*

Sem dúvida, era o assunto do momento. Cada hipótese foi exaustivamente examinada. Apenas M. Poirot nada disse, mas, descuidadamente, como se estivesse pensando em outra coisa, deixou a pedra cair dentro de seu bolso.

Após o jantar, ele fez uma visita à cozinha.

A cozinheira estava bastante perturbada. Ser inquirida por um convidado que, além disso, era estrangeiro! Os pudins haviam sido feitos três dias antes. “No dia em que o senhor chegou.” Todos haviam ido à cozinha para dar uma olhada e formular seus desejos. Um velho costume — por acaso não o conheciam no exterior? Depois disso, os pudins foram cozidos, e, em seguida, colocados, enfileirados, na prateleira superior da despensa. Haveria alguma coisa especial que distinguisse um pudim dos demais? Não, ela achava que não. Exceto que um deles estava num prato de alumínio próprio para pudins, e os outros em pratos de porcelana. Era aquele o pudim originalmente previsto para o Dia de Natal? Era engraçado que ele fizesse essa pergunta. Não, com toda certeza! O pudim de Natal

era sempre cozido numa enorme fôrma de porcelana branca com o formato de folhas de azevinho. Mas naquela mesma manhã (o rosto vermelho da cozinheira tornou-se colérico), Gladys, a auxiliar de cozinha, tendo recebido a incumbência de descê-lo para o cozimento final, deixara-o cair e quebrara-o. E, é claro, vendo que poderia haver estilhaços nele, ela não o mandou à mesa, mas sim o pudim maior, que estava no prato de alumínio.

M. Poirot agradeceu pela informação. Saiu da cozinha sorrindo discretamente para si mesmo, como se estivesse satisfeito com a informação que havia obtido. E os dedos da mão direita brincavam com algo em seu bolso.

— M. Poirot! M. Poirot! Acorde! Algo terrível aconteceu!

Era Johnnie, nas primeiras horas da manhã do dia seguinte. M. Poirot sentou-se na cama. Ele vestia uma touca de dormir. O contraste entre a dignidade de sua fisionomia e o jeito meio licencioso da touca era certamente engraçado; mas seu efeito sobre Johnnie pareceu desproporcional. Se não fosse por suas palavras, alguém poderia imaginar que o rapaz estava se divertindo a valer com alguma coisa. Além disso, curiosos sons vinham do outro lado da porta, sugerindo garrafas de água gasosa sob

pressão.

— Venha depressa, por favor — prosseguiu Johnnie, a voz tremendo ligeiramente. — Alguém foi assassinado. — Ele voltou-se para sair.

— Ah, isso é sério! — disse M. Poirot.

Ele levantou-se e, sem se apressar muito, fez uma toalete parcial. A seguir, acompanhou Johnnie escadas abaixo. Todos os convidados estavam reunidos em torno da porta que dava para o jardim. Suas expressões denunciavam intensa emoção. Ao vê-lo, Eric foi dominado por uma crise de tosse.

Jean adiantou-se e pousou a mão no braço de M. Poirot.

— Veja! — disse ela, apontando dramaticamente para além da porta aberta.

— *Mon Dieu!* — exclamou M. Poirot. — É como uma cena teatral.

A observação não foi despropositada. Mais neve havia caído durante a noite, e o mundo parecia branco e fantasmagórico sob a fraca luz do alvorecer. A vastidão de neve permanecia intocada, salvo pelo que parecia um jorro de vivido escarlate.

Nancy Cardell jazia imóvel na neve. Vestia um pijama de seda escarlate, seus pequeninos pés estavam descalços, seus braços, abertos. A cabeça tombara de lado e escondia-se sob a revolta massa

de cabelos negros. Jazia mortalmente imóvel e, de seu lado esquerdo, projetava-se o cabo de uma adaga, enquanto, na neve, espalhava-se uma sempre crescente mancha vermelha.

Poirot saiu para a neve. Não foi até onde jazia o corpo da jovem, mas seguiu a trilha. Dois rastros de pegadas, de um homem e de uma mulher, levavam até o local em que ocorrera a tragédia. As pegadas do homem prosseguiram, sozinhas, na direção oposta. Poirot parou na trilha, acariciando o queixo, pensativo.

De repente, Oscar Levering saiu espavorido da casa.

— Meu Deus! — gritou. — O que é isto?

Sua excitação contrastava com a calma dos demais.

— Parece — respondeu M. Poirot, pensativamente — que é um assassinato.

Eric teve outro violento acesso de tosse.

— Mas precisamos fazer alguma coisa — gritou alguém. — O que faremos?

— Só há uma coisa a ser feita — declarou M. Poirot. — Chamar a polícia.

— Oh! — exclamaram em uníssono.

Poirot encarou-os inquisitivamente.

— Sem dúvida — disse ele. — É a única coisa

que podemos fazer. Quem cuidará disso?

Houve uma pausa. Então, Johnnie adiantou-se.

— A brincadeira acabou — declarou ele. — Ouça, M. Poirot, espero que não vá ficar zangado conosco. É tudo uma brincadeira, entende? Preparada por todos nós... apenas para fazê-lo de bobo. Nancy está fingindo.

M. Poirot olhou-o sem expressar qualquer emoção, exceto um momentâneo piscar de olhos.

— Vocês zombaram de mim, não é isso? — perguntou, placidamente.

— Escute, lamento profundamente. Não deveríamos ter feito isso. Foi de extremo mau gosto. Peça-lhe desculpas, sinceramente.

— Não precisa se desculpar — disse M. Poirot, com sua voz peculiar.

Johnnie voltou-se.

— Ouça, Nancy, levante-se! — gritou ele. — Não vá ficar aí o dia todo.

Mas o corpo no chão não se moveu.

— Levante-se — gritou Johnnie de novo.

Nancy não se moveu e, de súbito, um sentimento de inominado terror assolou o rapaz, que se voltou para Poirot.

— Qual... qual é o problema? Por que ela não

se levanta?

— Venha comigo — disse Poirot, conciso.

A passos largos, ele caminhou na neve. Havia acenado para que os demais ficassem onde estavam e tomou cuidado para não pisar nas outras pegadas. O rapaz acompanhou-o, incrédulo e assustado. Poirot ajoelhou-se ao lado da jovem e, a seguir, chamou Johnnie.

— Verifique o pulso dela.

Espantado, o rapaz curvou-se e, em seguida, recuou com um grito. A mão e o pulso estavam frios e rijos, sem nenhum sinal de pulsação.

— Ela está morta! — falou, ofegante. — Mas como? Por quê?

M. Poirot ignorou a primeira parte da pergunta.

— Por quê? — perguntou, preocupado. — Gostaria de saber. — Então, de repente, inclinando-se sobre o corpo da jovem, liberou a outra mão, que estava fortemente fechada sobre alguma coisa. Ambos, ele e o rapaz, soltaram uma exclamação. Na palma da mão de Nancy, estava uma pedra vermelha que brilhava e chamejava diante de todos como se fosse fogo.

— Ah! — gritou M. Poirot. Rápida como um relâmpago, sua mão voou para o bolso e retornou

vazia.

— O rubi de fantasia — disse Johnnie, com espanto. Depois, como seu companheiro abaixou-se para examinar a adaga e a neve manchada, ele gritou: — Certamente não pode ser sangue, M. Poirot. É tinta. Apenas tinta.

Poirot levantou-se.

— Sim — disse ele calmamente. — Você está certo. É apenas tinta.

— Então como... — O rapaz parou. Poirot terminou a frase por ele.

— Como ela foi morta? Isso nós precisamos descobrir. Ela comeu ou bebeu alguma coisa esta manhã?

Enquanto falava, ele retornava sobre suas próprias pegadas para a trilha onde os demais esperavam. Johnnie seguia bem atrás dele.

— Ela bebeu uma xícara de chá — disse o rapaz. — O sr. Levering preparou-o para ela. Ele tem um fogareiro a álcool no quarto.

A voz de Johnnie era forte e clara. Levering ouviu suas palavras.

— Sempre carrego um fogareiro a álcool comigo — declarou ele. — Uma das coisas mais convenientes do mundo. Minha irmã tem se sentido bastante satisfeita com ele durante esta visita, pois

não precisa incomodar os criados o tempo todo.

Os olhos de M. Poirot fixaram-se, quase pedindo desculpas, nos pés do sr. Levering, que estavam abrigados em pantufas.

— O senhor tirou as botas, pelo que vejo — murmurou, gentilmente.

Levering olhou-o fixamente.

— Mas, M. Poirot — indagou Jean —, o que vamos fazer?

— Há apenas uma coisa a fazer, conforme eu disse há pouco, *mademoiselle*. Chamar a polícia.

— Eu farei isso — gritou Levering. — Não levarei mais que um minuto para calçar minhas botas. Vocês não devem ficar aqui fora, neste frio.

Ele desapareceu casa adentro.

— Ele é tão atencioso, esse sr. Levering — murmurou Poirot, discretamente. — Vamos seguir o seu conselho?

— O que me diz de acordar papai e... e as outras pessoas?

— Não — respondeu M. Poirot, ríspido. — É totalmente desnecessário. Até que a polícia chegue, nada aqui fora deve ser tocado, portanto vamos entrar? Para a biblioteca? Tenho uma pequena história para lhes contar e que poderá lhes distrair a mente diante desta triste tragédia.

Ele abriu caminho, e os demais o seguiram.

— A história é sobre um rubi — começou M. Poirot, refestelando-se numa confortável poltrona.

— Um célebre rubi, que pertenceu a um homem muito famoso. Não lhes direi o nome dele... mas certamente é um dos mais poderosos deste planeta. *Eh bien*, este grande homem chegou a Londres incógnito. E, visto que, embora fosse um grande homem, era também jovem e tolo, envolveu-se com uma bela e jovem *lady*. A bela e jovem *lady* não se interessava muito por ele, mas se interessava muito por seus bens — tanto assim, que certo dia desapareceu com o famoso rubi, que pertencera à sua família ao longo de gerações. O pobre jovem encontrava-se num dilema. Em breve se casará com uma nobre princesa e não quer escândalo. Impossibilitado de ir à polícia, ele vem até mim, Hercule Poirot. “Recupere o rubi para mim”, diz ele. *Eh bien*, eu sei alguma coisa a respeito desta jovem. Ela tem um irmão, e os dois submeteram muita gente a um engenhoso *coup*. Por acaso eu sei onde os dois estão passando o Natal. Graças à gentileza do sr. Endicott, a quem tive a oportunidade de conhecer, eu também sou convidado. Mas quando a bela e jovem *lady* ouve que eu estou chegando, fica enormemente

alarmada. Ela é inteligente e sabe que eu estou atrás do rubi. Precisa escondê-lo imediatamente em um lugar seguro. Imaginem onde ela resolve escondê-lo: num pudim de Natal! Sim, vocês podem exclamar: “Oh!” Ela se levanta quando todos estão descansando e enfia o rubi no pudim que está na bandeja de alumínio, que é diferente dos demais. Por um estranho acaso, esse pudim veio a ser usado na ceia de Natal.

Esquecidos por um momento da tragédia, todos o olhavam boquiabertos.

— Depois disso — prosseguiu o homenzinho —, ela foi para a cama. — Ele apanhou o relógio e olhou-o. — A criadagem está em movimento. O sr. Levering já saiu há muito tempo para buscar a polícia, não? Acho que a irmã foi com ele.

Evelyn ergueu-se com um grito, os olhos fixos em Poirot.

— E eu também acho que eles não voltarão. Oscar Levering vem brincando com a lei há muito tempo, e isto é o fim. Ele e a irmã prosseguirão suas atividades no exterior durante algum tempo, usando nomes diferentes. Eu, alternadamente, o persuadi e assustei esta manhã, fazendo com que desistisse de qualquer pretensão que pudesse ter de se apoderar do rubi enquanto nós estivéssemos na

casa e que fingisse estar indo chamar a polícia. Mas isso significava tomar uma decisão irrevogável. Entretanto, com um inquérito sendo instaurado contra ele por assassinato, a fuga pareceu, claramente, o melhor caminho.

— Ele matou Nancy? — sussurrou Jean.

Poirot levantou-se.

— Acho que devemos retornar à cena do crime — sugeriu ele.

Poirot foi à frente, e eles o seguiram. Mas um simultâneo grito sufocado escapou-lhes dos lábios quando saíram da casa. Nenhum traço da tragédia restava; a neve estava macia e intata.

— Caramba! — exclamou Eric, deixando-se cair na neve. — Não foi tudo um sonho, foi?

— Mais extraordinário — disse M. Poirot. — O Mistério do Cadáver Desaparecido. — Seus olhos piscaram delicadamente.

Jean chegou-se a ele com uma súbita suspeita.

— M. Poirot, o senhor não estava... não está... ouça, o senhor não estava caçoando de nós o tempo todo, estava? Oh, acredito que sim!

— É verdade, minha filha. Eu sabia tudo a respeito de sua pequena trama e providenciei uma pequena contratrama por minha própria conta. Ah, *Mademoiselle* Nancy... ilesa, espero, após a sua

magnífica atuação.

Era realmente Nancy Cardell em carne e osso, os olhos brilhando, toda exuberância de saúde e vigor.

— Você não ficou resfriada? Bebeu a infusão que mandei ao seu quarto? — perguntou Poirot.

— Tomei um gole e foi o suficiente. Estou bem. Fiz tudo corretamente, M. Poirot? Oh, meu braço dói devido àquele torniquete.

— Você foi esplêndida, *petite*. Mas acha que devemos explicações aos demais? Eles ainda estão perplexos, posso perceber. Vejam vocês, *mes enfants*, fui até *Mademoiselle* Nancy, contei-lhe que sabia tudo sobre o pequeno *complot* de vocês e perguntei-lhe se interpretaria um ato para mim. Ela o fez maravilhosamente. Induziu o sr. Levering a preparar-lhe uma xícara de chá e também organizou as coisas para que fosse ele a pessoa a deixar pegadas na neve. Assim, quando chegou a hora, e ele pensou que, devido a alguma fatalidade, ela estivesse morta de verdade, eu dispunha de todos os meios para assustá-lo. O que aconteceu depois que entramos em casa, *mademoiselle*?

— Ele desceu com a irmã, arrancou o rubi de minha mão, e saíram em grande velocidade.

— E quanto ao rubi, M. Poirot, o que

aconteceu? — perguntou Eric. — O senhor quer dizer que deixou que o levassem?

Poirot baixou o rosto quando encarou aquele círculo de olhos acusadores.

— Eu o recuperarei logo — disse ele, fracamente, mas percebeu que decaíra na avaliação deles.

— Bem, imagino que sim! — começou Johnnie. — Deixá-los fugir com o rubi...

Mas Jean era mais esperta.

— Ele está trapaceando conosco novamente! — declarou ela. — Está, não está?

— Veja em meu bolso esquerdo, *mademoiselle*.

Jean enfiou a mão, ansiosa, e retirou-a com um grito de triunfo. Ela ergueu o enorme rubi em seu esplendor escarlate.

— Vejam — explicou Poirot. — O outro era uma réplica feita de massa, que trouxe comigo de Londres.

— Ele não é uma pessoa brilhante? — perguntou Jean, em êxtase.

— Há uma coisa que o senhor não nos contou — disse Johnnie de repente. — Como soube a respeito da encenação que estávamos preparando? Nancy lhe contou?

Poirot negou com um movimento de cabeça.

— Então, como o senhor soube?

— É minha profissão saber das coisas — respondeu M. Poirot, sorrindo um pouco, enquanto olhava para Evelyn Haworth e Roger Endicott, descendo juntos a trilha.

— Tudo bem, mas nos conte. Oh, por favor! *Querido* M. Poirot, por favor, nos conte.

Ele foi cercado por um círculo de rostos afogueados e ansiosos.

— Vocês realmente querem saber como resolvi este mistério?

— *Sim.*

— Creio que não poderei dizê-lo.

— Por que não?

— *Ma* foi, vocês ficarão desapontados.

— Oh, diga-nos! *Como* o senhor soube?

— Bem, escutem, eu estava na biblioteca...

— E?

— E vocês estavam discutindo o plano do lado de fora... e a janela da biblioteca estava aberta.

— Só isso? — perguntou Eric, decepcionado.

— Tão simples!

— Não é mesmo? — disse M. Poirot, sorridente.

— Agora sabemos de tudo — disse Jean, a voz exprimindo satisfação.

— Sabemos? — murmurou M. Poirot para si mesmo, enquanto se dirigia para a casa. — *Eu não...* eu, cuja profissão é saber das coisas.

A seguir, talvez pela vigésima vez, ele tirou de seu bolso uma folha de papel bastante suja.

— Não coma o pudim de passas...

M. Poirot balançou a cabeça, perplexo. No mesmo instante tomou consciência de um peculiar som ofegante bem perto de seus pés. Abaixou o olhar e viu uma criaturinha num vestido estampado. Em sua mão esquerda segurava uma pá de lixo e, na direita, uma escova.

— Quem é você, *mon enfant*? — perguntou M. Poirot.

— Annie Icks, senhor. Auxiliar de empregada.

Poirot teve uma inspiração. Entregou-lhe o bilhete.

— Você escreveu isso, Annie?

— Causei algum problema, senhor?

Poirot sorriu para ela.

— Claro que não. Gostaria de me contar tudo?

— Eram os dois, senhor... o sr. Levering e a irmã. Nenhum de nós os suportava, ela não estava nem um pouco doente... todos poderíamos confirmar isso. Então, suspeitei que algo estranho estava acontecendo e, digo-lhe francamente, escutei

atrás da porta e o ouvi dizer muito claramente: “Este sujeito, Poirot, precisa ser posto fora de circulação o mais depressa possível.” E então ele perguntou à irmã alguma coisa parecida com “onde você o colocou?”, e ela respondeu: “No pudim.” Assim, percebi que eles estavam se referindo a veneno no pudim de Natal, para matá-lo. Eu não sabia o que fazer. A cozinheira não me daria ouvidos. Foi então que pensei em escrever um aviso e colocá-lo em um lugar onde o sr. Graves certamente o veria e o entregaria ao senhor.

Annie fez uma pausa, ofegante. Poirot examinou-a muito sério por alguns minutos.

— Você lê muitas noveletas, Annie — disse, por fim. — Mas tem bom coração e é inteligente. Quando retornar a Londres, vou lhe mandar um excelente livro sobre *le ménage*, bem como a *Vida dos santos* e um livro a respeito da situação econômica da mulher.

Deixando Annie mais uma vez ofegante, ele se voltou e atravessou o saguão. Pretendia ir para a biblioteca, mas através da porta aberta, viu uma cabeça com cabelos negros, e outra, loura, bem próximas, e ficou onde estava. De repente, um par de braços envolveu-lhe o pescoço.

— Se o senhor *tivesse* ficado bem embaixo do

pé de visco! — exclamou Jean.

— Também acho o mesmo — acrescentou Nancy.

M. Poirot apreciou tudo aquilo — na verdade, apreciou enormemente.



POSFÁCIO

Aventura natalina foi publicada pela primeira vez como *A aventura do pudim de Natal*, no *The Sketch* de 12 de dezembro de 1923, como a última de uma série de histórias publicadas sob o título de *As células cinzentas de M. Poirot*. O conto reapareceu na década de 1940, sob o título de *Aventura natalina*, em duas coleções que tiveram vida curta. *Problema da baia de Pollensa* e *Aventura natalina* e *Poirot conhece o assassino*, sendo, muitos anos mais tarde, ampliado por Agatha Christie para transformar-se em uma novela, incluída em *A aventura do pudim de Natal e uma seleção de entradas* (1960).

No prefácio dessa coleção, Agatha Christie contou como a história fazia com que lembrasse os Natais de sua juventude, que passara com a mãe,

após a morte de seu pai em 1901, em Abney Hall, Stockport. Abney havia sido construída por Sir James Watts, prefeito de Manchester e avô de James Watts, marido da irmã mais velha de Agatha Christie, Madge. Em sua autobiografia, publicada em 1977, Agatha Christie descreve Abney como “uma casa maravilhosa para se passar o Natal quando se é criança. Não apenas era enorme, em seu estilo gótico vitoriano, *cota* inúmeros cômodos, passagens, inesperados degraus, escadas nos fundos, alcovas, nichos — tudo no mundo que uma criança desejaria —, como também tinha três diferentes pianos que podiam ser usados, bem como um órgão”. Em outra ocasião, ela descreveu “as mesas repletas de comida e a generosa hospitalidade (...) havia uma ampla despensa aberta, em que qualquer pessoa poderia servir-se de chocolates e toda sorte de guloseimas que apreciase”. E, quando Agatha não estava comendo — normalmente competindo com o irmão mais novo de James Watts, Humphrey —, estava brincando com ele e seus irmãos Lionel e Miles e a irmã, Nan. Talvez ela os tivesse em mente quando escreveu sobre as crianças e a alegria que experimentaram naquele nevoento Natal com “um detetive de verdade na casa”.



O DEUS SOLITÁRIO

Ele permanecia numa prateleira no Museu Britânico, solitário e abandonado, em meio à companhia de divindades obviamente mais importantes. Dispostas ao redor de quatro paredes, estas mais que notáveis personagens pareciam exibir irresistível senso de sua própria superioridade. O pedestal de cada uma estava devidamente inscrito com a terra e a raça que haviam tido o orgulho de possuí-las. Não havia dúvidas quanto às suas posições; eram divindades de importância e reconhecidas como tal.

Apenas o pequeno deus no canto mostrava-se distante das divindades que lhe faziam companhia. Rusticamente talhado numa pedra cinzenta, seus

traços quase totalmente apagados pelo tempo e pela exposição, sentava-se ali isolado, os cotovelos apoiados nos joelhos, a cabeça enterrada nas mãos; um pequeno e solitário deus numa terra estranha.

Não havia nenhuma inscrição que informasse de que terra ele se originara. Estava verdadeiramente perdido, sem honra ou reputação, uma pequena patética figura muito longe de sua casa. Ninguém lhe dava atenção, ninguém parava para olhá-lo. Por que faziam isso? Ele era tão insignificante, um bloco de pedra cinzenta em um canto qualquer. Ele ficava entre dois deuses mexicanos emaciados devido à idade, ídolos plácidos com as mãos entrelaçadas e bocas cruéis arqueadas em um sorriso que expressava claramente seu desprezo pela humanidade. Havia também um pequeno deus, rotundo e violentamente arrogante, com o punho cerrado, que evidentemente sofria de um elevado senso de sua própria importância, mas os passantes às vezes paravam para lhe dar uma olhada, mesmo que fosse somente para rir diante do contraste entre a absurda pomposidade dele e a sorridente indiferença de seus companheiros mexicanos.

E o pequeno e esquecido deus ali permanecia sentado, desesperançado, a cabeça entre as mãos,

como permanecera ano após ano, até que um dia o impossível aconteceu, e ele conseguiu... um adorador.

— Alguma carta para mim?

O porteiro do saguão pegou um bolo de cartas em um escaninho, deu uma rápida olhada e respondeu, a voz insípida:

— Nada para o senhor.

Frank Oliver suspirou enquanto saía do clube de novo. Não havia nenhuma razão em particular para que houvesse alguma coisa para ele. Poucas pessoas lhe escreviam. Desde que retornara da Birmânia, na primavera, tornara-se consciente de uma crescente solidão.

Frank Oliver era um homem pouco acima dos quarenta anos e passara os últimos dezoito anos de sua vida em diferentes partes do mundo, com breves licenças na Inglaterra. Agora que estava aposentado, compreendia, pela primeira vez, quão sozinho no mundo se encontrava.

É verdade que havia a sua irmã, Greta, casada com um clérigo de Yorkshire, bastante ocupada com os encargos paroquiais e a educação de uma família de crianças pequenas. Greta, naturalmente, preocupava-se muito com seu único irmão, mas, também naturalmente, dispunha de pouquíssimo

tempo a lhe conceder. Havia também seu velho amigo Tom Hurley. Tom era casado com uma simpática, vivaz e alegre moça, muito enérgica e prática, e a quem Frank secretamente temia. Ela lhe dizia, claramente, que não devia ser um solteirão ranzinza e estava sempre lhe apresentando “jovens simpáticas”. Frank Oliver descobriu que jamais tinha nada a dizer a estas “jovens simpáticas”; elas insistiam com ele durante algum tempo, depois, sem esperanças, desistiam.

Todavia, na realidade, ele não era anti-social. Tinha um grande anseio por companhia e afinidade, mas desde que retornara para a Inglaterra tornara-se consciente de um crescente desalento. Estivera longe durante muito tempo, estava fora de sintonia com a época. Passava longos e ociosos dias perambulando, imaginando o que, em nome de Deus, ia fazer consigo mesmo a seguir.

Foi em um destes dias que resolveu dar uma volta pelo Museu Britânico. Estava interessado em curiosidades asiáticas e foi por isso que teve a oportunidade de encontrar o deus solitário. O seu encanto conquistou-o de imediato. Ali havia algo com alguma afinidade com ele; também, alguém perdido e desencaminhado, numa terra estranha. Ele adquiriu o hábito de fazer freqüentes visitas ao

museu, apenas para dar uma olhada na pequena imagem de pedra cinzenta, em seu obscuro lugar no alto de uma prateleira.

“Sorte cruel a do pequeno camarada”, pensou. “Provavelmente, algum dia já fizeram muito estardalhaço por ele, ajoelhando-se e tocando o chão com a testa em sinal de respeito, apresentando-lhe oferendas e tudo mais.”

Ele começara a sentir um tal direito de propriedade sobre seu pequeno amigo (na verdade, quase chegava ao patamar de efetivo sentido de propriedade) que ficou inclinado a mostrar-se ressentido quando descobriu que o pequeno deus havia feito uma segunda conquista. *Ele* havia descoberto o deus solitário; ninguém mais, acreditava ele, tinha o direito de interferir.

Porém, após o primeiro lampejo de indignação, foi forçado a sorrir para si mesmo, porquanto o segundo adorador era uma coisa tão insignificante, uma criatura muito patética e ridícula, envergando um sobretudo negro e roto e uma saia que já vira melhores dias. Ela era jovem, pelo que presumia, pouco acima dos vinte anos, com cabelos louros, olhos azuis e uma boca melancólica e desalentada.

Seu chapéu era um apelo especial ao

cavalheirismo dele. Evidentemente, ela própria o havia ornamentado e fizera uma tentativa tão impetuosa para ser habilidosa que seu fracasso era patético. Ela era, certamente, uma *lady*, embora empobrecida, que ele imediatamente decidiu, por sua própria conta, ser uma governanta e estar sozinha no mundo.

Ele logo descobriu que os dias de visita da jovem ao deus eram às terças e sextas, e que ela sempre chegava às dez horas, tão logo o museu abria. A princípio ele detestou a intrusão, mas, pouco a pouco, aquilo começou a se tornar um dos principais interesses de sua vida monótona. Na verdade, a devotada companheira estava desalojando o objeto de devoção de sua posição de preeminência. Os dias em que ele não via a “Pequena e Solitária *Lady*”, como ele a chamava, para si mesmo, eram dias em branco.

Ela talvez também estivesse interessada nele, embora lograsse dissimular o fato com estudada despreocupação. Mas, devagarinho, um sentimento de amizade crescia entre eles, embora ainda não tivessem trocado uma só palavra. A verdade quanto ao problema era que o homem era excessivamente tímido! Ele argumentava consigo mesmo que, muito provavelmente, ela sequer o havia notado (algum

impulso interno percebeu de imediato a mentira), que ela consideraria seu interesse uma enorme impertinência e, por fim, que ele não tinha a menor idéia do que dizer.

No entanto, o Destino, ou o pequeno deus, foi gentil e enviou-lhe uma inspiração — ou o que ele viu como tal. Com infinito deleite em relação à sua esperteza, ele comprou um lenço feminino, uma perfumada coisinha de cambraia e renda, que ele quase temia tocar e, assim armado, seguiu-a tão logo ela chegou e dirigiu-se para o salão egípcio.

— Desculpe-me, mas isto é seu? — Ele tentou falar com animada despreocupação, mas falhou visivelmente.

A *Lady Solitária* pegou-o e fingiu examiná-lo cuidadosamente durante algum tempo.

— Não, não é meu. — Ela devolveu-o e acrescentou, com o que lhe pareceu um olhar de suspeita: — É novíssimo. Ainda está até com o preço.

Mas ele relutava em reconhecer que havia sido desmascarado. Ele começou um fluxo de explicação excessivamente plausível.

— Veja, eu o apanhei sob aquele enorme escrínio. Estava perto da perna mais afastada do móvel. — Ele sentiu-se aliviado devido à sua

detalhada narrativa. — Então, como você havia ficado por ali, pensei que devia ser seu e corri para alcançá-la com ele.

Ela voltou a dizer:

— Não, não é meu. — E acrescentou, com alguma descortesia: — Obrigada.

A conversa chegou a uma embaraçosa pausa. A moça ali se encontrava, de pé, ruborizada e desconcertada, evidentemente incerta quanto à melhor maneira de retirar-se com dignidade.

Ele fez um desesperado esforço para tirar vantagem da oportunidade.

— Eu... eu não sabia que havia outra pessoa em Londres que se preocupasse com o nosso pequeno e solitário deus até que você apareceu.

Ela respondeu ansiosa, abandonando qualquer reserva:

— *Você* também o chama assim?

Aparentemente, se ela havia notado a forma de tratamento, não o demonstrou. Ela se surpreendera com a afinidade, e o calmo “claro!” dele pareceu-lhe a mais natural réplica do mundo.

Voltou a reinar o silêncio, mas desta vez era um silêncio nascido da compreensão.

Foi a *Lady Solitária* quem o quebrou com súbita lembrança das convencionaisidades.

Ela aprumou o corpo e, com um quase ridículo assomo de dignidade para tão simples pessoa, declarou, com inflexão reservada:

— Preciso ir agora. Bom dia. — E, com suave e afetada inclinação, afastou-se, mantendo a cabeça muito ereta.

Diante de todos os padrões reconhecidos, Frank Oliver deveria ter se sentido repellido, mas é um lamentável sinal de sua rápida entrada no mundo da depravação que ele apenas murmurasse para si mesmo:

— Queridinha!

Ele logo arrependeu-se de sua ousadia, no entanto. Durante dez dias sua pequena *lady* não foi ao museu. Ele sentia-se desesperado! Ele a havia afugentado! Ela jamais voltaria! Ele era um bruto, um vilão! Nunca mais a veria!

Em sua angústia, vagava pelo Museu Britânico o dia todo. Ela podia simplesmente ter mudado o horário de visita. Ele logo passou a conhecer, de cor, todos os salões adjacentes e adquiriu permanente aversão às múmias. O vigia o observou com suspeita quando ele passou três horas debruçado sobre os hieróglifos assírios, e a infindável contemplação de vasos de todas as eras quase o enlouqueceu de tédio.

Mas, certo dia, a sua paciência foi recompensada. Ela retornou, mais corada que de hábito e tentando, firmemente, mostrar-se controlada.

Ele cumprimentou-a com fraternal calor.

— Bom dia. Há séculos você não aparecia.

— Bom dia.

Ela deixou as palavras saírem com gélida indiferença e, friamente, ignorou a parte final de sua frase.

Mas ele estava desesperado.

— Escute! — Ele, de pé, encarava-a com olhos Suplicantes, que lembravam a ela um enorme e fiel cão. — Não podemos ser amigos? Estou completamente só em Londres... sozinho no mundo e, creio, você também. Poderíamos ser amigos. Além disso, nosso pequeno deus nos apresentou.

— Ele?

— Claro!

Era a segunda vez que usava esta forma extremamente positiva de afirmação e, agora, tal como antes, não deixou de sentir os seus efeitos, pois, depois de um minuto ou dois, a jovem falou no seu jeito ligeiramente majestoso:

— Muito bem.

— Isso é esplêndido — replicou ele,

grosseiramente, mas havia algo em sua voz, quando disse isso, que fez com que a moça o olhasse vivamente, com um forte ímpeto de piedade.

E, assim, a estranha amizade começou. Encontravam-se duas vezes por semana, no santuário de um pequeno ídolo pagão. De início, ambos limitaram suas conversas exclusivamente a ele. Ele era, como o fora desde o início, uma dissimulação e uma desculpa para a sua amizade. A questão de sua origem era amplamente discutida. O homem insistia em lhe atribuir as mais sanguinárias características. Retratava-o como o terror e a apreensão de sua terra natal, insaciável quanto a sacrifícios humanos e reverenciado pelo seu povo devido ao medo e ao tremor. O contraste entre a sua anterior grandeza e a atual insignificância expressavam, de acordo com o homem, todo o patético da situação.

A *Lady Solitária* nada aceitava de sua teoria. Ele era essencialmente um pequeno e simpático deus, insistia ela. Duvidava se, em algum tempo, fora poderoso. Caso o tivesse sido, argumentava, não estaria perdido e sem amigos; de qualquer forma, ele era um pequeno e adorável deus, ela o amava e odiava pensar nele ali sentado, dia após dia, com aquelas outras coisas horríveis e arrogantes

zombando dele, pois percebia-se que era assim que procediam! Depois deste veemente desabafo, a pequena *lady* ficava totalmente sem fôlego.

Esse tópico cansou, e eles, naturalmente, começaram a falar de si mesmos. Ele descobriu que a sua suposição estava correta. Ela era encarregada das crianças de uma família que vivia em Hampstead. Ele concebeu uma instantânea antipatia por estas crianças; Ted, que tinha cinco e não era, na verdade, *malcriado*, apenas travesso; os gêmeos, que *eram* bastante inoportunos, e Molly, que não era capaz de fazer nada do que lhe diziam, mas que era tão amada que não se podia ficar zangado com ela.

— Essas crianças tiranizam você — declarou ele, acusadora e severamente.

— As crianças não se comportam assim — replicou ela, com vigor. — Sou extremamente rigorosa com elas.

— Oh! Ó deuses! — riu ele. Mas ela fez com que se desculpasse por seu ceticismo.

A jovem lhe disse que era órfã e totalmente sozinha no mundo.

Gradualmente, ele contou-lhe partes de sua vida: de sua vida oficial, que fora esmerada e razoavelmente bem-sucedida, e de seu passatempo não-oficial, que era estragar metros e metros de tela.

— É claro que não sei nada a respeito — explicou ele. — Mas sempre tive a impressão de que, algum dia, poderia vir a pintar. Faço esboços muito aceitáveis, mas gostaria de fazer um quadro completo, alguma coisa. Uma pessoa a quem conheci, certa vez me disse que minha técnica não era ruim.

Ela mostrava-se interessada e pedia mais detalhes.

— Tenho certeza de que você pinta tremendamente bem. — Ele negou com a cabeça.

— Não. Comecei diversas coisas ultimamente e as abandonei, desesperado. Sempre pensei que, quando tivesse tempo, seria um velejador em tempo integral. Cultivei essa idéia durante anos, mas agora, como em relação a tudo mais, suponho, percebo que deixei para muito tarde.

— Nunca é tarde para nada, nunca — exclamou a pequena *lady*, com a veemente sinceridade dos muito jovens.

Ele sorriu para ela.

— Você não pensa, garota? Para mim, é muito tarde para fazer determinadas coisas.

A pequena *lady* riu dele e apelidou-o de Matusalém.

Curiosamente, começavam a sentir-se em casa

no Museu Britânico. O encorpado e simpático policial que patrulhava as galerias era um homem de tato e, quando o casal surgia, ele normalmente percebia que suas onerosas obrigações como guardião eram urgentemente necessárias no salão assírio adjacente.

Certo dia, o homem escalou um abrupto degrau. Convidou-a para um chá!

De início, ela hesitou.

— Não tenho tempo. Não sou livre. Posso vir aqui algumas manhãs de folga porque as crianças têm aula de francês.

— Bobagem — objetou o homem. — Você pode conseguir um dia. Mate uma tia ou um primo de segundo grau, mas *venha*. Iremos a uma pequena casa de chá aqui perto, que tem deliciosos bolos de passas para a acompanhar o chá! Sei que você deve adorar bolos de passas!

— Sim, especialmente os baratinhos, com uvas!

— E uma adorável cobertura de gelatina...

— Eles são tão roliços... e gostosos...

— Existe algo — declarou Frank Oliver, solene — infinitamente confortador quando se trata de bolos de passas!

Portanto, as coisas foram arranjadas, e a

pequena governanta veio, usando uma rosa de estufa bastante cara no cinto, em honra da ocasião.

Ele observara que ultimamente ela apresentava uma expressão preocupada e tensa que, naquela tarde, era mais visível do que nunca, enquanto ela se servia de chá na pequena mesa de mármore.

— As crianças estão atormentando você? — indagou ele, solícito.

Ela balançou a cabeça. A jovem, curiosamente, parecia pouco inclinada, nos últimos encontros, a falar sobre as crianças.

— *Elas* estão bem. Nunca dei importância a elas.

— Não?

Seu tom compreensivo pareceu afligi-la injustificavelmente.

— Oh, não. Jamais foi assim. Mas... mas, na verdade, eu me sentia sozinha. Eu estava realmente só! — Seu tom de voz era quase suplicante.

Ele respondeu depressa, sensibilizado:

— Sim, sim, minha pequena, eu sei... eu sei.

Após um minuto de pausa, ele observou, num tom caloroso:

— Sabe que até agora você não perguntou o meu nome? Ela ergueu uma das mãos em sinal de

protesto.

— Por favor, não quero saber. E não pergunte o meu. Sejamos apenas duas criaturas solitárias que se encontraram e tornaram-se amigas. Isso torna tudo tão maravilhoso... e... e... diferente.

Ele falou, vagarosa e pensativamente:

— Muito bem. Em um mundo solitário, seremos apenas duas pessoas que têm somente uma à outra.

Era ligeiramente diferente da maneira que ela havia colocado o problema, e pareceu difícil para ela prosseguir com a conversa. Em lugar disso, ela inclinou-se mais e mais sobre o prato, até que apenas a coroa de seu chapéu era visível.

— É um chapéu bastante bonito — disse ele, de forma a restaurar o equilíbrio da jovem.

— Eu mesma o adornei — informou ela, orgulhosa.

— Percebi isso no momento em que o vi — respondeu ele, dizendo a coisa errada com calorosa ignorância.

— Receio que não esteja tão na moda quanto deveria estar!

— Acho que é um chapéu perfeitamente adorável — retrucou ele, lealmente.

Mais uma vez o constrangimento interpôs-se

entre eles. Frank Oliver, audaciosamente, rompeu o silêncio.

— Pequena *lady*, não tencionava dizer-lhe isso, mas não posso evitá-lo. Eu a amo. Eu a quero. Eu a amei desde o primeiro momento em que a vi, de pé, com seu pequeno casaco negro. Minha querida, se duas pessoas solitárias se juntarem... ora... não haverá mais solidão. E eu trabalharia, oh como eu trabalharia! Eu a pintaria. Eu diria, eu sei. Oh, minha pequena, não posso viver sem você. Não posso, verdadeiramente...

A sua pequena *lady* olhava-o fixamente. Mas o que ela disse era a última coisa que ele esperava ouvir. Muito calma e clara-mente, ela perguntou:

— Você *comprou* aquele lenço?

Ele ficou admirado com aquela prova de perspicácia feminina e mais admirado ainda por ela ter lembrado aquilo contra ele justamente agora. Com toda certeza, após o período de tempo transcorrido, ela devia tê-lo perdoado.

— Sim, eu o comprei — reconheceu, humilde.

— Procurava um pretexto para lhe falar. Você está muito zangada? — Ele, timidamente, ficou esperando pelas suas palavras de condenação.

— Creio que foi muito delicado de sua parte!

— exclamou a pequena *lady* com veemência. —

Muito delicado! — A sua voz findou com alguma incerteza.

Frank Oliver insistiu em tom áspero:

— Diga-me, minha pequena, isso é impossível? Sei que sou um velhote feio e rude...

A *Lady Solitária* o interrompeu.

— Não, você não é! Eu não gostaria que você fosse diferente sob nenhum aspecto. Eu o amo como você é, compreende? Não porque sinto pena de você, não porque estou sozinha no mundo e quero alguém que goste e tome conta de mim... mas porque é justamente... *você*. Você me compreende agora?

— É verdade? — perguntou ele, num sussurro.

E ela respondeu prontamente:

— Sim, é verdade... — O esplendor de tudo aquilo subjugou-os.

Por fim, ele disse, extravagantemente:

— Então estamos no paraíso, minha querida!

— Em uma casa de chá — retrucou ela, a voz tentando conter as lágrimas e os risos.

Mas os paraísos terrestres têm vida curta. A pequena *lady* ergueu-se com uma exclamação:

— Não tinha idéia de como era tarde. Preciso ir imediatamente.

— Eu a levarei.

— Não, não, *não!*

Ele foi forçado a ceder a sua insistência e apenas a acompanhou até a estação do metrô.

— Adeus, queridíssimo. — Ela segurou-lhe a mão com tamanha intensidade que ele, depois, ainda se recordava.

— Adeus apenas até amanhã — respondeu ele, caloroso —, às dez horas, como sempre. E então trocaremos nossos nomes e nossas histórias e seremos terrivelmente práticos e prosaicos.

— Adeus até... o paraíso, ainda assim — murmurou ela.

— Sempre estaremos nele, querida!

Ela devolveu-lhe o sorriso, mas com o mesmo toque de tristeza que o inquietava e com o qual não conseguia conviver. Então, a incansável condução arrastou-a, tirando-a de seu campo de visão.

Ele ficou estranhamente perturbado pelas últimas palavras dela, mas, resolutivo, tirou-as da cabeça e substituiu-as por radiantes antecipações do amanhã.

Às dez da manhã lá estava ele, no lugar de costume. Pela primeira vez percebeu como os outros ídolos olhavam-no malevolamente. Parecia-

lhe que estavam de posse de algum segredo diabólico que o afetava e sobre o qual se regozijavam. Ele estava desconfortavelmente consciente de sua repugnância.

A pequena *lady* estava atrasada. Por que ela não chegava? A atmosfera daquele lugar atacava-lhe os nervos. Nunca seu pequeno amigo (o deus *deles*) parecera-lhe tão desesperadamente impotente quanto hoje. Uma desamparada massa de pedra acalentando o próprio desespero!

Suas cogitações foram interrompidas por um pequeno e astuto garoto, que parara ao seu lado e o examinava cuidadosamente dos pés à cabeça. Aparentemente satisfeito com o resultado de suas observações, entregou-lhe uma carta.

— Para mim?

Não havia sobrescrito. Ele pegou a carta, e o astuto garoto levantou acampamento com extraordinária rapidez.

Frank Oliver leu a carta com vagar. Era bastante curta.

Caríssimo,

Jamais poderei casar-me com você. Por favor, esqueça que eu um dia surgi em sua vida e tente perdoar-me se o magoei. Não

tente encontrar-me, pois não será nada bom. Este é realmente um “adeus”.

A Lady Solitária

Havia um pós-escrito que, evidentemente, havia sido rabiscado no último momento:

Eu o amo de verdade. De verdade mesmo.

E esse curto e impulsivo pós-escrito foi todo o conforto que ele teve nas semanas que se seguiram. Desnecessário dizer que desobedeceu à ordem de “não tentar encontrá-la”, mas tudo foi em vão. Ela havia desaparecido por completo, e não havia nenhuma pista que pudesse ser seguida. Em desespero, ele publicou anúncios, implorando em termos velados que pelo menos ela explicasse o mistério, mas o silêncio total recompensou os seus esforços. Ela se fora para nunca mais voltar.

E foi então, pela primeira vez em sua vida, que ele realmente começou a pintar. Sua técnica sempre fora boa. Agora, habilidade e inspiração deram-se as mãos.

O quadro que lhe trouxe renome foi aceito, entrou para o acervo da Academia e foi considerado o quadro do ano, não apenas pelo peculiar tratamento do tema, mas também pela magistral

habilidade e técnica do artista. Um certo toque de mistério também o tornava mais interessante para o público leigo.

A inspiração chegara até ele quase por acaso. Um conto de fadas, em uma revista, despertara sua imaginação.

Era a história de uma afortunada princesa que sempre tivera tudo que queria. Ela expressava um pedido? Era imediatamente atendida. Um desejo? Era satisfeito. Ela possuía pais devotados, grandes riquezas, belas roupas e jóias, escravos para servi-la e atender seus menores caprichos, sorridentes donzelas para lhe fazer companhia, tudo o que o coração de uma princesa pudesse desejar. Os mais elegantes e ricos príncipes faziam-lhe a corte, pediam em vão sua mão e propunham-se a matar qualquer quantidade de dragões para provar a sua devoção. E, no entanto, a solidão da princesa era maior do que a do mais pobre mendigo da terra.

Ele não leu mais do que isso. O destino final da princesa não o interessava de forma alguma. Uma imagem surgira diante dele, da princesa imersa em prazeres com a triste e solitária alma, farta de luxúria, sufocada de felicidade, morrendo de fome no Palácio da Abundância.

Ele começou a pintar com furiosa energia. A

arrebatadora alegria da criação o dominou.

Ele representou a princesa rodeada pela corte, reclinada num divã. Tumultuadas e excessivas cores orientais impregnavam a pintura. A princesa trajava um maravilhoso vestido com inusitados bordados coloridos; o cabelo dourado caía em torno dela, e em sua cabeça havia um pesado diadema com pedras preciosas. As donzelas da corte a rodeavam, e a princesa, ajoelhada, tinha a seus pés ricos presentes. Toda a cena expressava luxúria e riqueza.

O rosto da princesa, todavia, estava de lado; ela mantinha-se distante dos risos e da alegria ao seu redor. Seu olhar estava voltado para um canto escuro e sombrio, no qual se encontrava um objeto aparentemente incongruente: um pequeno ídolo talhado em pedra cinzenta, com a cabeça enterrada nas mãos num singular abandono ao desespero.

Era assim tão incongruente? Os olhos da jovem princesa permaneciam nele com uma estranha simpatia, como se um senso da origem de seu próprio isolamento dirigisse seu olhar de forma irresistível. Eles eram semelhantes, eles dois. O mundo estava a seus pés, entretanto ela estava só: uma Solitária Princesa olhando Para um pequeno deus solitário.

Toda Londres falou deste quadro, Greta

escreveu algumas apressadas palavras de congratulações de Yorkshire, e a esposa de Tom Hurley implorou a Frank Oliver “para que ele fosse passar o fim de semana e conhecer uma jovem realmente linda e grande admiradora de seu trabalho”. Frank Oliver riu sardonicamente e arremessou a carta ao fogo. O sucesso havia chegado — mas qual era a sua utilidade? Ele queria apenas uma coisa — aquela pequena e solitária *lady*, que saíra de sua vida para sempre.

Era o dia da corrida de cavalos em Ascot, e o policial encarregado de uma determinada seção do Museu Britânico esfregou os olhos e perguntou a si mesmo se estava sonhando, pois ninguém espera ter no museu uma visão de Ascot com um maravilhoso chapéu e vestido rendado, uma verdadeira ninfa, como se tivesse sido criada por um gênio parisiense. O policial manteve os olhos fixos nela em arrebatadora admiração.

O deus solitário não estava, talvez, tão surpreso. Ele poderia ter sido, à sua maneira, um poderoso pequeno deus; de qualquer forma, ali estava uma adoradora trazida de volta ao rebanho.

A Pequena *Lady* Solitária olhava-o e seus lábios moveram-se num rápido sussurro.

— Querido pequeno deus, oh, pequeno e

querido deus, por favor, ajude-me! Oh, por favor, ajude-me!

Talvez o pequeno deus se sentisse lisonjeado. Talvez, se ele fosse realmente a feroz e implacável deidade que Frank Oliver imaginara, os longos e enfadonhos anos e a marcha da civilização tivessem amaciado seu frio coração de pedra. Talvez a *Lady Solitária* estivesse certa durante todo o tempo e ele fosse realmente um simpático pequeno deus. Talvez fosse apenas uma coincidência. Como quer que pudesse ser, foi exatamente naquele momento que Frank Oliver cruzou, devagar e triste, a porta do salão assírio.

Ele ergueu a cabeça e viu a ninfa parisiense.

No momento seguinte, seu braço a envolvia, e ela gaguejava rápidas e descontínuas palavras.

— Eu estava tão sozinha, *você* sabe, pois deve ter lido aquela história que escrevi; você não poderia ter pintado aquele quadro, a menos que soubesse e a menos que compreendesse. A princesa era eu; eu tinha tudo e, no entanto, era solitária além dos limites. Certo dia, indo a uma cartomante, tomei emprestadas as roupas de minha criada. De passagem, entrei aqui e o vi olhando para o pequeno deus. Foi assim que tudo começou. Eu fingi... oh, isso foi tão odioso da minha parte.

Continuei a fingir e, posteriormente, não tive coragem de confessar que eu lhe havia contado tão horríveis mentiras. Pensei que você se sentiria enojado pela forma como o enganara. Não podia suportar que descobrisse, por isso afastei-me. Depois, escrevi aquela história e, ontem, vi o seu quadro. Era o seu quadro, não era?

Apenas os deuses realmente conhecem a palavra “ingratidão”. Presume-se que o pequeno deus solitário conhecesse a negra ingratidão da natureza humana. Como divindade, tinha a oportunidade única de observá-la, ainda que, na hora do julgamento, ele, a quem inumeráveis sacrifícios haviam sido dedicados, por sua vez se sacrificasse. Ele sacrificou seus dois únicos adoradores numa terra estranha, e isso lhe demonstrou como ser um grande pequeno deus à sua própria maneira, visto que sacrificou tudo o que possuía.

Através das frestas entre seus dedos ele os observou afastando-se, mãos dadas, sem olhar para trás, duas pessoas felizes, que haviam encontrado o paraíso e não necessitavam mais dele.

O que era ele, afinal, senão um pequeno deus solitário numa terra estranha?



POSFÁCIO

O *deus solitário* foi publicado pela primeira vez no *Royal Magazine*, em julho de 1926. É uma das poucas histórias puramente românticas de Agatha Christie e ela mesma a considerava “lamentavelmente sentimental”.

Não obstante, a história é interessante porque prenuncia o interesse de Christie pela arqueologia, um interesse que durou a vida toda e que ela identificou como sua área de estudo favorita quando de sua colaboração para o *Michael Parkinson's Confessions Album* (1973), um livro publicado para fins de caridade. Foi o interesse comum pela arqueologia que a fez conhecer o homem que se tornou seu segundo marido, o célebre arqueólogo Max Mallowan. Durante muitos

anos após a Segunda Guerra Mundial, ela e Mallowan passaram a primavera em Nimrud, na Assíria, e a narrativa da própria Agatha Christie sobre as escavações em Tell Brak, na Síria, em 1937 e 1938, *Revele como você vive* (1946), é um agradável e informativo guia dos sítios arqueológicos, bem como deste outro importante aspecto de seu temperamento. Embora, aparentemente, ela nunca tenha escrito durante uma expedição, suas experiências lhe forneceram material para vários romances, incluindo os de mistério, com Poirot, *Morte na Mesopotâmia* (1936), *Morte no Nilo* (1937) e *Encontro com a morte* (1938), bem como o extraordinário *E no final a morte* (1944), que se passa no antigo Egito mais de dois mil anos antes do nascimento de Cristo.



O OURO DE MAN

PREFÁCIO

O *ouro de Man* não é uma história de detetive comum; na verdade, provavelmente é única. Os detetives são bastante convencionais, mas, embora se confrontem com um assassinato particularmente brutal, a identidade do assassino não é a sua principal preocupação. Eles estão muito mais interessados em deslindar uma série de pistas nas imediações de um tesouro escondido, um tesouro cuja existência não ficou confinada à página impressa! Evidentemente, alguma explicação torna-se necessária...

No inverno de 1929, Alderman Arthur B. Crookall teve uma idéia inusitada. Crookall era o presidente do Esforço de Junho, um comitê responsável pelo impulso ao turismo na ilha de Man, e sua idéia era de que deveria haver uma caça ao tesouro, inspirada nas diversas lendas sobre os contrabandistas locais e suas hordas de saqueadores há muito esquecidas. Haveria um tesouro de verdade escondido em alguma parte da ilha, e as pistas para a sua localização estariam ocultas na estrutura de uma história de detetive. Inicialmente, alguns membros do comitê manifestaram suas reservas quanto à proposta de Crookall, mas ela finalmente foi aceita. O comitê concordou em que o “Esquema da Caça ao Tesouro da Ilha de Man” deveria ter início no começo da temporada de férias e ocorrer simultaneamente às corridas de motocicleta em disputa do Troféu do Turista Internacional, então em seu 24º ano e conjuntamente com outros eventos anuais, tais como a coroação da Rainha das Rosas e a corrida de iates à meia-noite.

Mas Crookall, no entanto, precisava encontrar alguém que escrevesse a história em torno da qual a caçada seria baseada. Quem melhor do que Agatha

Christie? Talvez surpreendentemente, e por apenas sessenta libras esterlinas de honorários, Agatha Christie aceitou a proposta, que foi a mais incomum de suas incumbências. Ela visitou a ilha de Man no final de abril de 1930, ficando hospedada com o vice-governador da ilha, antes de retornar a Devon, onde sua filha estava doente. Agatha Christie e Crookall passaram alguns dias discutindo a caça ao tesouro e visitaram vários locais para decidir onde ele poderia ser enterrado e como as pistas deveriam ser articuladas.

A história que daí resultou, *O ouro de Man*, foi publicada em cinco capítulos, até o fim de maio, no *Daily Dispatch*. O *Dispatch* era publicado em Manchester e fora selecionado pelo comitê, provavelmente porque concluíram que era o jornal que os possíveis visitantes ingleses mais gostavam de ler. O *ouro de Man* foi também republicado sob a forma de livreto e um quarto de milhão de exemplares foram distribuídos em hotéis e pensões por toda a ilha. As cinco pistas foram publicadas separadamente (a sua localização no texto é indicada pelo sinal t) e, à medida que se aproximava a data em que o primeiro capítulo seria publicado no *Dispatch*, o comitê do Esforço de Junho apelava para que todos cooperassem, a fim de obter o

máximo possível de publicidade” para a caçada. Mais turistas significavam mais receita, e a caçada também chamou a atenção de cerca de uma centena “daqueles que voltavam para casa”, isto é, pessoas que haviam emigrado da ilha para os Estados Unidos e que deveriam retornar, em junho, como convidados de honra. Nas palavras dos publicitários da época, era “uma oportunidade para que todos os detetives amadores testassem suas habilidades”! Para competir com Juan e Fenella, todos eram aconselhados — tal como o casal — a se municiar com “alguns excelentes mapas... vários guias que descreviam a ilha [e] um livro com a história da ilha... [e] um livro sobre o folclore”. As soluções para as pistas serão dadas no final da história.



O OURO DE MAN

*O velho Mylecharane vivia apenas de água.
Onde Jarby se inclina para o descampado,
Seu terreno cercado era todo dourado com
pombas-trocais e tojos,
Sua filha estava exposta para ser admirada.*

*“Ó pai, dizem que o senhor tem abundante
riqueza,
Mas escondida em lugar ignorado.
Não vejo nenhum ouro, apenas seu brilho sobre
a ravina;
Então, o que o senhor fez com ele?”*

*“Meu ouro está trancafiado num cofre de
carvalho,
Que joguei na maré e afundou,*

*E lá está ele, imóvel como uma âncora de
esperança,*

Todo luzente e tão seguro como o banco.”

Gosto dessa canção — disse eu, apreciativamente, quando Fenella terminou.

— Deveria gostar mesmo — disse Fenella. — É sobre o nosso antepassado, seu e meu. O avô do tio Myles. Ele fez uma fortuna como contrabandista e a escondeu em alguma parte que ninguém sabe onde fica.

Genealogia é o ponto forte de Fenella. Ela tem interesse em todos os seus ancestrais. Minhas tendências são estritamente modernas. O presente difícil e o futuro incerto absorvem toda a minha energia. Mas gosto de ouvir Fenella cantando as velhas baladas de Man.

Fenella é muito encantadora. Ela é minha prima em primeiro grau e também, de tempos em tempos, minha noiva. Em momentos de otimismo financeiro, nos comprometemos. Quando uma equivalente onda de pessimismo se abate sobre nós, compreendemos que não estaremos em condições de casar pelos próximos dez anos e rompemos.

— Alguém já tentou encontrar o tesouro? — perguntei.

— Claro, porém nunca o encontraram.

— Talvez não o tenham procurado cientificamente.

— Tio Myles fez uma admirável tentativa — disse Fenella. — Ele declarou que qualquer um com inteligência seria capaz de resolver um probleminha como esse.

Isso me pareceu muito próprio do nosso tio Myles, um cavalheiro excêntrico e mal-humorado, que vivia na ilha de Man e era muito dado a pronunciamentos didáticos.

Foi nesse momento que o carteiro chegou... e a carta!

— Santo Deus! — gritou Fenella. — Estávamos falando nele... tio Myles morreu!

Tanto eu como ela só víamos nosso excêntrico parente em duas ocasiões, portanto nenhum de nós podia fingir uma tristeza muito profunda. A carta viera de uma banca de advocacia em Douglas e nos informava que, conforme o testamento do sr. Myles Mylecharane, já falecido, Fenella e eu éramos herdeiros conjuntos de seus bens, que consistiam em uma casa perto de Douglas e uma infinitesimal renda. Anexo estava um envelope lacrado, que o sr. Mylecharane havia orientado que deveria ser remetido para Fenella

quando de sua morte. Abrimos a carta e lemos seu surpreendente conteúdo. Eu o reproduzo integralmente, visto que era um documento verdadeiramente peculiar.

“Meus queridos Fenella e Juan (pois acredito que, onde um estiver, o outro não estará muito longe! Ou os mexericos são apenas boatos), vocês devem se lembrar de me ouvir dizer que qualquer um que possuísse uma inteligência mediana, poderia facilmente encontrar o tesouro escondido pelo amável canalha que era o meu avô. Usei a minha inteligência e a recompensa foram quatro baús de ouro puro. Até parece um conto de fadas, não é?

Dos meus parentes vivos, restam apenas quatro: vocês dois, meu sobrinho Ewan Corjeag, que sempre ouvi dizer que é completamente dotado de má sorte, e um primo, um certo dr. Fayll, de quem sei muito pouco, e esse pouco foi sempre ruim.

Deixo meus bens pessoais para você e Fenella, mas sinto que tenho algumas

obrigações no que se refere a este 'tesouro', que se tornou meu devido à minha própria engenhosidade. Meu amável ancestral, tenho a impressão, não ficaria satisfeito se eu o transmitisse, mansamente, através de herança. Portanto eu, por minha vez, arquitetei um pequeno enigma.

Ainda existem quatro 'baús' de tesouro (embora sob uma forma mais moderna que lingotes de ouro ou moedas) e existem quatro competidores — meus quatro parentes vivos. Eu poderia ter sido gentil e deixado um 'baú' para cada — mas o mundo, meus filhos, não é gentil. A corrida será a mais veloz — e, com freqüência, se aproximará da falta de escrúpulos!

Quem sou eu para ir contra a natureza? Vocês precisam lançar sua perspicácia contra os outros dois. Há, receio dizê-lo, poucas chances para vocês. Bondade e inocência raramente são recompensadas neste mundo. Tão forte é a minha impressão que, deliberadamente, trapaceei (parcialidade, de novo, vocês

perceberam!). Esta carta está sendo enviada para vocês com 24 horas de antecedência em relação às cartas para os outros dois. Assim, vocês terão uma boa oportunidade para assegurar o primeiro 'tesouro' — 24 horas à frente, se vocês tiveram miolos, deverão ser suficientes.

As pistas para achar este tesouro poderão ser encontradas em minha casa em Douglas. As pistas para o segundo 'tesouro' não serão reveladas até que o primeiro tesouro seja encontrado. No segundo caso, e nos subseqüentes, vocês estarão emparelhados. Recebam meus votos de sucesso; nada me agrada mais do que vocês conquistarem os quatro 'baús', mas por motivos que já expus, creio que isso é muito improvável. Lembrem-se de que nenhum escrúpulo será obstáculo para o querido Ewan. Não cometam o engano de confiar nele a respeito do que quer que seja. Quanto ao dr. Richard Fayll, pouco sei a respeito dele, mas ele é, imagino, um concorrente desconhecido.

Boa sorte para ambos, mas com

poucas esperanças de sucesso.

Seu afetuoso tio,

Myles

Mylecharane”

Tão logo chegamos à assinatura, Fenella saltou ao meu lado.

— O que foi? — perguntei.

Fenella virava rapidamente as páginas de um guia.

— Precisamos ir para a ilha de Man o mais depressa possível — gritou. — Como ele ousa dizer que somos bons, inocentes e estúpidos? Eu lhe mostrarei! Juan, vamos encontrar todos os quatro “baús”, depois nos casar e viver felizes para sempre, com Rolls-Royces, criados e banheiros de mármore. Mas *precisamos ir* para a ilha de Man imediatamente.

Vinte e quatro horas mais tarde. Havíamos chegado a Douglas, entrevistado os advogados e agora estávamos em Maughold House, diante da sra. Skillicorn, a governanta do nosso falecido tio, uma senhora até certo ponto pavorosa, que, não obstante, se suavizou um pouco diante da impaciência de Fenella.

— Estranho comportamento tinha ele — disse a sra. Skillicorn. — Gostava de deixar todos

intrigados e envolvidos em tramas.

— Mas e quanto às pistas? — exclamou Fenella. — As pistas?

Vagarosamente, como fazia tudo, a sra. Skillicorn saiu do aposento. Retornou após uma ausência de alguns minutos, trazendo uma folha de papel dobrada.

Ansiosos, a desdobramos. Continha versos ruins na caligrafia confusa de meu tio.†

Quatro pontos da bússola e aí haverá

Sul e oeste, norte e leste.

No leste os ventos são ruins para homens e animais.

Vá para o sul e o oeste e

Para o norte, não para o leste.

— Oh! — exclamou Fenella, pálida.

— Oh! — disse eu, quase com a mesma entonação.

A sra. Skillicorn sorria para nós com melancólico prazer.

— Não faz muito sentido, não é? — disse ela, prestimosa.

— Isso... não sei como começar — declarou Fenella com ar de lamento.

— O começo — disse eu, com uma disposição

que não sentia — é sempre difícil. Quando tivermos ido...

A sra. Skillicorn sorriu mais sinistramente que nunca. Era uma mulher deprimente.

— Você pode nos ajudar? — perguntou Fenella, persuasivamente.

— Nada sei sobre esse assunto tolo. Ele não confiava em mim, o seu tio não confiava em mim. Eu nunca sabia o que ele estava a ponto de fazer.

— Ele nunca saiu com baús... ou qualquer coisa desse tipo?

— Isso ele não fez.

— Você não sabe quando ele escondeu o tesouro... se foi recentemente ou há muito tempo?

A sra. Skillicorn negou com a cabeça.

— Bem — disse eu, tentando dar alguma ordem às coisas. — Há duas possibilidades. Ou o tesouro está escondido aqui, nestes terrenos, ou pode estar escondido em qualquer parte da ilha. Depende do tamanho, é claro.

Uma súbita idéia ocorreu a Fenella.

— A senhora não percebeu se sumiu alguma coisa? — perguntou ela. — Entre as coisas do meu tio, quero dizer?

— Ora essa, é estranho você dizer que...

— Percebeu algo, então?

— Conforme eu dizia, é estranho que você mencione isso. Caixas de rapé... há pelo menos quatro delas em que não consigo pôr a mão.

— Quatro! — gritou Fenella. — Deve ser isso! Estamos no caminho certo. Vamos dar uma busca no jardim.

— Não existe nada lá — disse a sra. Skillicorn. — Eu saberia se lá estivessem. Seu tio não poderia ter enterrado nada no jardim sem que eu soubesse.

— Os pontos da bússola são mencionados — disse eu. — A primeira coisa de que precisamos é de um mapa da ilha.

— Há um naquela mesa — informou a sra. Skillicorn. Fenella desdobrou-o apressadamente. Alguma coisa saiu voando quando ela fez isso. Eu a peguei.

— Salve — exclamei. — Isso parece ser uma pista adicional.

Debruçamo-nos sobre a suposta pista ansiosamente.

Parecia ser um mapa bastante rústico. Havia uma cruz nele, um círculo e uma seta apontando para algum lugar; as direções estavam grosseiramente indicadas, mas o mapa era pouco esclarecedor. Nós o estudamos em silêncio.†

— Não é muito esclarecedor, não é? —

comentou Fenella.

— Naturalmente requer que o deciframos — falei. — Não podemos esperar que nos salte aos olhos.

A sra. Skillicorn interrompeu com uma sugestão de ceia, com a qual concordamos, agradecidos.

— E poderia nos conseguir um pouco de café? — perguntou Fenella. — Muito café... bem forte.

A sra. Skillicorn providenciou-nos uma excelente refeição e, ao fim, um enorme bule de café fez a sua aparição.

— Agora vamos cuidar dele — disse Fenella.

— A primeira coisa — sugeri — é a direção. Ela parece apontar claramente para a região nordeste da ilha.

— Assim parece. Vamos olhar o mapa.

Estudamos o mapa atentamente.

— Tudo depende de como você encara a coisa — disse Fenella. — Essa cruz representa o tesouro? Ou isso é alguma coisa como uma igreja? Realmente precisaria haver algumas regras!

— Isso tornaria tudo muito fácil.

— Suponho que sim. Por que há linhas de um lado do círculo e não do outro?

— Não sei.

— Há mais mapas por aqui?

Estávamos na biblioteca. Havia vários excelentes mapas. Havia também diversos guias descritivos da ilha. Havia um livro sobre o folclore. Havia um livro sobre a história da ilha. Lemos todos eles.

E, por fim, formulamos uma teoria possível.

— Isso parece se ajustar bem — disse Fenella, afinal. — Isto é, os dois juntos constituem uma associação apropriada, que não parece ocorrer em nenhum outro lugar.

— Vale a pena tentar, de qualquer maneira — disse eu. — Não creio que possamos fazer mais alguma coisa esta noite. Amanhã, a primeira providência será alugar um carro e sair em campo à procura da nossa felicidade.

— Já é amanhã! — exclamou Fenella. — Duas e meia da manhã! Veja só!

O começo da manhã encontrou-nos na estrada. Alugáramos um carro por uma semana, conciliando as coisas para que nós mesmos o dirigíssemos. O ânimo de Fenella crescia à medida que corríamos pela excelente estrada, quilômetro após quilômetro.

— Se não fosse pelos outros dois, e apenas por isso, quão divertido seria — disse ela. — Este era o

lugar onde o *Derby* era originalmente realizado, não era? Antes de ser transferido para Epsom. Como é esquisito pensar nisso!

Chamei sua atenção para uma casa de fazenda.

— Deve ser essa casa que dizem possuir uma passagem secreta sob o mar que leva àquela ilha.

— Que interessante! Adoro passagens secretas. E você, não? Oh Juan, estamos nos aproximando. Sinto-me terrivelmente excitada. Se estivermos certos!

Cinco minutos mais tarde, saltamos do carro.

— Tudo está na posição certa — disse Fenella, trêmula.

Caminhamos.

— Seis deles... está certo. Agora, entre estes dois. Você trouxe a bússola?

Cinco minutos mais tarde, estávamos em pé um de frente para o outro, uma incrédula alegria em nossos rostos — e, em minha mão estendida, uma antiga caixa de rapé.

Tínhamos sido bem-sucedidos!

Quando de nosso retorno a Maughold House, a sra. Skillicorn encontrou-nos com a informação de que dois cavalheiros haviam chegado. Um já havia partido outra vez, mas o outro estava na biblioteca.

Um homem alto e simpático, com o rosto corado, levantou-se sorridente de uma poltrona na sala quando entramos.

— Sr. Faraker e srta. Mylecharane? Prazer em conhecê-los. Sou um primo distante, dr. Fayll. Jogo divertido, não é?

Suas maneiras eram civilizadas e agradáveis, mas desgostei dele imediatamente. Senti que, de alguma maneira, o sujeito era perigoso. Seus modos agradáveis eram, por qualquer razão, *muito* agradáveis, e seus olhos nunca encontravam os nossos sinceramente.

— Creio que temos más notícias para você — comuniquei. — A sra. Mylecharane e eu já descobrimos o primeiro “tesouro”.

Ele aceitou bem a informação.

— Muito mal... muito mal. Os correios daqui devem ser péssimos. Barford e eu partimos de imediato.

Não nos atrevemos a confessar a perfídia de tio Myles.

— De qualquer forma, todos começaremos em condições iguais para a segunda rodada — acrescentou Fenella.

— Esplêndido. Que tal conhecermos as pistas desde já? A excelente sra.... hã... Skillicorn as tem

em seu poder, creio?

— Isso não seria justo com o sr. Corjeag — objetou Fenella, rapidamente. — Devemos esperar por ele.

— É verdade, é verdade... eu havia me esquecido. Precisamos entrar em contato com ele o mais rapidamente possível. Vou tratar disso. Vocês devem estar cansados e querendo descansar.

A seguir, ele saiu. Ewan Corjeag deve ter sido inesperadamente difícil de ser localizado, pois eram quase onze horas da noite quando o dr. Fayll telefonou. Ele sugeriu que ele e Ewan viessem a Maughold House às dez horas da manhã seguinte, quando então a sra. Skillicorn poderia nos entregar as pistas.

— Isso será esplêndido — respondeu Fenella. — Às dez, amanhã.

Retiramo-nos para cama cansados, mas felizes.

Na manhã do dia seguinte, fomos despertados pela sra. Skillicorn completamente fora de sua habitual calma pessimista.

— O que vocês acham que aconteceu? — perguntou ela, arquejante. — A casa foi assaltada.

— Ladrões? — exclamei, incrédulo. — Levaram alguma coisa?

— Nada... e isso é a parte mais estranha de tudo! Sem dúvida, estavam atrás da prataria... mas a porta trancada impediu que eles prosseguissem.

Fenella e eu a acompanhamos até a cena da transgressão, que, por acaso, era a sua própria sala de estar. A janela fora indiscutivelmente forçada, porém parecia que nada fora levado. Isso era bastante curioso.

— Não sei o que eles poderiam estar procurando — disse Fenella.

— Não é como se houvesse um “baú com um tesouro” escondido na casa — concordei, brincalhão. Subitamente, uma idéia irrompeu em minha mente. Voltei-me para a sra. Skillicorn. — As pistas... as pistas que a senhora nos daria esta manhã?

— Ora, estão em segurança... naquela gaveta de cima. — E dirigiu-se para o móvel. — Ora... não há nada aqui! Sumiram!

— Não eram ladrões — declarei. — Mas nossos estimados parentes! — E lembrei-me do aviso de tio Myles a respeito das inescrupulosas figuras. Efetivamente, ele sabia sobre o que estava falando. Um truque sujo!

— Silêncio — exclamou Fenella, repentinamente, erguendo o dedo. — O que foi

isso?

O som que ela captara chegou claramente aos nossos ouvidos. Era um gemido e vinha do lado de fora. Fomos até a janela e nos debruçamos. Havia uma moita de arbustos crescendo naquele lado da casa e não podíamos ver nada; entretanto, ouviram-se novos gemidos e percebemos que os arbustos pareciam ter sido agitados e pisados.

Descemos os degraus correndo e contornamos a casa. A primeira coisa que encontramos foi uma escada caída, demonstrando como os ladrões tinham alcançado a janela. Poucos passos adiante levaram-nos até onde um homem jazia.

Era um homem jovem, moreno, e evidentemente estava gravemente ferido, pois sua cabeça estava imersa numa poça de sangue. Ajoelhei-me a seu lado.

— Precisamos chamar um médico imediatamente. Temo que ele esteja morrendo.

O jardineiro foi mandado à procura de um médico às pressas. Enfieei a mão no bolso interno de seu casaco e retirei uma carteira. Nela estavam as iniciais E. C.

— Ewan Corjeag — disse Fenella.

O homem abriu os olhos e falou, fracamente:

— Caí da escada... — e perdeu a consciência.

Perto de sua cabeça estava uma enorme pedra, cheia de arestas, manchada de sangue.

— É bastante claro — disse eu. — A escada deslizou e ele caiu, batendo com a cabeça na pedra. Lamento que isso tenha acontecido com ele, pobre sujeito.

— Então você acredita que foi isso? — perguntou Fenella, com um estranho tom de voz.

Mas, nesse momento, chegou o médico. Ele deu poucas esperanças de recuperação. Ewan Corjeag foi levado para a casa e uma enfermeira ficou cuidando dele. Nada poderia ser feito e, algumas horas mais tarde, ele morreria.

Fomos chamados e ficamos ao pé de sua cama. Seus olhos se abriram e brilharam.

— Somos seus primos, Juan e Fenella — revelei. — Existe alguma coisa que possamos fazer?

Ele fez um débil movimento negativo de cabeça. Um murmúrio saiu de seus lábios. Abaixei-me para ouvi-lo.

— Vocês querem a pista? Eu a tenho. Não deixem Fayll derrotá-los.

— Sim — disse Fenella. — Diga-me.

Algo como um sorriso aflorou em seu rosto.

— *Você conhece...* — começou ele.

Então, de súbito, sua cabeça tombou para o

lado e ele morreu.

— Não gosto disso — declarou Fenella repentinamente.

— De que você não gosta?

— Escute, Juan, Ewan roubou as pistas... ele o admitiu, caindo da escada. *Então onde elas estão?* Examinamos o conteúdo de todos os seus bolsos. Havia três envelopes lacrados, conforme disse a sra. Skillicorn. Esses envelopes lacrados não estão lá.

— O que é que você acha?

— Acho que havia mais alguém lá, alguém que puxou a escada e provocou a queda dele. E aquela pedra... ele não caiu em cima dela... que estava a uma distância razoável dele... eu encontrei a marca. Ele foi deliberadamente atingido na cabeça com ela.

— Mas Fenella... isso é assassinato!

— Claro — retrucou Fenella, muito pálida. — É assassinato. Lembre-se de que o dr. Fayll não retornou às dez horas desta manhã. Onde está ele?

— Você acha que ele é o assassino?

— Sim. Você sabe... este tesouro... representa um monte de dinheiro, Juan.

— E, não temos nenhuma idéia de onde procurá-lo — declarei. — É uma pena que Corjeag não tenha conseguido terminar o que havia

começado a dizer.

— Existe algo que talvez ajude. Isto estava em sua mão.

Ela entregou-me um instantâneo fotográfico rasgado.†

— Imagine que seja uma pista. O assassino levou-a e não percebeu que havia deixado um pedaço para trás. Se pudéssemos encontrar a outra metade...

— Para fazer isso — sugeri —, precisamos encontrar o segundo tesouro. Vamos examinar esta coisa. Hum... — murmurei — não há muito o que ver. Parece ser uma espécie de torre no centro de um círculo, mas será muito difícil identificá-la.

Fenella concordou.

— O dr. Fayll tem a metade que interessa. Ele sabe onde procurar. Temos de encontrar esse homem, Juan, e vigiá-lo. É claro que não vamos permitir que perceba que desconfiamos dele.

— Em que parte da ilha ele estará neste momento? Se soubéssemos...

Minha mente retornou ao homem que morrera. De repente, pulei excitadamente.

— Fenella, Corjeag era escocês?

— Não, claro que não.

— Bem, então... O que ele quis dizer? Você

não entende?

— Não?

Rabisquei alguma coisa em um pedaço de papel e passei para ela.

— O que é isto?

— O nome de uma firma que poderá nos ajudar.

— Bellman e True. Quem são eles? Advogados?

— Não... estão mais no nosso ramo... detetives particulares.

E então comecei a lhe explicar.

— O dr. Fayll deseja vê-los — disse a sra. Skillicorn.

Entreolhamo-nos. Vinte e quatro horas haviam se passado. Tínhamos retornado de nossa bem-sucedida busca pela segunda vez. Não desejando atrair a atenção sobre nós mesmos, havíamos viajado no Snaefell — um veículo com bancos transversais para turistas.

— Estou me perguntando se ele sabe que nós o vimos a distância — murmurou Fenella.

— É extraordinário. Se não tivesse sido pela indicação que a fotografia nos deu...

— Silêncio... e seja muito cuidadoso, Juan. Ele deve estar extremamente furioso por termos

passado à frente dele, apesar de tudo.

Nenhum sinal disso podia ser visto no comportamento do doutor, todavia. Ele entrou na sala com suas maneiras civilizadas e encantadoras, e senti a minha fé na teoria de Fenella definhar.

— Que tragédia chocante! — exclamou ele. — Pobre Corjeag. Suponho que ele estava... bem... tentando roubar o nosso próximo passo. A retribuição foi imediata. Bem, bem... nós pouco o conhecíamos, pobre rapaz. Vocês devem estar se perguntando por que não voltei esta manhã, conforme combinado. Recebi um recado falso... coisa do Corjeag, suponho... que me levou a uma ação infrutífera por toda a ilha. E vocês ganharam novamente. Como conseguiram isso?

Havia uma nota de ansiosa curiosidade em sua voz que não me passou despercebida.

— Primo Ewan, felizmente, foi capaz de falar antes de morrer — disse Fenella.

Eu estava observando o homem e posso jurar que vi um sinal de alarme saltar em seus olhos a essas palavras.

— Hã? Como disse? — perguntou ele.

— Ele conseguiu nos dar uma pista dos arredores do tesouro — explicou Fenella.

— Oh! Entendo... entendo. Eu tenho sido

tirado das coisas, embora, muito curiosamente, estivesse nessa parte da ilha. Vocês devem ter me visto perambulando por lá.

— Estávamos tão ocupados — disse Fenella, em tom de desculpa.

— Claro, claro. Vocês devem ter chegado até a coisa mais ou menos por acidente. Jovens sortudos, não são? Bem, qual é o próximo programa? A sra. Skillicorn nos honrará com novas pistas?

No entanto, parecia que o terceiro conjunto de pistas havia sido confiado aos advogados, e os três nos dirigimos para o seu escritório, onde os envelopes lacrados nos foram entregues.

O conteúdo era simples. Um mapa com uma determinada área assinalada, e um papel com instruções a ele anexado.†

Em 1885 este lugar fez história.

Dez passos do marco para o

Leste, depois dez passos

Iguais para o norte. Fique parado

Olhando para o leste. Duas árvores estão

Na linha de visão. Uma delas

Foi consagrada nesta ilha.

Desenhe

Um círculo a um metro e meio do

*Castanheiro e,
Com a cabeça abaixada, caminhe em tomo. Olhe
bem.*

Você encontrará.

— Parece que hoje vamos pisar um pouco nos calos um do outro — comentou o doutor.

Coerente com a minha política de aparente amizade, ofereci-lhe carona em meu carro, que ele aceitou. Almoçamos em Port Erin e, a seguir, iniciamos nossa busca.

Eu havia debatido comigo mesmo sobre o motivo que levara meu tio a confiar este específico conjunto de pistas ao seu advogado. Haveria ele previsto a possibilidade de roubo? Teria determinado que não mais do que um conjunto de pistas caísse em mãos de ladrões?

A caça ao tesouro naquela tarde não foi desprovida de humor. A área de busca era limitada, e estávamos continuamente sob as vistas um do outro. Olhávamo-nos com desconfiança, cada um tentando determinar se o outro estava mais próximo do tesouro ou se tivera uma idéia brilhante.

— Tudo isto é parte do plano de tio Myles — disse Fenella. — Ele queria que ficássemos nos vigiando reciprocamente, passando por todas as

agonias de pensar que a outra pessoa estava se aproximando.

— Calma — disse eu. — Vamos agir cientificamente. Temos definida a pista que servirá como ponto de partida. *Em 1885 este lugar fez história.* Examine os livros de referência que trouxemos conosco e verifique se não podemos procurar naquela colina. Uma vez que possamos...

— Ele está vasculhando aquela cerca viva — interrompeu-me Fenella. — Oh! Não consigo suportar isso. Se ele conseguir...

— Preste atenção — falei, firmemente. — Existe apenas um jeito de trabalhar... o jeito certo.

— Há tão poucas árvores na ilha que seria muito mais simples apenas procurar pelo castanheiro! — disse Fenella.

Atravessei a hora seguinte. Ficamos desanimados e furiosos — e durante todo o tempo éramos torturados pelo medo de que Fayll pudesse ser bem-sucedido, enquanto nós falhávamos.

— Lembro-me de que, em uma história de detetive que li certa vez — disse eu —, um sujeito mergulhou um pedaço de papel de escrita em um banho de ácido... e toda sorte de palavras surgiu.

— Você acha... mas não temos nenhuma solução de ácido!

— Não acredito que tio Myles pudesse esperar que tivéssemos algum conhecimento mais aprofundado de química. Mas é comum o calor...

Esgueiramo-nos para um dos cantos da cerca viva e, em um minuto ou dois, eu havia posto fogo em alguns gravetos. Mantive o papel o mais perto possível da chama e, ao mesmo tempo, o espiava com atenção. Quase que de imediato fui recompensado pela visão de caracteres começando a aparecer ao pé da folha. Havia apenas duas palavras.

— Estação de Kirkhill — leu Fenella.

Exatamente nesse momento, Fayll surgiu na esquina de cerca viva. Se ele havia escutado ou não, era impossível julgar. Ele nada demonstrou.

— Mas, Juan — disse Fenella, quando nos afastamos —, não existe uma Estação Kirkhill! — Ela segurava o mapa à medida que falava.

— Não — concordei, examinando-o —, mas veja aqui.

E risquei uma linha nele com um lápis.

— Claro! E em algum lugar dessa linha...

— Exatamente.

— Mas eu gostaria de saber o ponto exato.

Foi então que minha segunda idéia brilhante me ocorreu.

— E sabemos! — gritei e, de novo empunhando o lápis, acrescentei: — Veja!

Fenella soltou um grito.

— Como é idiota! — exclamou ela. — E como é maravilhoso! Que truque! Realmente, o tio Myles era o cavalheiro mais engenhoso!

Havia chegado o dia da última pista. Esta, informou-nos o advogado, não estava sob sua guarda. Seria remetida pelo correio para nós, juntamente com um cartão-postal enviado por ele. Ele não concederia mais nenhuma informação.

Nada chegou, no entanto, na manhã em que deveria ter chegado; eu e Fenella ficamos agoniados, acreditando que Fayll conseguira, de alguma forma, interceptar a nossa carta. No dia seguinte, porém, nossos temores foram apaziguados e o mistério, explicado, quando recebemos a seguinte garatuja analfabeta:

“Prezado senhor ou madama,

Disculpe atrazo mais tava tudo em
disordem mas agora eu

sei por que o seu Mylecharane obrigou a
mim a mandar pra

vocês o iscrito que tá com minha família
faz muitos anos e

que ele queria não sei pra quê.
obrigada

Mary Kerruish”

— Carimbo do correio: Bride — observei. —
Agora, para o “iscrito que tá com minha família faz
muitos anos”!†

Sobre uma rocha um sinal você verá.

Oh, diga-me, ponta de quê

Poderá ser? Bem, em primeiro lugar, (A). Perto

Você encontrará, repentinamente, o farol

Que procura. Depois (B). Uma casa. Um

Chalé com colmo e muro.

Perto, uma sinuosa alameda. É tudo.

— É muito desagradável começar por uma
rocha — disse Fenella. — Há rochas por toda a
parte. Como poderemos identificar a que tem um
sinal?

— Se pudéssemos nos instalar na cidade —
disse eu —, seria extremamente fácil encontrar a
rocha. Deve haver uma marca nela, apontando para
alguma direção e, nessa direção, deve haver alguma
coisa escondida que lançará luz para a descoberta
do tesouro.

— Creio que você tem razão — disse Fenella.

— Isso é A. A nova pista nos dará uma dica onde B, o chalé, pode ser encontrado. O tesouro está escondido em uma alameda ao lado do chalé. Mas, evidentemente, precisamos primeiro encontrar A.

Devido à dificuldade do passo inicial, o último enigma do tio Myles provou ser realmente embaraçoso. Coube a Fenella a distinção de deslindá-lo. Mesmo assim, ela nada conseguiu durante, aproximadamente, uma semana. De vez em quando cruzávamos com Fayll em nossas pesquisas pelas regiões rochosas, mas a área era ampla.

Quando finalmente fizemos a nossa descoberta, era tarde da noite. Muito tarde, disse eu, para começar a trabalhar no local indicado. Fenella discordou.

— Suponha que Fayll o encontre também — disse ela. — Esperamos até amanhã, e ele começa esta noite. Como iríamos nos queixar de nós mesmos!

De repente, tive uma idéia maravilhosa.

— Fenella — perguntei —, você ainda acredita que Fayll matou Ewan Corjeag?

— Sim.

— Então creio que agora chegou nossa chance de imputar o crime a ele.

— Esse homem me dá arrepios. Ele é totalmente malvado. Diga-me.

— Espalhe a notícia de que encontramos A. A seguir, saia. Aposto dez por um que ele nos seguirá. É um lugar solitário. Exatamente o que ele gostaria de encontrar. Ele aparecerá, se fingirmos que encontramos o tesouro.

— E depois?

— E depois terá uma pequena surpresa.

Era perto da meia-noite. Deixáramos nosso carro a uma certa distância e estávamos rastejando ao longo de um muro. Fenella usava uma lanterna potente. Eu portava um revólver. Não estava dando chances à má sorte.

De repente, com um grito abafado, Fenella parou.

— Veja, Juan — exclamou ela. — Conseguimos. Finalmente.

Por um momento me descuidei. Guiado pelo instinto, virei-me... mas era tarde demais. Fayll estava a seis passos de nós dois e nos mantinha sob a mira de um revólver.

— Boa noite — disse ele. — Esta é a minha vez. Vocês vão me entregar esse tesouro, por favor.

— Você também gostaria de nos dar algo? — perguntei. — A metade de um instantâneo

arrancado das mãos de um homem agonizando?
Você tem a outra metade, creio.

A mão dele tremeu.

— Do que está falando? — resmungou ele.

— A verdade é conhecida — disse eu. — Você e Corjeag estavam lá juntos. Você puxou a escada e esmagou a cabeça dele com uma pedra. A polícia é mais esperta do que imagina, dr. Fayll.

— Eles sabem, não é? Então, pelos céus, serei enforcado por três mortes, não por uma!

— Abaixese, Fenella! — gritei. E, no mesmo instante, o revólver dele disparou ruidosamente.

Ambos havíamos nos jogado nas urzes, e antes que ele pudesse voltar a disparar, homens uniformizados saíram do outro lado do muro, onde haviam se escondido. Um momento mais tarde, o dr. Fayll havia sido algemado e levado.

Estreitei Fenella em meus braços.

— Eu sabia que estava certa — disse ela, trêmula.

— Querida! — exclamei. — Foi muito arriscado. Ele poderia ter acertado você.

— Mas não conseguiu — disse Fenella. — E sabemos onde o tesouro está.

— Sabemos?

— Eu sei. Veja... — ela rabiscou uma palavra.

— Vamos cuidar disso amanhã. Não deve haver muitos esconderijos por aqui, atrevo-me a dizer.

Era exatamente meio-dia quando:

— Eureka! — exclamou Fenella, suavemente.

— A quarta caixa de rapé. Conseguimos pegar todas. Tio Myles teria ficado satisfeito. E agora...

— Agora — sugeri —, vamos nos casar e viver juntos e felizes daqui para a frente.

— Moraremos na ilha de Man — declarou Fenella.

— Com o ouro de Man — disse eu e ri alto, completamente feliz.



POSFÁCIO

Juan e Fenella são primos em primeiro grau e muito semelhantes a Tommy e Tuppence Beresford, os detetives epônimos de *Sócios no crime* (1929) e vários outros romances posteriores. Eles também estão intimamente relacionados com os jovens “investigadores” de vários dos primeiros *thrillers* de Agatha Christie, como *O segredo de Chimneys* (1925) e *Por que não pediram a Evans?* (1934). Na realidade, assim como na história, o “tesouro” assumiu a forma de quatro caixas de rapé, cada uma delas do tamanho de uma caixa de fósforos. As caixas de rapé continham, cada uma delas, meio pêni de Man do século XVIII, nos quais havia um furo no meio, onde estava amarrada uma extensa fita colorida. Cada caixa de rapé também continha um

documento cuidadosamente dobrado, escrito com muitos floreios em tinta nanquim e assinado por Alderman Crookall, que orientava a pessoa que o havia encontrado a apresentar-se imediatamente ao administrador da prefeitura de Douglas, e capital da ilha de Man. Os vencedores eram orientados a levar consigo a caixa de rapé e seu conteúdo, a fim de reclamar o prêmio de cem libras (equivalentes, hoje, a cerca de três mil libras). Eles também tinham de apresentar um documento de identidade, pois somente visitantes à ilha estavam autorizados a participar da caça; moradores de Man eram proibidos de participar.

“Uma inteligência mediana poderia facilmente encontrar o tesouro”

O único propósito da primeira pista de *O ouro de Man*, o verso que começa com “Quatro pontos da bússola e aí haverá”, publicada no *Daily Dispatch* de sábado, 31 de maio, foi indicar que os quatro tesouros seriam encontrados no norte, sul e oeste da ilha, porém não no leste. A pista para a localização da primeira caixa de rapé foi, de fato, a segunda pista, um mapa publicado em 7 de junho. Todavia, o tesouro já havia sido encontrado nesta data, devido às dicas suficientes para a sua localização

contidas na própria narrativa. O descobridor foi um alfaiate de Inverness, William Shaw, que, segundo registrado pelos jornais locais, celebrou a vitória correndo em círculo, sacudindo a caixa de rapé no ar, “enquanto sua esposa ficou excitada demais para falar durante vários minutos”.

A pista mais importante foi a observação de Fenella de que o esconderijo ficava perto do lugar “onde o *derby* era originalmente realizado (...) antes de ser transferido para Epsom”. Esta é uma referência à famosa corrida de cavalos inglesa, que foi realizada pela primeira vez em Derbyhaven, no sudeste da ilha de Man. A ilha da qual, dizia Fenella, “estamos nos aproximando”, em que, pensava-se, existia uma “passagem secreta” que a ligava a uma fazenda, poderia facilmente ser identificada como a ilha de St. Michael, na qual, além da capela do século XII dedicada a São Miguel, existe uma pedra circular conhecida como Derby Fort, razão pela qual a ilha tem um nome alternativo; Fort Island: “Os dois, juntos, constituem uma associação apropriada, que não parece ocorrer em nenhum outro lugar. O forte foi representado no mapa por um círculo com seis linhas que dele se projetavam, a fim de simbolizar os seis históricos canhões — “seis deles” — no forte; a capela foi

representada por uma cruz.

A pequena caixa de rapé de peltre foi escondida numa saliência rochosa voltada para a direção nordeste, entre dois canhões — “entre estes dois. Você trouxe a bússola?” — enquanto a sugestão inicial de Juan de que a pista “parece apontar claramente a região nordeste da ilha” servia apenas para desviar a atenção do ponto principal.

“Muito fácil”

A segunda caixa de rapé, aparentemente feita de chifre, foi localizada em 9 de junho por Richard Highton, um construtor de Lancashire. Conforme Fenella deixou claro para o sanguinário dr. Fayll, as palavras do agonizante Ewan Corjeag, “olhe o horizonte”, são uma pista para os arredores de onde estava o tesouro. Na verdade, elas constituem as palavras iniciais de uma tradicional canção inglesa, *John Peel*, sobre um caçador de Cumberland e, quando Juan sugeriu que “Bellman e True” era “o nome de uma firma que poderá nos ajudar”, não estava se referindo à “banca de advocacia em Douglas”, mencionada no começo da história, mas aos dois cães de caça de John Peel, conforme citados na canção. Com estas pistas, o tema do “instantâneo fotográfico rasgado”, publicado como a terceira

pista em 9 de junho, não teria sido “muito difícil identificá-lo”; eram as ruínas do castelo Peel, na ilha de St. Patrick, construído no século XIV e as linhas curvas ao longo da margem esquerda da fotografia eram arabescos no braço de um banco em Peel Hill, que dá vista para o castelo e sob o qual foi encontrada a caixa de rapé escondida. A viagem no veículo turístico até Snaefell, o ponto mais elevado da ilha de Man, foi uma pista falsa.

“Mais ou menos por acidente”

O terceiro “tesouro” foi encontrado pelo sr. Herbert Elliott, engenheiro naval nascido em Man, mas que vivia em Liverpool. O sr. Elliott alegou mais tarde que não lera *O ouro de Man* nem estudara as pistas, mas simplesmente se decidira por uma área plausível, onde bem cedo pela manhã, em 8 de julho, teve a oportunidade de encontrar a caixa de rapé escondida em um bueiro.

A principal dica para os arredores da caixa estava escondida na quarta pista, publicada em 14 de junho (o verso começando com “Em 1885, este lugar fez história”), em que a segunda palavra de cada linha passa a mensagem:

“85 passos leste norte leste círculo sagrado

espanhol cabeça”.

O “círculo sagrado” é o círculo de Meayll, em Mull Hill, um monumento megalítico pouco mais de 1.600 metros distante do cabo do Espanhol, o ponto mais setentrional da ilha. As referências a um importante evento em “1885” e ao castanheiro, que, segundo relatos da época demonstrou ser uma diversão para muitos daqueles que procuravam o tesouro, eram falsas indicações. Quanto à estação de Kirkhill, a pista descoberta por Juan, Fenella disse corretamente que não existia tal lugar. No entanto, existe uma aldeia chamada Kirkhill, e também existe uma estação ferroviária em Port Erin, onde Juan e Fenella almoçaram antes de iniciar a busca. Se uma reta for traçada de Kirkhill a Port Erin, e prosseguir rumo sul, certamente cruzará o círculo de Meayll, o “ponto exato” identificado por Juan.

“Realmente embaraçoso”

Infelizmente, assim como aconteceu com as pistas para a localização da terceira caixa de rapé, as indicações referentes à quarta pista jamais foram solucionadas. A quinta e última pista, o verso começando com “Sobre uma rocha um sinal você verá”, foi publicada em 21 de junho, mas em 10 de

julho, ao fim do prazo prorrogado para a caçada, que originalmente se pretendia que acabasse no final de junho, o último tesouro foi “desenterrado” pelo prefeito de Douglas. Dois dias mais tarde, numa seqüência à história, o *Daily Dispatch* publicou uma fotografia do evento e a explicação de Agatha Christie para a pista final:

Essa última pista ainda me faz sorrir quando relembro o tempo que perdemos procurando por rochas que tivessem algum sinal. A pista verdadeira era tão simples — as palavras “está tudo em desordem”¹ escritas na carta que capeava as pistas.

Pegue a sexta e a sétima palavras de cada linha do verso e teremos: “*Você verá. Ponta de (A). Perto do farol um muro.*” Procure a ponta de (A), nós identificamos como Ponta de Ayre. Consumimos algum tempo procurando o muro certo, mas o tesouro em si não estava lá. Em vez disso, havia quatro algarismos rabiscados na rocha: 2, 5, 6 e 9.

Aplicando-os às letras da primeira linha do verso se obterá a palavra “*parque*”. Existe

¹ “*Sixes and sevens*”, em inglês. (N. do T.)

apenas um parque de verdade na ilha de Man, em Ramsey. Pesquisamos pelo parque e, finalmente, encontramos o que precisávamos.²

A construção recoberta de colmo era um pequeno quiosque para descanso, e a trilha principal que por ela passava levava a um muro recoberto de hera, que era o esconderijo da enganadora caixa de rapé. O fato de a carta ter sido postada em Bride era uma pista adicional, porquanto essa aldeia fica nas proximidades do farol na Ponta de Ayre, a área mais ao norte da ilha.

É impossível avaliar se *O ouro de Man* foi uma forma bem-sucedida de promover o turismo na ilha. Certamente consta que houve mais visitantes em 1930 que em anos anteriores, mas o quanto esse incremento se deveu ao tesouro está longe de ser comprovado. Reportagens da época mostram que muitos duvidavam que o tesouro pudesse ter algum valor e, em um almoço cívico, para assinalar o término da caçada, Alderman Crookall, agradecendo a um voto de congratulações, atacou aqueles que se recusaram a divulgar a caçada —

² As explicações de Agatha Christie referem-se, obviamente, ao texto em inglês que, traduzido, não é compatível com o uso de iniciais de palavras e o posicionamento delas em determinadas frases. (*N. do T.*)

eram “pessoas que fugiam ao dever e resmungões que nunca fizeram nada, exceto criticar”.

O fato de os habitantes da ilha não terem sido autorizados a participar da caçada pode ter sido a causa da apatia entre eles, mesmo quando o *Daily Dispatch* ofereceu a cada residente de Man que estivesse hospedando alguém que descobrisse o tesouro um prêmio de cinco guinéus, equivalente, hoje, a 150 libras. Isto também pode ter sido a causa de inofensivos atos de “sabotagem”, tais como espalhar falsas caixas de rapé e pistas enganosas, incluindo uma rocha em que a palavra “levante” foi pintada, mas sob a qual não havia nada de interessante, senão cascas de frutas.

Embora não voltasse a haver um evento similar ao da caça ao tesouro da ilha de Man, Agatha Christie *continuou* a escrever novelas de mistério com temas semelhantes. A mais evidente é o desafio lançado a Charmian Stroud e Edward Rossiter pelo tio excêntrico, Mathew, em *Piada desconhecida*, uma aventura de Miss Marple publicada pela primeira vez em 1941 como *Um caso do tesouro enterrado* e incluída em *Os últimos casos de Miss Marple* (1979). Existe, ainda, uma “caçada ao assassino” com estrutura parecida, no romance com Poirot, *Morte do homem louco* (1956).



PAREDES QUE ATORMENTAM

Foi a sra. Lemprière quem descobriu a existência de Jane Haworth. Só poderia ser ela, é claro. Alguém certa vez disse que a sra. Lemprière era, sem dúvida, a mulher mais odiada de Londres, mas creio que isso é um exagero. Ela certamente tem uma aptidão para lançar por terra qualquer coisa sobre a qual se deseje manter silêncio e fez isso com talento genuíno. Sempre por acidente.

Neste caso, estivéramos tomando chá no estúdio de Alan Everard. Vez por outra ele oferecia esses chás e costumava ficar pelos cantos, trajando roupas muito velhas, tilintando moedas de cobre nos bolsos da calça, e parecendo profundamente miserável.

Suponho que atualmente ninguém irá

contestar o atributo de gênio concedido a Everard. Suas duas pinturas mais famosas, *Cor* e *O conhecedor*, que pertenciam à fase inicial de sua carreira, antes que se tornasse um pintor de retratos da moda, tinham sido compradas no ano anterior pelo governo e, nessa ocasião, a escolha não foi censurada. Mas na data a que me refiro, Everard estava apenas começando a se fazer por si mesmo, e estávamos livres para considerar que o havíamos descoberto.

Era sua esposa que organizava essas reuniões. A atitude de Everard em relação a ela era peculiar. Que ele a adorava era evidente, e o que se esperava. Adoração era um direito de Isobel. Mas ele parecia se sentir sempre ligeiramente em débito com ela. Ele concordava com tudo o que ela desejava não apenas através de manifestações de ternura, mas também de uma inalterável convicção de que ela tinha todo direito de viver à sua maneira. Suponho que isso era bastante natural, também, quando se pensa bem sobre isso.

Quanto a Isobel, ela fora realmente muito festejada. Quando foi apresentada à sociedade, tornou-se a debutante do ano. Ela tinha tudo, exceto dinheiro: beleza, posição social, origem tradicional, inteligência. Ninguém esperava que viesse a se

casar por amor. Ela não era esse tipo de moça. Em sua segunda temporada, tinha três pretendentes a seus pés, o herdeiro de um ducado, um político em ascensão e um milionário sul-africano. Mas então, para surpresa de todos, casou-se com Alan Everard, um esforçado jovem pintor de quem ninguém jamais ouvira falar.

É um tributo à personalidade dela, creio, que todos tenham continuado a referir-se a ela como Isobel Loring. Ninguém jamais se referiu a ela como Isobel Everard. Seria algo assim: “Vi Isobel Loring esta manhã. Sim, com o marido, o jovem Everard, o pintor.”

As pessoas diziam que Isobel fizera-se “por si mesma”. Isso seria suficiente, creio, para que muitos homens fossem conhecidos como “o marido de Isobel Loring”. Mas Everard era diferente. O talento de Isobel para o sucesso, afinal, não a decepcionara. Alan Everard pintou *Cor*.

Acho que todos conhecem a pintura: uma comprida estrada com uma vala escavada, a terra revolvida, de cor avermelhada, uma brilhante extensão de cano de esgoto marrom vitrificado e o enorme trabalhador nas escavações, descansando alguns minutos apoiado na pá — uma figura hercúlea, com roupa de algodão aveludado e um

lenço de pescoço vermelho. Os olhos do homem encaram as pessoas da tela — sem inteligência, sem esperança» mas com uma silenciosa e inconsciente súplica, os olhos de um magnífico animal, rude. E algo flamejante, uma sinfonia de laranjas e vermelhos. Muito foi escrito acerca do simbolismo do quadro, sobre o que ele pretendia expressar. Segundo o próprio Alan Everard, ele não quis exprimir coisa alguma. Estava, conforme disse, cansado por ter tido de olhar para inúmeras obras com crepúsculos venezianos e um súbito desejo por uma grande confusão de cores puramente inglesas o assaltou.

Depois, Everard ofereceu ao mundo a épica pintura de um bar — *Romance*; a rua às escuras, a chuva caindo, a porta entreaberta, as luzes, os copos a brilhar, o homem com cara de raposa ultrapassando a porta, pequeno, insignificante, andrajoso, lábios separados, olhos ávidos, em trânsito para o esquecimento.

Devido à força desses dois quadros, Everard foi aclamado o pintor dos “trabalhadores”. Ele havia conquistado o seu espaço. Seu terceiro e mais brilhante trabalho, um retrato de corpo inteiro de *Sir Rufus Herschman*. O famoso cientista foi pintado tendo ao fundo retortas, cadinhos e estantes

de laboratório. O conjunto tinha o que se poderia chamar de efeito cubista, porém as linhas da perspectiva espalhavam-se de maneira estranha.

E agora ele acabara de completar a quarta obra — o retrato de sua mulher. Havíamos sido convidados para vê-lo e dar a nossa opinião. Everard mostrava-se carrancudo e olhava para fora pela janela; Isobel Loring movimentava-se entre os convidados, falando sobre habilidade técnica com infalível correção.

Fizemos nossos comentários. Tínhamos de fazê-lo. Louvamos a pintura do cetim cor-de-rosa. O tratamento dado a ele era realmente maravilhoso. Ninguém havia retratado o cetim daquela maneira antes.

A sra. Lemprière, que é uma das mais inteligentes críticas de arte que conheço, logo puxou-me de lado.

— Georgie — disse ela —, o que ele fez consigo mesmo? A pintura é uma coisa morta. É chata. É... oh, é abominável.

— Retrato de uma Dama com Cetim Cor-de-rosa? — sugeri.

— Exatamente. E, no entanto, a técnica é perfeita. E os cuidados! Ele trabalhou o equivalente a dezesseis quadros.

— Trabalho demais? — perguntei.

— Talvez seja isso. Se havia alguma coisa ali, ele a matou. Uma mulher extremamente bela, em um vestido de cetim cor-de-rosa. Por que não uma fotografia colorida?

— Por que não? — concordei. — Você acha que ele sabe?

— Claro que sabe — respondeu a sra. Lemprière com desdém. — Você não percebe que o homem está na corda bamba? Ele está, atrevo-me a dizê-lo, misturando sentimento e negócios. Ele pôs toda a sua alma no retrato de Isobel, porque ela é Isobel, e, respeitando-a tanto, ele a perdeu. Ele tem sido muito complacente. Algumas vezes, é preciso... destruir a carne antes que se consiga atingir a alma.

Concordei, pensativo. *Sir* Rufus Herschman não fora favorecido em termos físicos, mas Everard se dera bem ao colocar na tela uma personalidade que era inesquecível.

— E Isobel tem uma personalidade tão enérgica — prosseguiu a sra. Lemprière.

— Talvez Everard não deva pintar mulheres — opinei.

— Talvez não — ecoou a sra. Lemprière, entregue a seus pensamentos. — Sim, isso talvez seja a explicação.

E foi então, com seu habitual talento para a precisão, que ela puxou uma tela que estava virada para a parede. Havia oito delas, amontoadas descuidadamente. Foi por puro acaso que a sra. Lemprière selecionou aquela, mas, como disse antes, essas coisas acontecem com a sra. Lemprière.

— Ah! — exclamou a sra. Lemprière, enquanto voltava a tela para a luz.

A pintura estava inacabada, um mero esboço. A mulher, ou jovem, pois não teria mais de 25 ou 26 anos, estava inclinada para a frente, o queixo pousado na mão. Duas coisas despertaram minha atenção: a extraordinária vitalidade da pintura e a espantosa crueldade nela registrada. Everard havia pintado com pincéis vingativos. Até mesmo a pose era cruel; exibiam toda a deselegância, cada ângulo agudo, cada ausência de sensibilidade. Era um estudo tendo por base a cor marrom: vestido marrom, fundo marrom, olhos castanhos, olhos cobiçosos e ansiosos. A cobiça era, na realidade, o detalhe que neles se destacavam.

A sra. Lemprière examinou o quadro em silêncio durante alguns minutos. Depois, chamou Everard.

— Alan — disse ela. — Venha até aqui. Quem é ela?

Everard aproximou-se, obediente. Percebi o súbito lampejo de contrariedade que ele não conseguiu esconder.

— E apenas um quadro malfeito — explicou.
— Acho que nunca irei terminá-lo.

— Quem é ela? — indagou a sra. Lemprière.

Everard demonstrou claramente que não queria responder, e sua hesitação foi como um alento para a sra. Lemprière, que, por princípio, sempre acreditava no pior.

— Uma amiga minha. Srta. Jane Haworth.

— Jamais a vi — disse a sra. Lemprière.

— Ela não vem a estas exposições. — Ele fez uma pausa rápida e depois acrescentou: — É a madrinha de Winnie.

Winnie era sua filhinha de cinco anos.

— É mesmo? — exclamou a sra. Lemprière. — Onde ela vive?

— Battersea. Em um apartamento.

— É mesmo? — repetiu a sra. Lemprière e depois acrescentou: — E o que ela fez a você?

— A mim?

— A você, que o tornou tão... insensível.

— Oh, isso! — ele riu. — Bem, você sabe, ela não é nenhuma beleza. Eu não posso fazê-la diferente, mesmo em nome da nossa amizade,

posso?

— Você fez o oposto — disse a sra. Lemprière.

— Você captou cada defeito dela, exagerou-o e entrelaçou-os. Você tentou torná-la ridícula, mas falhou, meu rapaz. Esse retrato, se você o terminar, terá vida.

Everard parecia irritado.

— Não é mau — disse ele, com certa superficialidade — para um esboço, mas não se pode compará-lo ao retrato de Isobel, que é, sob qualquer aspecto, a melhor coisa que fiz.

Ele pronunciou as últimas palavras desafiadora e agressivamente. Nenhum de nós respondeu.

— Sob qualquer aspecto, a melhor coisa que fiz — repetiu.

Alguns dos outros convidados haviam se aproximado de nós. Eles também deram uma espiada no quadro. Houve comentários e brados diversos. A atmosfera começou a tornar-se mais viva.

Foi dessa maneira que, pela primeira vez, ouvi falar em Jane Haworth. Mais tarde, viria a encontrá-la — duas vezes. Ouviria detalhes de sua vida contados por sua amiga mais íntima. E saberia muito a respeito de Alan Everard. Agora que ambos

estão mortos, creio que já é tempo de contradizer algumas das histórias que a sra. Lemprière está incessantemente espalhando para todos os cantos. Qualifique a minha história, se quiser, de invenção, porém ela não está longe da verdade.

Quando os convidados saíram, Alan Everard virou o retrato de Jane Haworth de novo para a parede. Isobel veio da sala e ficou ao lado dele.

— Um sucesso, você não acha? — perguntou ela, preocupada. — Ou... não foi um sucesso suficiente?

— O retrato? — perguntou ele com rapidez.

— Não, bobo, a recepção. É claro que o quadro é um sucesso.

— É a melhor coisa que já fiz — declarou ele, agressivo.

— Estamos progredindo — prosseguiu Isobel. — *Lady* Charmington quer que você pinte o retrato dela.

— Oh, meu Deus! — O rosto tornou-se carrancudo. — Não sou um retratista da moda, você sabe.

— Você o será. Ficaremos entre os primeiros.

— Não é entre os primeiros que quero estar.

— Mas Alan, querido, é dessa forma que ganharemos montes de dinheiro.

– Quem quer ganhar montes de dinheiro?

– Talvez eu queira – respondeu ela, sorridente.

Ele se sentiu imediatamente envergonhado, melindrado. Se ela não tivesse casado com ele, poderia ter tido montes de dinheiro. E ela precisava disso. Uma certa quantidade de luxo era necessária ao seu estilo de vida.

– Ultimamente não estamos indo tão mal assim – disse ele, melancolicamente.

– É verdade, mas as contas estão chegando com bastante velocidade.

– Contas... sempre contas!

Ele caminhou para cima e para baixo.

– Oh, suspenda isso! Não quero pintar *Lady Charmington* – explodiu ele, como se fosse uma criança petulante.

Isobel sorriu de leve e ficou de pé em frente ao fogo, sem se mover. Alan parou suas incessantes idas e vindas e aproximou-se dela. O que havia nela, em sua calma, em sua inércia, que o atraía... que o atraí como um ímã? Como ela era linda... os braços perfeitos, como que esculpidos em mármore, os cabelos que eram ouro puro, os lábios, lábios de intenso carmim.

Ele beijou-os... e sentiu-os presos aos seus.

Alguma outra coisa importava? O que havia em Isobel que o apaziguava, que cuidava de tudo para ele? Ela o atraía para dentro de sua própria inércia bela e peculiar e o mantinha lá, calmo e contente. Papoula e mandrágora; ele deixou-se ficar ali, em um lago escuro, adormecido.

— Farei o retrato de *Lady* Charmington — disse. — O que isso importa? Ficarei entediado, mas, apesar de tudo, os pintores precisam comer. Eis o sr. Pots, o pintor, a sra. Pots, a esposa do pintor, e a srta. Pots, filha do pintor... todos precisando de sustento.

— Rapaz ridículo! — exclamou Isobel. — E por falar em nossa filha... você deveria ir visitar Jane de vez em quando. Ela esteve aqui ontem e disse que não o vê há meses.

— Jane esteve aqui?

— Sim, para ver Winnie.

Alan pôs Winnie de lado.

— Ela viu o seu retrato?

— Sim.

— O que ela achou?

— Disse que era esplêndido.

— Oh!

Ele franziu o cenho, perdido em pensamentos.

— A sra. Lemprière suspeita que você nutre

uma paixão culposa por Jane, creio — observou Isobel. — O nariz dela fareja muitas coisas.

— Essa mulher! — exclamou Alan, com profundo nojo. — Essa mulher! O que ela não pensaria? O que ela não pensa?

— Bem, *eu* não penso — disse Isobel, sorrindo. — Portanto, vá visitar Jane logo.

Alan olhou-a. Ela estava sentada em um tamborete perto do fogo. O rosto, parcialmente de lado, deixava entrever o sorriso que subsistia em seus lábios. E nesse momento ele sentiu-se des-norteado, confuso, como se uma névoa tivesse se formado à sua volta e, sumindo rapidamente, tivesse lhe permitido um vislumbre de uma terra estranha.

Algo lhe disse: “Por que ela quer que eu vá visitar Jane? Existe uma razão.” Por se tratar de Isobel, devia haver uma razão. Isobel não agia por impulso, apenas calculadamente.

— Você gosta de Jane? — perguntou ele, de repente.

— Ela é um amor — respondeu Isobel.

— Sim, mas você gosta dela de verdade?

— Claro. Ela é tão devotada a Winnie. E, por falar nisso, ela quer levar Winnie à praia na próxima semana. Você não se importa, não é? Isso nos

deixará livres para ir à Escócia.

— Será extraordinariamente conveniente.

Seria, é verdade, exatamente isso. Extraordinariamente conveniente. Ele encarou Isobel com súbita suspeita. Teria ela *pedido* a Jane? Jane submetia-se tão facilmente.

Isobel levantou-se e saiu da sala, sussurrando para si mesma. Oh, bem, isso não importava. De qualquer maneira, ele iria visitar Jane.

Jane Haworth vivia no último pavimento de um bloco de apartamentos voltados para o parque Battersea. Quando Everard escalou os quatro lances de escada e apertou a campainha, sentia-se irritado com Jane. Por que ela não podia viver em um lugar menos cansativo? E quando, não tendo obtido resposta, ele pressionou a campainha três vezes, sua irritação tornou-se maior. Por que ela não podia manter alguém capaz de atender a porta?

Repentinamente, a porta foi aberta, e a própria Jane apareceu no pórtico. Ela estava corada.

— Onde está Alice? — perguntou Everard, sequer cumprimentando-a.

— Bem, receio... quero dizer... ela não se sente bem hoje.

— Bêbada, não é? — perguntou Everard, severo.

Era uma pena que Jane fosse uma inveterada mentirosa.

— Suponho que seja isso — admitiu Jane, relutante.

— Deixe-me vê-la.

Ele irrompeu pelo apartamento. Jane seguiu-o, com uma docilidade apaziguadora. Ele encontrou Alice, a delinqüente, na cozinha. Não havia dúvida quanto à sua condição. Ele acompanhou Jane até a sala de estar, sério e calado.

— Você tem de se livrar dessa mulher — disse ele. — Já lhe disse isso antes.

— Sei o que você disse, Alan, mas não posso fazer tal coisa. Você se esqueceu de que o marido dela está na prisão?

— Que é onde deve estar — retrucou Everard.

— Quantas vezes essa mulher se embebedou nos três meses que está com você?

— Não muitas vezes; talvez três ou quatro. Você sabe que ela fica deprimida.

— Três ou quatro! Nove ou dez seria o número mais perto da realidade. Como ela cozinha? Horrivelmente. Ela presta alguma ajuda, por menor que seja, a você? Nenhuma. Pelo amor de Deus, mande-a embora amanhã de manhã e contrate uma jovem que seja de maior valia.

Jane olhou-o, sentindo-se infeliz.

— Você não vai fazer isso — disse Everard, melancolicamente, afundando numa enorme poltrona. — É uma criatura tão incrivelmente sentimental. E quanto ao que me disseram, que você quer levar Winnie à praia? Quem sugeriu isso, você ou Isobel?

Jane respondeu rapidamente:

— Eu, é claro.

— Jane — disse Everard —, se você aprendesse somente a falar a verdade, eu a adoraria. Sente-se e, pelo amor de Deus, não diga mais mentiras pelos próximos dez minutos.

— Oh, Alan! — exclamou Jane, sentando-se.

O pintor examinou-a criticamente por um minuto ou dois. A sra. Lemprière — aquela mulher — tinha toda razão. Ele fora cruel ao retratar Jane. Ela era quase bonita, se não bastante bonita. Seus traços eram puramente gregos. Era essa excessiva ansiedade de Jane em agradar que a tornava deselegante. Ele havia se agarrado a isso — e o exagerado — tendo afinado a linha de seu queixo ligeiramente pontiagudo e disposto seu corpo numa pose horrível.

Por quê? Por que era impossível para ele ficar cinco minutos na sala com Jane sem sentir uma

violenta irritação era relação a ela crescendo em seu interior? Seja lá como for, Jane era estimada, mas irritante. Ele nunca se sentia calmo e em paz com ela como se sentia quando estava com Isobel. E, apesar disso, Jane era tão ansiosa em agradar, tão desejosa de concordar com tudo o que ele dizia — mas, meu Deus, era tão claramente incapaz de dissimular seus verdadeiros sentimentos.

Ele olhou em torno da sala. Tipicamente Jane. Algumas coisas adoráveis, genuínas preciosidades, aquela peça pintada com esmalte de Battersea, por exemplo, e, ao seu lado, um atroz vaso com rosas pintadas a mão.

Ele apanhou esta última peça.

— Você ficaria muito zangada, Jane, se eu jogasse isto pela janela?

— Oh, Alan, você não deve fazer isto.

— O que quer com todo esse lixo? Você tem bom gosto suficiente, se resolver usá-lo. Essa mistura de coisas!

— Eu sei, Alan. Não é que eu não *saiba*. Mas as pessoas me dão coisas. Esse vaso... a srta. Bates trouxe-o de Margate... e ela é tão pobre, precisa economizar, e isso deve ter custado muito... para ela, você sabe, e ela achou que me agradaria. Eu simplesmente tinha de colocá-lo em um lugar de

destaque.

Everard nada disse. Ele prosseguiu no exame da sala. Havia uma ou duas gravuras nas paredes... havia também diversas fotografias de bebês. Bebês, seja lá o que suas mães pensem, nem sempre fotografam bem. Todos os amigos de Jane que tinham bebês apressavam-se em mandar fotografias deles, esperando que esses presentes fossem apreciados. Jane realmente os apreciara.

— Quem é este pequeno horror? — perguntou Everard, inspecionando uma atarracada adição à galeria com um olhar de soslaio. — Não o tinha visto antes.

— É ela — disse Jane. — O novo bebê de Mary Carrington.

— Pobre Mary Carrington — comentou Everard. — Imagino que você vai fingir que gosta de ter essa pequena aberração à estética olhando de lado para você o dia todo.

Jane ficou de queixo caído.

— Ela é uma criança adorável. Mary é uma velha e boa amiga minha.

— A leal Jane — retrucou Everard, sorrindo para ela. — Então Isobel lhe passou Winnie, não foi?

— Bem, ela me disse que você queria ir à Escócia, e fiquei satisfeita com isso. Você vai deixar

a Winnie comigo, não vai? Estive pensando se você permitiria que ela ficasse comigo durante algum tempo, mas receava perguntar.

— Oh, pode ficar com ela... mais isso é espantosamente gentil de sua parte.

— Então está tudo acertado — disse Jane, feliz.

Everard acendeu um cigarro.

— Isobel lhe mostrou o novo retrato? — ele fez a pergunta de maneira bastante neutra.

— Sim.

— O que achou dele?

A resposta de Jane veio rápida... rápida demais.

— É totalmente esplêndido. Absolutamente maravilhoso.

Alan ergueu-se, repentinamente. A mão que segurava o cigarro tremia.

— Maldição, Jane, não minta para mim!

— Mas, Alan, tenho certeza, ele é absolutamente esplêndido.

— Será que você ainda não aprendeu, Jane, que conheço todas as inflexões da sua voz? Você mente para mim como uma louca para não ferir meus sentimentos, suponho. Por que não pode ser honesta? Você acha que quero que você me diga

que uma coisa é esplêndida quando na verdade não o é? O maldito quadro é uma coisa morta... morta. Não há vida nele, nada por trás dele, nada, apenas aparência, uma maldita aparência suave. Venho me iludindo o tempo todo... sim, mesmo na tarde de hoje. Vim até você para me certificar disso. Isobel não sabe. Mas você sabe, sempre soube. Eu tinha certeza que você diria que o quadro é bom... você não tem restrições morais quanto a esse tipo de coisa. Eu sei apenas pelo tom de sua voz. Quando lhe mostrei *Romance*, você não pronunciou uma só palavra... apenas prendeu a respiração e soltou uma espécie de suspiro.

— Alan...

Everard não lhe deu chance de falar. Jane estava produzindo nele o efeito que ele conhecia muito bem. Era curioso que uma criatura tão gentil pudesse perturbá-lo a ponto de provocar tanta raiva.

— Você acha que eu perdi a minha força vital, talvez — disse ele, iradamente —, mas isso não aconteceu. Posso produzir uma obra tão boa quanto *Romance*... melhor, quem sabe. Eu lhe mostrarei, Jane Haworth.

Ele saiu apressadamente do apartamento. Caminhando com rapidez, atravessou o parque e a

Albert Bridge. Ainda estava sentindo um formigamento devido à irritação e raiva frustrada. Jane, realmente! O que *ela* sabia a respeito de pintura? A *sua* opinião era válida? Por que ele deveria se preocupar? Mas ele se preocupava. Ele queria pintar algo que deixasse Jane sem fôlego. Sua boca ficaria entreaberta e as maçãs do rosto, coradas. Ela olharia primeiro para o quadro e depois para ele. Provavelmente ela não diria uma só palavra.

No meio da ponte, viu a imagem que queria pintar. Ela lhe ocorreu e não vinha de parte alguma, surgindo inesperadamente. Ele a viu no ar ou ela estaria em sua mente?

Uma pequena e sombria loja de bricabraque, bastante escura e de aspecto bolorento. Atrás do balcão, um judeu — um pequeno judeu de olhos astutos. Diante dele, o cliente, corpulento, pele lisa, bem alimentado, rico, vaidoso, enorme papada. Acima deles, numa prateleira, um busto de mármore branco. A luz que fluía do rosto de mármore do jovem grego, a imortal beleza da Grécia antiga, desdenhoso, despreocupado quanto à venda e à transação. O judeu, o rico colecionador, a cabeça do jovem grego. Ele viu-os todos.

— O *conhecedor*, é assim que o chamarei —

murmurou Alan Everard, evitando o meio-fio e escapando por pouco de ser atingido por um ônibus que passava. — Sim, O *conhecedor*. Eu *mostrarei* a Jane.

Quando ele chegou a casa, foi direto para o estúdio. Isobel lá o encontrou, selecionando telas.

— Alan, não se esqueça de que vamos jantar com os March...

Everard balançou a cabeça, impaciente.

— Danem-se os March. Vou trabalhar. Captei algo, mas preciso passá-lo... passá-lo imediatamente para a tela, antes que se vá. Telefone para eles. Digalhes que morri.

Isobel olhou-o pensativa durante um breve momento e depois saiu. Ela entendia a arte de viver com um gênio bastante bem. Foi até o telefone e deu uma desculpa plausível.

Ela olhou em torno, bocejando um pouco. Depois, sentou-se à escrivaninha e começou a escrever.

“Querida Jane,

Muito obrigada pelo seu cheque, que hoje recebi. Você é muito boa com a sua afilhada. Cem libras darão para uma porção de coisas. Uma criança demanda

muitas despesas. Você gosta tanto de Winnie que sinto não fazer nada de errado ao lhe solicitar ajuda. Alan, como todos os gênios, quer trabalhar apenas naquilo que lhe interessa — e, infelizmente, nem sempre é suficiente para se ganhar a vida. Espero vê-la em breve.

Sua, Isobel”

Quando *O conhecedor* foi concluído, alguns meses mais tarde, Alan convidou Jane para ir vê-lo. A obra não saíra exatamente como a concebera — seria impossível que tal acontecesse —, mas estava bem próximo. Ele a havia feito e era boa.

Desta vez, Jane não lhe disse que era esplêndida. A cor assomou em seu rosto e seus lábios entreabriram-se. Ela olhou para Alan, e ele viu em seus olhos o que desejava ver. Jane sabia.

Ele saiu para respirar ar fresco. Ele havia mostrado a Jane!

A pintura fora de sua mente, ele começou a observar o meio ambiente à volta.

Winnie se beneficiara enormemente dos quinze dias que passara à beira-mar, mas incomodou-o que as roupas da criança estivessem tão gastas. Disse isso para Isobel.

— Alan! Você, que nunca presta atenção a nada! Eu gosto de crianças vestidas com simplicidade... detesto-as quando ficam espalhafatosas.

— Existe uma diferença entre simplicidade e remendos e retalhos.

Isobel não disse nada, mas deu um vestido novo para Winnie.

Dois dias depois, Alan estava às voltas com as devoluções do imposto de renda. Seu livro de contas correntes estava diante dele. Procurava o livro de Isobel, quando Winnie irrompeu pela sala com uma boneca horrorosa.

— Papai, tenho um enigma para você decifrar. *Você consegue? "Protegida por uma parede tão branca quanto leite, protegida por uma cortina macia como seda, banhada por um mar límpido como o cristal, uma maçã dourada deverá surgir."* Adivinhe o que é?

— Sua mãe — respondeu Alan, distraído. Ele ainda estava procurando o livro.

— Papai! — Winnie soltou gargalhadas. — E um ovo. Porque você pensou que fosse mamãe?

Alan também riu.

— Eu realmente não estava prestando atenção — disse ele. — E as palavras pareciam se referir à

mamãe, de alguma forma.

Uma parede tão branca quanto o leite. Uma cortina. Cristal. Uma maçã dourada. Sim, isso sugeria Isobel para ele. As palavras são coisas curiosas.

Finalmente ele encontrou o livro de contas. Pediu, peremptoriamente, que Winnie saísse do aposento. Dez minutos mais tarde, ergueu o olhar, surpreendido por uma palavra dita em tom agudo.

— Alan!

— Olá, Isobel. Não a ouvi entrar. Veja aqui, não consigo identificar estas despesas em seu livro de contas.

— O que é que você tem a ver com o meu livro de contas?

Ele a encarou, aturdido. Ela estava zangada. Jamais a vira zangada antes.

— Eu não sabia que você se importava.

— Eu me importo... e muito, na verdade. Você não tem nada que mexer nas minhas coisas.

Repentinamente, Alan também se zangou.

— Peço desculpas. Mas uma vez que mexi nas suas coisas, talvez você possa me explicar duas ou três anotações que me deixaram intrigado. Pelo que pude entender, aproximadamente quinhentas libras de despesas foram pagas por você este ano, e não

pude identificar a origem do dinheiro. De onde ele veio?

Isobel havia recuperado a calma. Sentou-se em uma cadeira.

— Você não precisa ficar tão sério a respeito disso, Alan — disse ela, despreocupadamente. — Não é proveniente de atos pecaminosos ou algo assim.

— De onde veio esse dinheiro?

— De uma mulher. Amiga sua. Não é para mim. É para Winnie.

— Winnie? Você quer dizer... este dinheiro veio de Jane?

Isobel concordou.

— Ela é tão devotada à criança... faz o que pode por ela.

— Sim, mas... é evidente que o dinheiro deveria ter sido investido em benefício de Winnie.

— Oh, o dinheiro não é para essa espécie de coisa, de forma alguma. E para as despesas habituais, roupas e coisas assim.

Alan permaneceu calado. Estava pensando nos vestidos de Winnie — com retalhos e remendos.

— Você tem sacado a descoberto, Isobel?

— É? Isso está sempre acontecendo comigo.

— Sim, mas essas quinhentas libras...

— Meu querido Alan, gastei-as com Winnie da maneira que me pareceu a mais adequada. Posso lhe assegurar que Winnie está bastante satisfeita.

Alan *não* estava satisfeito. No entanto, tamanha era a força de Isobel, apesar de sua placidez, que ele nada mais disse. Afinal de contas, Isobel era descuidada em matéria de dinheiro. Ela não tencionara gastar consigo mesma o dinheiro que haviam lhe dado para a menina. Naquele dia, uma conta, já paga, foi endereçada por engano ao sr. Everard. Era de uma modista em Hanover Square e totalizava estranhíssimas duzentas libras. Ele a entregou a Isobel sem dizer uma palavra. Ela espiou-a, sorriu e disse:

— Pobre rapaz, suponho que isso lhe parece horrível, mas realmente *preciso* estar mais ou menos vestida.

No dia seguinte, ele foi visitar Jane.

Jane estava irritante e fugidia como sempre. Ele não queria incomodá-la. Winnie era a sua afilhada. As mulheres entendiam dessas coisas, os homens não. Era evidente que ela não queria que Winnie recebesse quinhentas libras para gastar em vestidos. Poderia ele, por favor, deixar este assunto para ela e Isobel? Ambas se entenderam maravilhosamente.

Alan saiu num estado de crescente insatisfação. Sabia perfeitamente bem que havia deixado de lado a única pergunta que realmente gostaria de fazer. Ele queria dizer: “Alguma vez Isobel lhe pediu dinheiro para Winnie?” Ele não perguntou isso porque temia que Jane pudesse não mentir bem o suficiente para ludibriá-lo.

Mas ele estava preocupado. Jane era pobre. Ele sabia que ela era pobre. Ela não devia... não devia se desfazer do que possuía. Ele decidiu falar com Isobel. Isobel mostrou-se calma e tranqüila. Evidentemente, ela não deixaria Jane gastar mais do que poderia arcar.

Um mês mais tarde, Jane morreu.

Foi uma gripe, seguida de pneumonia. Ela indicou Alan Everard como testamenteiro e deixou tudo o que tinha para Winnie. Mas isso não era muito.

Era tarefa de Alan vasculhar os papéis de Jane. Ela deixou um arquivo que era fácil de seguir — numerosas demonstrações de atos de bondade, cartas de solicitações, cartas de agradecimento.

Por fim, ele encontrou o diário dela. Nele havia um pedaço de papel:

“Para ser lido, após a minha morte, por Alan Everard. Ele muitas vezes reprovou-me por não

falar a verdade. Toda a verdade está aqui.”

Então, finalmente, ao encontrar o único lugar em que Jane ousara ser honesta, ele veio a conhecê-la. O diário era um registro, bastante simples e sem afetação, de seu amor por ele.

Havia pouco sentimentalismo a respeito disso — nenhuma linguagem rebuscada. Mas não havia dissimulação dos fatos.

“Eu sei que freqüentemente o irrita”, escreveu ela. “Tudo o que faço ou digo parece, por vezes, torná-lo zangado. Não sei por que tem de ser assim, pois me esforço por agradá-lo; mas eu realmente acredito, mesmo assim, que significo algo de real para você. Ninguém fica zangado com as pessoas que nada significam.”

Não foi culpa de Jane que Alan encontrasse outras coisas. Jane era leal — mas era também desordenada; ele vasculhou suas gavetas abarrotadas. Pouco antes de sua morte, ela cuidadosamente queimara todas as cartas de Isobel. A única que Alan encontrou estava espremida atrás de uma gaveta. Quando a leu, o significado de certos sinais cabalísticos no canhoto do talão de cheques de Jane tornou-se claro. Nessa carta em particular, Isobel mal se dera ao trabalho de manter a desculpa de que o dinheiro era para Winnie.

Alan sentou-se diante da escrivaninha e durante muito tempo ficou olhando pela janela com olhos que nada viam, voltados para fora. Finalmente, enfiou o talão de cheques no bolso e deixou o apartamento. Caminhou de volta para Chelsea, consciente da ira que rapidamente tornava-se mais forte.

Isobel não estava quando chegou, e ele lamentou o fato. Mantinha na mente, com toda a clareza, o que queria dizer. Em vez disso, dirigiu-se para o estúdio e pegou o retrato inacabado de Jane. Colocou-o num cavalete perto do retrato de Isobel trajando cetim cor-de-rosa.

Aquela Lemprière estava certa; havia vida no retrato de Jane. Olhou-a, os olhos vivos, a beleza que ele tentara negar em vão. Essa era Jane — a vivacidade, mais do que qualquer outra coisa, era Jane. Ela era, pensou ele, a pessoa mais viva que jamais encontrara. Tanto era assim que, mesmo agora, não conseguia pensar nela estando morta.

E ele lembrou-se de seus outros quadros: *Cor*, *Romance*, *Sir Rufus Herschman*. Todos eram, de certa maneira, quadros de Jane. Ela inflamara a centelha de cada um deles — e o havia mandado embora, colérico e inquieto — para *mostrar* a ela! E agora? Jane estava morta. Voltaria ele a pintar um

quadro — um quadro de verdade — novamente? Olhou mais uma vez para o vivido rosto na tela. Talvez. Jane não estava muito longe.

Um som fez com que ele se voltasse. Isobel entrara no estúdio. Ela estava vestida para jantar com um traje totalmente branco, que destacava o ouro puro de seus cabelos.

Ela parou de repente e controlou as palavras em sua boca. Olhando-o atentamente, aproximou-se do divã e sentou-se. Ela parecia estar absolutamente calma.

Alan retirou o talão de cheques do bolso.

— Estive examinando os papéis de Jane.

— Sim?

Ele tentou imitar a calma dela, afastou o tremor da voz.

— Durante os últimos quatro anos ela andou abastecendo você com dinheiro.

— Sim. Para Winnie.

— Não, não para Winnie — gritou Everard. — Vocês duas fingiam que era para Winnie, mas ambas sabiam que não era. Você percebeu que Jane vendeu os títulos de investimento, vivendo no maior aperto, para que você tivesse roupas... roupas de que você, na realidade, não precisava?

Isobel não desviou os olhos do rosto dele.

Acomodou o corpo mais confortavelmente nas almofadas, tal como um gato persa branco o faria.

— Não tenho culpa se Jane se privava mais do que deveria fazê-lo — disse ela. — Eu supunha que ela tivesse recursos. Ela sempre foi louca por você, eu sabia disso, é claro. Algumas esposas teriam feito muito barulho toda vez que você saía correndo para ir vê-la e passava horas com ela. Eu não o fiz.

— Não — retrucou Alan, extremamente pálido. — Você a fez pagar, em vez disso.

— Está dizendo coisas muito ofensivas, Alan. Tenha cuidado.

— Não são verdadeiras? Por que você acha que foi tão fácil arrancar dinheiro de Jane?

— Não por amor a mim, com toda certeza. Deve ter sido por amor a você.

— Foi exatamente isso — disse Alan, sem afetação. — Ela pagou pela minha liberdade... liberdade de trabalhar à minha maneira. Porque você, Isobel, tão logo tivesse dinheiro suficiente, me deixaria em paz... não insistiria mais para que eu pintasse uma multidão de mulheres horrorosas.

Isobel nada disse.

— E então? — gritou Alan, furioso.

A tranqüilidade dela o enfureceu.

Isobel olhava para o chão. Nesse momento, ela

ergueu a cabeça e disse com toda a calma:

— Venha até aqui, Alan.

Ela indicou o divã ao seu lado. Incomodado, não querendo ir, ele sentou-se ao lado dela, não a encarando. Mas ele sabia que sentia medo.

— Alan — disse Isobel no mesmo instante.

— Sim?

Ele estava irritado, nervoso.

— Tudo o que você disse pode ser verdade. Não importa. Eu sou assim. Quero ter coisas... roupas, dinheiro, *você*. *Jane está morta*, Alan.

— O que quer dizer com isso?

— Jane está morta. Agora, você me pertence inteiramente. Você nunca foi meu antes... não o bastante.

Ele a olhou — viu o brilho de seus olhos, possessivos, aquisitivos — e ficou revoltado, embora fascinado.

— Agora você será todo meu.

Naquele momento, ele compreendeu Isobel como jamais compreendera antes.

— Você me quer como escravo? Devo pintar o que você me disser para pintar, viver como você me disser para viver, ser arrastado às rodas de sua carruagem.

— Entenda as coisas assim, se o desejar. O que

são as palavras?

Ele sentiu as mãos dela em torno do pescoço dele, brancas, macias, firmes como uma parede. As palavras dançavam em sua mente. “Uma parede tão branca quanto o leite.” Ele já estava do outro lado da parede. Ainda poderia escapar? Ele queria escapar?

Ele ouviu a voz da mulher bem perto de seu ouvido — papoula e mandrágora.

— Para que mais vivemos? Isso não é suficiente? Amor... felicidade... sucesso... amor.

A parede crescia naquele momento em torno dele — “a cortina macia como seda”, a cortina envolvendo-o, sufocando-o um pouco, mas tão macia, tão doce! Agora estavam flutuando juntos, em paz, longe do mar de cristal. A parede agora era muito alta, escondendo todas as demais coisas — aquelas perigosas e perturbadoras coisas que feriam — que sempre feriam. Longe do mar de cristal, a maçã dourada nas mãos.

A luz desapareceu do retrato de Jane.



POSFÁCIO

Como muitas das primeiras histórias de Agatha Christie, *Paredes que atormentam* foi publicada pela primeira vez no *Royal Magazine*, em outubro de 1925, e é algo ambígua. As referências finais às envolventes paredes brancas *podem* ser entendidas como o que parece ser uma descrição dos braços de Isobel Loring à medida que se enrodilhavam em torno de Alan Everard, mas como poderia a frase ser interpretada? Há a obscura menção, no final, à “maçã dourada em suas mãos” — mãos de quem, e o que simboliza a “maçã dourada”? Existe, talvez, um significado ainda mais obscuro para o equívoco de Alan em face do enigma de Winnie? Ele está realmente estrangulando a mulher no final da história? Ou, já que tendo “a luz” desaparecido do

retrato de Jane, no fim deve o leitor supor que Alan a esquecera e perdoara Isobel? E quanto à sua própria morte? Agatha Christie não explica as circunstâncias, apenas menciona que havia provocado rumores grosseiros aos quais o narrador da história está procurando pôr fim.

A história baseia-se também em um dos temas mais comuns da obra de Agatha Christie, o eterno triângulo. Isso aparece em diversos trabalhos, inclusive *Morte no Nilo* (1937) e *Morte na praia* (1941), aventuras com Poirot que apresentam estruturas similares, e em contos como *A calçada banhada de sangue*, publicado em *Os treze problemas* (1932). Em *Um talento para enganar* (1980), inegavelmente a crítica mais apurada dos textos de Agatha Christie, Robert Barnard descreve como a autora usa estes e outros lugares-comuns como uma de suas “estratégias de logro”, desviando os leitores rumo a direções enganadoras quanto à simpatia (e suspeitas) e brincando com as suas expectativas. Ela adotou táticas similares em suas peças teatrais, sobretudo em *A ratoeira* (1952).



O MISTÉRIO DO BAÚ DE BAGDÁ

As palavras provocaram uma manchete capciosa, e eu disse outras tantas ao meu amigo, Hercule Poirot. Eu não sabia nada sobre festas. Meu interesse era meramente o desapaixonado interesse do homem das ruas. Poirot concordou.

— Sim, tem um sabor oriental, misterioso. O baú pode muito bem ter sido uma imitação jacobiana de Tottenham Court; todavia, o repórter que pensou em batizá-lo de baú de Bagdá teve uma inspiração feliz. A palavra “mistério” também está cuidadosamente justaposta, embora eu entenda que subsiste muito pouco mistério quanto ao caso.

— Exatamente. É bastante horrível e macabro, mas não é misterioso.

— Horrível e macabro — repetiu Poirot,

pensativo.

— Toda a idéia é revoltante — disse eu, levantando-me e caminhando para cima e para baixo pela sala. — O assassino mata este homem, seu amigo, enfia-o em um baú e, meia hora depois, está dançando, no mesmo aposento, com a esposa de sua vítima. Pense! Se ela tivesse imaginado por um momento...

— É verdade — admitiu Poirot, ainda pensativo. — Essa qualidade tão alardeada, a intuição feminina... não parece ter sido acionada.

— A festa parece ter transcorrido com muita alegria — acrescentei, com ligeiro calafrio. — E, durante todo o tempo, enquanto eles dançavam e jogavam pôquer, havia um homem morto na sala, junto com eles. Alguém poderia escrever uma peça a partir desse fato.

— Ela já foi escrita — informou-me Poirot. — Mas console-se, Hastings — acrescentou, gentilmente. — Mesmo que um tema tenha sido usado uma vez, não há razão para que não possa ser reutilizado. Escreva o seu drama.

Eu havia apanhado o jornal e estudava a fotografia quase sem nitidez.

— Ela deve ser uma mulher muito bonita — comentei, vagorosamente. — Mesmo com essa

fotografia, tem-se uma idéia.

Sob a fotografia, via-se o texto-legenda:

FOTOGRAFIA RECENTE DA SRA. CLAYTON,
ESPOSA DO HOMEM ASSASSINADO

Poirot puxou o jornal de minha mão.

— Sim — disse ele. — Ela é linda. Sem dúvida, é daquelas que nasceu para perturbar as almas dos homens.

Ele devolveu-me o jornal com um suspiro.

— *Dieu merci*, não tenho um temperamento fervoroso. Isso me salvou de inúmeros constrangimentos. Sou profundamente grato.

Não me recordo do que discutimos a seguir a respeito do caso. Poirot não demonstrou especial interesse nele naquela ocasião. Os fatos eram tão claros e havia tão poucas contradições que qualquer discussão seria totalmente fútil.

O sr. e sra. Clayton e o major Rich eram amigos sinceros havia muito tempo. No dia em questão, 10 de março, os Clayton aceitaram o convite para uma noitada junto com o major Rich. Mais ou menos às sete e meia, todavia, Clayton informou a outro amigo, o major Curtiss, com quem tomava um drinque, que fora inesperadamente chamado à Escócia e que ia partir no trem das oito

da noite.

— Terei tempo apenas para dar um pulo até lá e explicar ao velho Jack — prosseguiu Clayton. — Marguerita comparecerá, é claro. Lamento tudo isso, mas Jack compreenderá como são as coisas.

O sr. Clayton foi fiel à palavra. Chegou aos aposentos do major Rich em torno de vinte para as oito. O major ausentara-se, mas seu criado, que conhecia bem o sr. Clayton, sugeriu que ele entrasse e esperasse. O sr. Clayton respondeu que não tinha tempo mas que entraria e deixaria um bilhete. Acrescentou que estava a caminho da estação ferroviária.

O criado, em conseqüência, encaminhou-o à sala de estar.

Cerca de cinco minutos mais tarde, o major Rich, que deve ter entrado sem que o criado ouvisse, abriu a porta da sala de estar, chamou o laçao e mandou-o à rua comprar cigarros. Ao voltar, o serviçal entregou-os ao patrão, que estava sozinho na sala de estar. O serviçal, naturalmente, concluiu que o sr. Clayton se fora.

Os convidados chegaram logo depois. Incluíam a sra. Clayton, o major Curtiss e os sr. e sra. Spence. A noite transcorreu com danças ao som do fonógrafo e jogo de pôquer. Os convidados

saíram pouco depois da meia-noite.

Na manhã seguinte, indo arrumar a sala de estar, o criado ficou admirado ao encontrar uma intensa mancha descolorindo o tapete abaixo e em frente a um móvel que o major Rich trouxera do Oriente e que era chamado de baú de Bagdá.

Instintivamente, o serviçal ergueu a tampa do baú e ficou horrorizado ao encontrar lá dentro o corpo dobrado de um homem que fora esfaqueado no coração.

Aterrorizado, o criado saiu correndo do apartamento e buscou o policial mais próximo. Verificou-se que o homem morto era o sr. Clayton. A prisão do major Rich deu-se logo a seguir, com muita presteza. A defesa do major, percebeu-se, consistia em uma inflexível negação de tudo. Ele não havia visto o sr. Clayton na noite anterior, e a primeira vez em que ouviu falar da ida dele à Escócia fora através da sra. Clayton.

Tais eram, sem enfeites, os fatos. Sugestões e insinuações naturalmente abundavam. A amizade e a intimidade entre o major Rich e a sra. Clayton eram tão salientadas que somente um idiota não conseguiria entender as entrelinhas. O motivo do crime estava perfeitamente explicado.

Longa experiência ensinou-me a ser

indulgente com calúnias sem base. O motivo sugerido poderia ser, apesar de todos os indícios, inteiramente inconsistente. Alguma outra razão poderia ter precipitado o desfecho. Mas uma coisa persistia claramente, a de que Rich era o assassino.

Conforme disse, o assunto poderia ter morrido ali, se não tivesse acontecido de Poirot e eu estarmos em uma festa oferecida naquela noite por *Lady Chatterton*.

Poirot, embora abominando compromissos sociais e declarando sua paixão pela solidão, na realidade muito apreciava esses eventos. Ser cumulado de atenções e tratado como celebridade o agradavam de todos os pontos de vista.

Em certas ocasiões, ele positivamente se deliciava! Eu o tenho visto receber, calmamente, os mais excessivos cumprimentos como se não fossem mais do que lhe é devido e expressando ruidosamente as observações mais estranhas possíveis, do tipo que eu mal posso agüentar que imputem a mim.

Por vezes ele discutia o assunto comigo.

— Mas, meu amigo, eu não sou anglo-saxão. Por que deveria bancar o hipócrita? *Si, si*, é isso o que vocês fazem, todos vocês. O piloto que fez um vôo difícil, o campeão de tênis... eles olham para o

próprio nariz e murmuram, inaudivelmente, que “não é nada”. Mas eles realmente pensam isso consigo próprios? Nem por um momento. Eles admiram o ato de heroísmo em outra pessoa. Portanto, sendo homens razoáveis, eles o admiram em si mesmos. Mas o treinamento que recebem os impede de dizer isso. Eu não sou assim. Os talentos que possuo... eu realmente os saudaria em outras pessoas. Mas acontece que, em minha linha de atuação, ninguém se iguala a mim. *C'est dommage!* Sendo assim, admito francamente e sem qualquer hipocrisia que sou um grande homem. Tenho organização, método e psicologia em graus incomuns. Sou, de fato, Hercule Poirot! Por que deveria ficar ruborizado, gaguejar e sussurrar que, na verdade, sou um idiota? Isso não seria verdade.

— É claro que só existe um Hercule Poirot — concordei com um toque de malícia, ao qual, felizmente, Poirot permaneceu indiferente.

Lady Chatterton era uma das mais ardorosas admiradoras de Poirot. Partindo da misteriosa conduta de um cão pequinês, ele havia deslindado uma rede que levava a um notório arrombador e invasor de residências. *Lady Chatterton*, desde então, não lhe poupava elogios.

Apreciar Poirot em uma festa era uma visão

notável. O impecável traje a rigor, o peculiar laço de sua gravata branca, a exata simetria do seu cabelo repartido ao meio, o resplendor da brilhantina em seus cabelos e a torturante magnificência de seus famosos bigodes — tudo combinado para compor o perfil de um inveterado dândi. Era difícil, naqueles momentos, levar o homenzinho a sério.

Eram aproximadamente onze e meia da noite quando *Lady Chatterton* caiu sobre nós, habilmente arrebatou Poirot de um grupo de admiradores e o levou; devo dizer, a contragosto, comigo a reboque.

— Quero que vá até minha saleta particular, no andar de cima — disse *Lady Chatterton*, quase sem fôlego, tão logo guardou distância dos ouvidos dos demais convidados. — O senhor sabe onde é, M. Poirot. Lá, encontrará alguém que necessita de sua ajuda urgentemente... e o senhor a ajudará, eu sei. Ela é uma das minhas amigas mais queridas... portanto, não diga não.

Energicamente abrindo caminho à medida que falava, *Lady Chatterton* empurrou precipitadamente a porta, dizendo ao mesmo tempo:

— Eu o trouxe, Marguerita, querida. E ele fará tudo o que você quiser. O senhor *ajudará* a sra. Clayton, não é, M. Poirot?

Assumindo como positiva a resposta, ela saiu com a mesma energia que caracterizava todos os seus movimentos.

A sra. Clayton, que estava sentada numa cadeira à janela, levantou-se e veio em nossa direção. Trajando luto fechado, a melancólica cor preta realçava sua simpática vivacidade. Era uma mulher singularmente adorável e dela emanava a simples e inocente franqueza que tornava o seu encanto quase irresistível.

— Alice Chatterton é tão bondosa — disse ela.
— Ela providenciou isto. E disse-me que o senhor poderia ajudar-me, M. Poirot. É evidente que não sei se aceitará ou não... mas espero que aceite.

Ela estendeu a mão e Poirot tomou-a entre as suas. Segurou-a por um ou dois instantes, enquanto a examinava atentamente. Não havia nada de mal-educado em seu jeito de fazer aquilo. Era mais o gênero de olhar inquiridor que um médico famoso dirige a um novo paciente tão logo este é posto em sua presença.

— Tem certeza, madame — disse ele, por fim —, de que posso ajudá-la?

— Alice diz que sim.

— Sim, mas estou lhe dirigindo a pergunta, madame.

Um pequeno rubor coloriu-lhe o rosto.

– Não entendo o que quer dizer.

– O que a senhora quer que eu faça?

– O senhor... o senhor... sabe quem eu sou?

– perguntou ela.

– Certamente.

– Então pode imaginar o que estou lhe pedindo que faça, M. Poirot... capitão Hastings. – Fiquei satisfeito ao verificar que ela sabia meu nome. – O major Rich não matou meu marido.

– Por que não?

– Como disse?

Poirot sorriu diante de seu ligeiro desconforto.

– Eu disse “por que não?” – repetiu ele.

– Não tenho certeza de ter compreendido.

– No entanto, é muito simples. A polícia, os advogados todos farão a mesma pergunta: por que o major Rich matou o sr. Clayton? Eu pergunto o oposto. Eu lhe pergunto, madame, por que o major Rich não matou o sr. Clayton.

– O senhor quer dizer... por que tenho tanta certeza? Bem eu sei. Conheço o major Rich muito bem.

– A senhora conhece o major Rich muito bem – repetiu Poirot, a voz em tom neutro.

O rubor dominou o rosto da mulher.

— Sim, é isso o que eles dirão... o que pensarão! Oh, eu sei!

— *C'est vrai*. É o que lhe perguntarão... quão bem a senhora conhecia o major Rich. Talvez a senhora fale a verdade, talvez minta. É inevitável que a mulher minta, é uma boa arma. Entretanto, há três pessoas, madame, para quem a mulher pode falar a verdade. Para o padre Confessor, a cabeleireira e o seu detetive particular... se ela confia nele. A senhora confia em mim, madame?

Marguerita Clayton inspirou profundamente.

— Sim — respondeu. — Confio. Preciso confiar — acrescentou com certa infantilidade.

— Então, até que ponto conhecia bem o major Rich?

Ela olhou-o durante alguns momentos de silêncio, depois ergueu o queixo desafiadoramente.

— Responderei à sua pergunta. Amei Jack desde o primeiro momento em que o vi... há dois anos. Ultimamente, acho... acredito... ele veio a amar-me. Mas ele nunca o declarou.

— *Épatant!* — exclamou Poirot. — A senhora economizou um bom quarto de hora indo diretamente ao ponto, sem subterfúgios. A senhora tem bom senso. E quanto a seu marido? Ele suspeitava de seus sentimentos?

— Não sei — respondeu Marguerita, calmamente. — Creio que, ultimamente, ele poderia desconfiar. Seu comportamento tornou-se diferente... Mas isso pode ter sido simplesmente imaginação minha.

— Ninguém mais sabia?

— Acho que não.

— E... perdoe-me, madame, a senhora não amava seu marido?

Havia, parece-me, pouquíssimas mulheres que teriam respondido a essa pergunta de modo tão simples quanto a sra. Clayton. Elas teriam tentado explicar os seus sentimentos.

Marguerita Clayton simplesmente respondeu:

— Não.

— *Bien*. Agora sabemos onde estamos. De acordo com a senhora, o major Rich não matou o seu marido, mas entende que todos os indícios apontam para isso. A senhora tem conhecimento, particularmente, de qualquer falha nesses indícios?

— Não. Não sei de nada.

— Quando o seu marido lhe informou da ida dele à Escócia?

— Logo após o almoço. Ele disse que era uma chateação, mas que tinha de ir. Algo a ver com títulos de terras, foi o que ele disse.

— E depois disso?

— Ele saiu... para o clube, creio. Eu... eu não voltei a vê-lo.

— Bem. E quanto ao major Rich... como ele se comportou naquela noite? Como sempre?

— Sim, acho que sim.

— Não tem certeza?

— Ele estava... um pouco constrangido. Comigo... não com os demais. Mas eu pensava que sabia o motivo. O senhor compreende? Tenho certeza de que o constrangimento ou... ou o alheamento, o que talvez seja uma descrição melhor, nada tinha a ver com Edward. Ele ficou surpreso ao saber que Edward fora à Escócia, mas não excessivamente.

— E mais nada de incomum aconteceu com a senhora naquela noite?

Marguerita pensou.

— Não, nada.

— A senhora viu o baú?

Ela negou com a cabeça e um leve tremor.

— Nem sequer me recordo dele... ou como era. Jogamos pôquer a maior parte da noite.

— Quem ganhou?

— O major Rich. Tive má sorte, bem como o major Curtiss. Os Spence ganharam um pouco, mas

o major Rich foi o principal ganhador.

— A partida... acabou quando?

— Cerca de meia-noite e meia, creio. Saímos todos juntos.

— Ah!

Poirot permaneceu silencioso, entregue aos seus pensamentos.

— Gostaria de ter sido mais útil — disse a sra. Clayton. — Parece-me que lhe revelei tão pouco.

— Quanto ao presente, sim. E no que se refere ao passado, madame?

— O passado?

— Sim. Não houve nenhum incidente?

Ela corou.

— O senhor se refere ao horrível homenzinho que atirou em si mesmo? Não foi minha a culpa, M. Poirot. Efetivamente não foi.

— Não era nesse incidente, precisamente, em que eu estava pensando.

— Naquele ridículo duelo? Os italianos adoram duelar. Fiquei grata ao saber que o homem não morreu.

— Deve ter sido um alívio para a senhora — concordou Poirot, sério.

Ela o olhava com ar dúbio. Ele levantou-se e tomou-lhe as mãos.

— Não duelarei pela senhora, madame — disse ele. — Mas farei o que me pediu. Descobrirei a verdade. E esperemos que a sua intuição esteja correta... que a verdade venha a ajudá-la e não a prejudicá-la.

Nossa primeira entrevista foi com o major Curtiss. Era um homem de aproximadamente quarenta anos, porte militar, cabelos escuros e rosto bronzeado. Conhecia os Clayton havia alguns anos, bem como o major Rich. Ele confirmou o que a imprensa noticiara.

Clayton e ele haviam tomado um drinque juntos no clube pouco antes de sete e meia, e Clayton, nessa ocasião, anunciara sua intenção de visitar o major Rich em seu caminho para Euston.

— Qual era o estado de espírito do sr. Clayton? Ele estava deprimido ou expansivo?

O major refletiu a respeito. Era um homem que falava devagar.

— Pareceu-me com excelente disposição — disse, finalmente.

— Ele mencionou algo sobre estar tendo uma relação difícil com o major Rich?

— Meu Deus, não. Eles eram amigos.

— Ele não colocava objeções à... à amizade de sua esposa com o major Rich?

O rosto do major ficou vermelho.

— O senhor andou lendo esses malditos jornais com suas insinuações e mentiras. Claro que ele não se opunha. Ora, ele me disse: “Marguerita comparecerá, é claro.”

— Entendo. E durante a noitada... o comportamento do major Rich foi o mesmo de sempre?

— Não percebi nenhuma diferença.

— E madame? Ela procedia conforme o habitual?

— Bem — pensou ele —, agora que reflito sobre isso, ela estava algo quieta. O senhor entende, pensativa e distraída.

— Quem chegou primeiro?

— Os Spence. Eles estavam lá quando cheguei. Na verdade, telefonei para a sra. Clayton, mas ela já havia saído. Por isso cheguei um pouco atrasado.

— E como vocês se divertiram? Danças? Jogos de cartas?

— Um pouco de cada. Danças, principalmente.

— Vocês eram cinco?

— Sim, mas deu tudo certo, pois eu não danço. Eu colocava os discos e os demais dançavam.

— Quem mais dançou com quem?

— Bem, na verdade, os Spence gostam de dançar juntos. Eles adoram fazer isso... passos extravagantes e tudo o mais.

— Portanto, a sra. Clayton dançou principalmente com o major Rich?

— Mais ou menos isso.

— E então vocês jogaram pôquer?

— Sim.

— E quando saíram?

— Oh, bem cedo. Um pouco depois da meia-noite.

— Todos ao mesmo tempo?

— Sim. Na verdade, dividimos um táxi. Primeiro saltou a sra. Clayton, depois saltei eu, e os Spence seguiram para Kensington.

Nossa próxima visita foi aos Spence. Apenas a sra. Spence estava em casa, porém sua narrativa sobre a noite coincidia com a do major Curtiss, exceto que ela demonstrou ligeira acrimônia quanto à sorte do major Rich nas cartas.

Cedo, pela manhã, Poirot havia tido uma conversa telefônica com o inspetor Japp, da Scotland Yard. Em decorrência disso, chegamos aos aposentos do major Rich e encontramos o seu criado, Burgoyne, à nossa espera.

As informações do criado foram precisas e

claras.

O sr. Clayton chegara aos vinte minutos para as oito horas. Infelizmente, o major Rich havia saído um minuto antes. O sr. Clayton dissera que não poderia esperar, pois tinha de pegar o trem, mas apenas rabiscaria um bilhete. E, assim falando, dirigira-se à sala de estar. Burgoyne não ouvira o patrão retornar, pois estava tomando banho, e o major Rich, era óbvio, entrara usando a sua própria chave. Em sua opinião, cerca de dez minutos depois o major Rich chamara-o para que fosse comprar cigarros. Ele retornara com os cigarros cinco minutos mais tarde e, nessa ocasião, dirigira-se à sala de estar, que estava vazia, exceto pela presença de seu patrão, que se mantinha de pé, em frente à janela, fumando. O patrão perguntara se o seu banho já estava pronto e, recebendo resposta afirmativa, para ele dirigira-se. Burgoyne não havia mencionado o sr. Clayton, pois entendera que o patrão o encontrara e o levara até a porta. O comportamento de seu patrão havia sido exatamente o mesmo de sempre. Tomara o banho, mudara de roupas e, poucos depois, o sr. e a sra Spence haviam chegado, logo seguidos pelo major Curtiss e a sra. Clayton.

Não lhe ocorrera, explicou Burgoyne, que o sr.

Clayton pudesse ter saído antes da volta de seu patrão. Para fazer isso, o sr. Clayton teria de bater a porta da frente atrás de si, e isso o criado tinha certeza de que ouviria.

Ainda na mesma maneira impessoal, Burgoyne informou como encontrara o corpo. Pela primeira vez minha atenção se dirigiu para o fatal baú. Era um móvel de bom tamanho, encostado na parede perto do fonógrafo. Era feito de alguma madeira escura e profundamente enfeitado com pregos de latão. A tampa abria apenas o suficiente. Olhei o interior e estremeci. Embora bem esfregadas, as manchas permaneciam.

Repentinamente, Poirot soltou uma exclamação.

— Estes buracos... eles são curiosos. Poder-se-ia dizer que foram feitos recentemente.

Os buracos em questão estavam na parte traseira do baú, voltados para a parede. Havia três ou quatro deles. Tinham aproximadamente 6mm de diâmetro e, sem dúvida, tinham o aspecto de terem sido feitos recentemente.

Poirot agachou-se para examiná-los, olhando inquiridoramente para o criado.

— É certamente muito curioso, senhor. Não me recordo de ter visto esses furos antes, embora,

talvez, não os tivesse notado.

— Isso não importa — disse Poirot.

Fechando a tampa do baú, ele recuou até ficar de costas para a janela. Então, de súbito, fez uma pergunta.

— Diga-me — disse ele. — Quando você trouxe os cigarros para o seu patrão naquela noite, havia alguma coisa fora do lugar neste aposento?

Burgoyne hesitou um pouco e, depois, com ligeira relutância, respondeu:

— É estranho que o senhor pergunte isso, senhor. Agora que o mencionou, percebo que havia. Aquele biombo que impede a visão da porta do quarto de dormir... ele foi empurrado um pouco mais para a esquerda.

— Assim?

Poirot lançou-se impetuosamente para a frente e puxou o biombo. Era uma bela peça de couro pintado. O biombo, que já encobria ligeiramente o baú, com o ajuste feito por Poirot, passou a escondê-lo completamente.

— Exatamente, senhor — disse o criado. — Estava assim.

— E na manhã seguinte?

— Ainda estava assim. Lembro-me. Eu o mudei de lugar e foi assim que vi a mancha. O

carpete foi retirado para ser limpo, senhor. É por isso que as tábuas do assoalho estão desnudas.

Poirot fez um sinal de assentimento.

— Entendo — disse. — Muito obrigado.

Ele colocou um pedaço de papel amarfanhado na palma da mão do criado.

— Obrigado, senhor.

— Poirot — disse eu, quando já estávamos na rua —, esse detalhe do biombo... é um indício favorável a Rich?

— É mais um indício contra ele — retrucou Poirot, pesaroso. — O biombo escondia o baú daqueles que se encontravam na sala. E também escondia a mancha no carpete. Mais cedo ou mais tarde o sangue encharcaria a madeira e mancharia o tapete. O biombo evitaria a descoberta por algum tempo. Sim... mas existe algo que não entendo. O criado, Hastings, o criado.

— Qual é o problema com o criado? Ele me pareceu um sujeito bastante inteligente.

— É, conforme você diz, muito inteligente. É crível, portanto, que o major Rich não tenha percebido que o criado certamente descobriria o corpo pela manhã? Imediatamente após o crime ele não teve tempo para nada... tomo isso por certo. Enfiou o corpo no baú, puxou o biombo para a

frente e passou o restante da noite torcendo pelo melhor. Mas e depois que os convidados se foram? Certamente, então, teria tempo para remover o cadáver.

— Talvez ele pensasse que o criado não veria as manchas.

— Isso, *mon ami*, é absurdo. Um tapete manchado é a primeira coisa que um bom criado perceberia. E o major Rich vai para a cama e ronca confortavelmente, sem fazer nada a respeito do assunto. Muito peculiar e interessante.

— Curtiss poderia ter visto as manchas quando estava trocando os discos na noite da festa? — sugeri.

— Isso é improvável. O biombo projetaria uma sombra bastante ampla. Não, mas começo a ver. Sim, muito fracamente, mas começo a ver.

— Ver o quê? — perguntei, ansioso.

— As possibilidades, digamos, de uma explicação alternativa. Nossa próxima visita trará alguma luz a isso.

Nossa próxima visita foi ao médico que havia examinado o corpo. Suas declarações foram mera recapitulação do que já informara durante o inquérito. O morto fora esfaqueado no coração com uma faca longa e fina, semelhante a um estilete. A

faca havia sido deixada no local da perfuração. A morte se dera instantaneamente. A faca era de propriedade do major Rich e normalmente ficava sobre a sua escrivaninha. Não havia impressões digitais na faca, informou o médico. Havia sido limpa ou usada com um lenço. Quanto à hora, qualquer tempo entre sete e nove horas.

— Ele não poderia, por exemplo, ter sido morto após a meia-noite? — perguntou Poirot.

— Não. Posso afirmar isso. Dez horas no máximo, mas entre sete e meia e oito horas parece manifestamente indicado.

— *Existe* uma segunda hipótese possível — disse Poirot, quando voltávamos para casa. — Pergunto-me se você a vê, Hastings. Para mim, está muito clara e preciso apenas de um detalhe para esclarecer bem o assunto.

— Isso não adianta. Ainda não cheguei lá.

— Mas faça um esforço, Hastings. Faça um esforço.

— Muito bem. Às sete e meia Clayton está vivo e bem. A última pessoa a vê-lo vivo é Rich...

— Assim nós presumimos.

— Ora, e não aconteceu assim?

— Você se esquece, *mon ami*, que o major Rich nega isso. Ele declara explicitamente que Clayton já

havia saído quando ele chegou.

— Mas o criado diz que teria ouvido Clayton sair devido à batida da porta. E, além disso, se Clayton havia saído, quando ele voltou? Ele não poderia ter retornado após a meia-noite porque o médico afirma, categoricamente, que ele estava morto pelo menos duas horas antes. Isso nos deixa apenas uma alternativa.

— Qual, *mon ami*? — perguntou Poirot.

— Que nos cinco minutos em que Clayton ficou sozinho naquela sala, alguém entrou e o matou. Mas continuamos a ter a mesma dificuldade. Apenas alguém com uma chave poderia entrar sem que o criado soubesse, da mesma forma, o assassino, ao sair, teria tido de bater a porta, e isso o criado teria ouvido.

— Exatamente — declarou Poirot. — E, portanto...

— E, portanto... nada — disse eu. — Não vejo nenhuma outra solução.

— É uma pena — murmurou Poirot. — E é realmente extremamente simples... tão evidente e claro quanto os olhos azuis de madame Clayton.

— Você realmente acredita...

— Não acredito em nada... até que tenha provas. Uma pequena e única prova me convencerá.

Ele pegou o telefone e ligou para Japp, na Scotland Yard.

Vinte minutos mais tarde, estávamos em pé diante de uma pequena pilha de diversos objetos espalhados sobre a mesa. Era o conteúdo dos bolsos do homem assassinado.

Havia um lenço, um punhado de moedas de pequeno valor, uma carteira com três libras e dez xelins, algumas faturas e um instantâneo rasgado de Marguerita Clayton. Havia também um canivete de bolso, uma lapiseira de ouro e uma pesada ferramenta de madeira.

Foi esta que Poirot arrebatou. Ela a desenroscou e diversas pequenas lâminas caíram.

— Veja, Hastings, uma verruma e tudo o mais. Ah, seriam necessários apenas pouquíssimos minutos para abrir alguns buracos no baú.

— Aqueles buracos que vimos?

— Exatamente.

— Você quer dizer que foi o próprio Clayton quem fez as perfurações?

— *Mais, oui... mais, oui!* O que esses buracos sugerem a você? Eles não foram feitos para que se visse através deles, pois foram abertos na parte posterior do baú. Para que foram feitos, então? Evidentemente, para respirar! Mas, você não faz

buracos para respiração para serem usados por um cadáver; portanto, evidentemente, eles *não* foram feitos pelo assassino. Eles sugerem uma coisa... e apenas uma só coisa... que o homem estava se preparando para *esconder-se* no baú. E, em vista disso, com base nessa hipótese, as coisas tornam-se inteligíveis. O sr. Clayton está com ciúmes de sua esposa e Rich. Ele representa o velho, muito velho truque de fingir que vai viajar. Vê Rich sair e depois dá um jeito de entrar, é deixado sozinho para redigir um bilhete, rapidamente perfura aqueles buracos e esconde-se no baú. Sua esposa viria àquele lugar naquela noite. Possivelmente Rich se livraria dos demais, possivelmente ela permaneceria depois que os outros se fossem ou fingiria ir e voltaria. Fosse o que fosse, Clayton *saberia*. Qualquer coisa é melhor que o terrível tormento da suspeita que suportava.

— Então você quer dizer que Rich matou-o depois que os outros saíram? Mas o médico disse que era impossível.

— Exatamente. Mas veja só, Hastings: ele poderia ter sido morto durante a noite.

— Mas todos estavam na sala!

— Obviamente — declarou Poirot, sério. — Você não vê a beleza disso? Todos estavam na sala.

Que álibi! Que *sang-froid*... que nervos... que audácia!

— Eu ainda não entendi.

— Quem estava por trás do biombo para fazer funcionar o fonógrafo e mudar os discos? O fonógrafo e o baú estavam lado a lado, lembre-se. Os demais estão dançando... o fonógrafo está tocando. E o homem que não dança ergue a tampa do baú e enfia a faca, que escondera na manga, no corpo do homem que havia se ocultado no baú.

— Impossível! O homem gritaria.

— Não se tivesse sido drogado antes.

— Drogado?

— Sim. Quem fez com que Clayton tomasse um drinque às sete e meia? Ah! Viu? Curtiss! Curtiss incendiou a mente de Clayton com suspeitas contra Marguerita e Clayton. Curtiss sugeriu o plano... a visita à Escócia, o esconderijo no baú e o toque final de mudar o biombo de lugar. Não tanto que Clayton pudesse erguer a tampa e tomar ar... não, o biombo seria empurrado apenas o suficiente para que ele, Curtiss, pudesse levantar a tampa sem ser observado. O plano é de Curtiss, e observe a beleza dele, Hastings. Se Rich tivesse percebido que o biombo estava fora de lugar, nenhuma violência teria ocorrido. Ele poderia montar outro plano.

Clayton esconde-se no baú, o fraco narcótico que Curtiss lhe deu faz efeito. Ele mergulha na inconsciência, Curtiss ergue a tampa e ataca... e o fonógrafo continua a tocar *Working My Baby Back Home*.

— Por quê? Por quê? — consegui perguntar, quase sem voz.

Poirot deu de ombros.

— Por que um homem se mata? Por que dois italianos travam um duelo? Curtiss é dono de um temperamento passional, sombrio. Ele queria Marguerita Clayton. Com seu marido e Rich fora do caminho, ela poderia, ou assim pensava ele, voltar-se para ele.

Poirot acrescentou, bem-humorado:

— Essas mulheres que parecem crianças... elas são muito perigosas. Mas, *mon dieu!*, que obra-prima artística! Fere-me o coração enforcar um homem como esse. Eu posso ser um gênio, mas sou capaz de reconhecer a genialidade de outras pessoas. Um assassino perfeito, *mon ami*. Eu, Hercule Poirot, lhe digo. Um assassino perfeito. *Épatant!*



POSFÁCIO

O *mistério do baú de Bagdá*, uma história publicada pela primeira vez no *Strand Magazine* em janeiro de 1932, é a versão original de *O mistério do baú espanhol*, uma novela incluída na antologia *A aventura do pudim de Natal* (1960). A novela é narrada na terceira pessoa e, nela, Hastings não aparece.

A estréia de Hercule Poirot deu-se era *The Mysterious Affair at Styles* (1920), escrito por Agatha Christie em resposta a um desafio lançado por sua irmã quando trabalhava em um laboratório que manipulava venenos, em Torquay. Quando Poirot morreu, 55 anos mais tarde, em *Cai o pano* (1975), publicado pouco antes da morte de Agatha Christie, um mistério permaneceu insolúvel: a sua idade. Embora o texto original de *Cai o pano* tenha sido

escrito trinta anos antes, acontecimentos subsequentes demonstram que devemos presumir que o romance teria lugar no começo da década de 1970, bem próximo do que seria o seu “penúltimo” caso, *Os elefantes não esquecem* (1972). Em *Cai o pano*, ele parece estar, pelo menos, na metade — ou no fim — dos oitenta anos, o que poderia significar que, no mínimo, ele estava entrando na casa dos trinta anos em *O misterioso caso de Styles*. Este romance é situado em 1917 e nele Poirot é descrito “como um singular homenzinho, com jeito de dândi e um incômodo manquejar (...) como detetive, seu talento fora extraordinário e ele alcançara bom êxito solucionando alguns dos mais desconcertantes casos de sua época”. Além disso, no conto em que Poirot apareceu pela primeira vez, *A aventura no Victory Ball*, publicado na antologia *Primeiros casos de Poirot* (1974), ele é descrito como tendo sido “chefe de polícia na Bélgica anteriormente”. Tendo em vista seu “incômodo manquejar”, é possível que Poirot tenha se aposentado devido à má saúde, embora isso não tenha constituído obstáculo em seus muitos casos posteriores. Todavia, em *O misterioso caso de Styles*, o inspetor James Japp, que aparece em muitos romances posteriores, relembra como ele e Poirot haviam trabalhado juntos em 1904

— no caso “Abercrombie de falsificação de assinatura” — quando Poirot só podia ser um adolescente, porquanto estava octogenário em *Cai o pano!*

Em setembro de 1975, o escritor e crítico H. R. F. Keating sugeriu uma possível solução em um texto para assinalar a publicação de *Cai o pano* — Poirot teria, de fato, 117 anos quando de sua morte, e Keating admitiu que poderia haver outros segredos na vida de Poirot!

Talvez a última palavra deva caber a sua criadora que, em uma entrevista em 1948, comentou prematuramente que “ele viveu muito tempo. Eu realmente deveria ter me livrado dele. Porém jamais tive essa oportunidade. Meus fãs não teriam permitido”. Isto ocorreu poucos anos após *Cai o pano* ter sido escrito, mas aproximadamente trinta anos antes de ser publicado.



ENQUANTO HOVER LUZ

O Ford chocalhava pelos sulcos do caminho, e o abrasador sol africano projetava-se implacavelmente. Em um dos lados daquilo a que chamavam de estrada espraiava-se uma fileira ininterrupta de árvores e arbustos, subindo e descendo em delicadas linhas onduladas que se estendiam tão longe quanto os olhos podiam alcançar, um colorido amarelo-esverdeado intenso, provocando um efeito geral langoroso e estranhamente calmo. Poucos pássaros quebravam o torpor do silêncio. Uma vez uma cobra ziguezagueou pela estrada em frente ao carro, escapando aos esforços do motorista para destruí-la com sinuosa facilidade. Uma vez um nativo irrompeu da moita, ereto e digno, atrás dele uma

mulher com uma criança fortemente presa às suas amplas costas e um completo equipamento doméstico, incluindo uma frigideira, magnificamente equilibrada em sua cabeça.

Todas estas coisas George Crozier não se esquecera de indicar à sua mulher, que lhe respondera com uma monossilábica falta de interesse que o irritava.

— Pensando naquele sujeito — deduziu ele, zangado. Era assim que ele evitava aludir, em sua mente, ao primeiro marido de Deirdre Crozier, morto no primeiro ano da guerra. Morto, ademais, na campanha contra os alemães na África Ocidental.

Era natural que ela o fizesse, talvez — ele lançou-lhe um olhar furtivo, um olhar para sua beleza, para a maciez rosa e branca de seu rosto, para as linhas arredondadas de sua figura — talvez bem mais arredondadas do que o haviam sido naqueles longínquos dias, quando ela havia passivamente permitido que ele se tornasse seu noivo e, então, naquele primeiro pavor emocionado da guerra, o havia posto de lado e feito um casamento de guerra com aquele garoto magro e queimado de sol que a amava: Tim Nugent.

Bem, bem, o sujeito estava morto — galantemente morto — e ele, George Crozier, havia

casado com a jovem com quem sempre tencionara casar. Ela o amava, também; como poderia deixar de amá-lo se ele estava sempre pronto para satisfazer todos os seus desejos e também possuía o dinheiro para fazê-lo? Ele refletia, com alguma complacência, a respeito do último presente que lhe dera, em Kimberley, onde, devido à sua amizade com alguns diretores da De Beers, lhe fora possível comprar um diamante que, pelos meios comuns, jamais chegaria ao mercado, uma pedra que não era marcante em termos de tamanho, mas com uma nuança exótica e peculiar, rara, âmbar-escuro, quase ouro velho, um diamante como não se encontraria em cem anos. E a expressão de seus olhos quando o deu para ela! As mulheres são todas iguais quando se trata de diamantes.

A necessidade de segurar-se com ambas as mãos, a fim de evitar ser cuspidado do carro, trouxe George Crozier de volta à realidade. Ele gritou, possivelmente pela décima quarta vez, com a perdoável irritação de um homem que possui dois Rolls-Royce e que havia exercitado os animais de seu haras em estradas civilizadas:

— Meu Deus, que carro! Que estrada! — ele prosseguiu, irado: — Onde, diabo, fica essa fazenda de tabaco? Há mais de uma hora que deixamos

Bulawayo.

— Estamos perdidos na Rodésia — disse Deirdre calmamente, entre dois solavancos que a ergueram.

Mas o motorista de pele cor de café respondeu com boas notícias: o destino deles ficava logo após a próxima curva da estrada.

O gerente da fazenda, o sr. Walters, esperava na escada, para recebê-los com o toque de deferência devido à proeminência de George Crozier na Union Tobacco. Ele apresentou-lhes sua enteada, que acompanhou Deirdre ao longo do fresco e escuro saguão interno até o quarto de dormir, onde ela pôde retirar o véu que sempre usava, cuidando-se com esse escudo quando viajava de automóvel. Enquanto ela desprendia os colchetes na sua habitual maneira graciosa e descansada, os olhos de Deirdre correram ao redor da feiúra caiada do quarto quase sem nada. Não havia nenhum luxo ali, e Deirdre, que amava o conforto assim como um gato ama creme de leite, tremeu um pouco. Na parede, um texto se defrontava com ela. “Qual seria o lucro de um homem, se ele conquista o mundo todo e perde sua própria alma?”, indagava o texto a todo mundo, e Deirdre, agradavelmente consciente de que a pergunta nada tinha a ver com ela, voltou-

se para examinar sua tímida e bastante silenciosa guia. Ela notou, mas nem um pouco maliciosamente, os quadris largos e o inadequado vestido de algodão barato. E, com um rebrilhar de tranqüila aprovação, seus olhos pousaram na dispendiosa e singular simplicidade de seu traje de linho branco francês. Belas roupas, principalmente quando vestidas por ela, incitavam-lhe a alegria do artista.

Os dois homens estavam esperando por ela.

— Sra. Crozier, ficaria aborrecida em dar uma volta pelos arredores?

— De forma alguma. Jamais estive numa fábrica de tabaco.

Desceram as escadas ainda sob a quieta tarde rodesiana.

— Estas são as plantas criadas a partir de semente; nós as plantamos conforme as necessidades. Vocês vêem...

A voz do gerente zumbia, intercalada pelas perguntas bruscas de seu marido: produção, imposto do selo, problemas com os trabalhadores negros. Ela parou de ouvir.

Isto era a Rodésia, esta era a terra que Tim havia amado, onde ele e ela viveriam juntos depois que a guerra acabasse. Se ele não tivesse sido morto!

Como sempre, a amargura da revolta aflorou nela ao pensar nisso. Dois meses apenas... Foi tudo o que tiveram. Dois meses de felicidade — se é que aquela mistura de êxtase e dor era felicidade. Seria o amor felicidade contínua? Será que um milhão de torturas não envolviam o coração amante? Ela vivera intensamente naquele curto espaço, porém conhecera a paz, a tranqüilidade, a calma satisfação de sua vida atual? E, pela primeira vez, ela admitiu, algo a contragosto, talvez tudo aquilo tivesse sido para melhor.

— Eu não teria gostado de viver aqui. Eu não teria sido capaz de fazer Tim feliz. Eu o teria desapontado. George me ama, e eu o estimo muito, e ele é muito, muito bom para mim. Ora, veja esse diamante que ele comprou para mim no outro dia.

— E pensando nisso, seus cílios enlanguesceram um pouco de puro prazer.

— Aqui é onde selecionamos as folhas. — Walters mostrava o caminho para um barracão baixo e comprido. Sobre o chão estavam enormes pilhas de folhas verdes e homens negros, vestidos de branco, agachados em torno delas, pegando-as ou rejeitando-as com dedos ágeis, agrupando-as conforme o tamanho e depois pendurando-as, presas por meio de agulhas primitivas, num longo

fio. Trabalhavam com uma lentidão alegre, brincando entre si e exibindo os dentes brancos quando sorriam. — A seguir, lá adiante...

Cruzaram toda a extensão do barracão e retornaram à luz do dia, onde fileiras de folhas penduradas secavam ao sol. Deirdre inspirou delicadamente ante a discreta e imperceptível fragrância que povoava o ar.

Walters guiou-os até outros barracões onde o tabaco, tocado pelo sol, assumia pálida descoloração amarelada e prosseguia em seu tratamento. O local era sombrio, com as massas escuras oscilando acima, prontas para serem transformadas em pó ao menor toque. A fragrância era mais forte, quase dominadora, foi a impressão de Deirdre; subitamente, uma espécie de terror a subjugou, um medo que ela não sabia onde se originava e que a empurrou da ameaçadora e fragrante obscuridade para a luz do sol. Crozier notou sua palidez.

— Qual é o problema, querida? Não se sente bem? O sol, talvez. Não será melhor não vir conosco para visitar as plantações?

Walters foi solícito. Era melhor que a sra. Crozier retornasse para a casa e descansasse. Ele chamou um homem que estava a curta distância.

— Sr. Arden... sra. Crozier. A sra. Crozier

sente-se um pouco exausta com o calor. Leve-a de volta para a casa.

A momentânea sensação de tontura havia passado. Deirdre caminhava ao lado de Arden. Até então, ela mal dera uma rápida olhada nele.

— Deirdre!

O coração dela disparou e depois se acalmou. Apenas uma pessoa pronunciaria o seu nome assim, com a tênue ênfase na primeira sílaba que se assemelhava a uma carícia.

Ela voltou-se e olhou para o homem ao seu lado. Ele estava bronzeado, quase queimado pelo sol, caminhava a manquejar, e no lado do rosto próximo ao seu havia uma longa cicatriz que modificava a sua expressão, mas ela o conhecia.

— Tim!

No que lhe pareceu uma eternidade, ambos se entreolharam, emudecidos e trêmulos e, depois, sem saber o como ou o porquê, jogaram-se nos braços um do outro. O tempo retrocedeu. Passado algum tempo, separaram-se, e Deirdre, consciente da idiotice da pergunta, indagou:

— Então você não está morto?

— Não, eles devem ter me trocado por algum companheiro. Fui gravemente atingido na cabeça, mas consegui recuperar os sentidos e arrastar-me

para os arbustos. Depois disso, não sei o que aconteceu durante meses e meses, porém uma tribo amiga cuidou de mim e, por fim, recuperei-me totalmente e tentei voltar à civilização. — Ele fez uma pausa. — Soube que você havia se casado há seis meses,

Deirdre bradou:

— Oh, Tim, compreenda, por favor, compreenda! Eu me sentia tão mal a solidão... e a pobreza. Eu não me importava de ser pobre com você, mas quando me vi sozinha, não tive nervos para suportar a sordidez de tudo aquilo.

— Está bem, Deirdre, eu compreendo. Sei que você sempre teve um ardoroso desejo de levar uma vida luxuosa. Eu a arrebatei uma vez dela. Mas da segunda vez, bem, meus nervos falharam. Eu estava totalmente quebrado, mal podia caminhar com uma muleta e, além disso, havia essa cicatriz.

Ela interrompeu-o apaixonadamente.

— Você acha que eu teria me importado com isso?

— Não, sei que não se importaria. Fui um tolo. Algumas mulheres se importam, você sabe. Eu resolvi que daria uma olhada em você. Se parecesse feliz, se eu achasse que você estava contente com Crozier... ora, então eu continuaria morto. Eu a vi.

Você entrava em um enorme automóvel. Você usava peles de zibelina... coisas que jamais seria capaz de lhe dar, mesmo que trabalhasse dia e noite e... bem... você parecia bastante feliz. Eu não tinha a mesma força e coragem, a mesma crença em mim mesmo que eu tivera antes da guerra. Tudo o que via era alguém muito ferido e inútil, dificilmente apto a ganhar o suficiente para mantê-la... e você estava tão linda, Deirdre, tal como uma rainha entre as mulheres, tão merecedora de peles, jóias e belas roupas e todos os mil e um luxos que Crozier pode lhe proporcionar. Isso... e... bem, a dor de vê-los juntos fez com que me decidisse. Todos acreditavam que eu estava morto. Eu continuaria morto.

— A dor! — repetiu Deirdre, a voz baixa.

— Bem, maldito seja tudo isso, Deirdre, mas machucou-me, doeu! Eu não a culpo. Não. Mas doeu.

Ambos ficaram em silêncio. Depois, Tim ergueu-lhe o rosto e beijou-o com renovada ternura.

— Mas agora tudo acabou, querida. A única coisa a decidir é como iremos contar tudo a Crozier.

— Oh! — Ela conteve-se abruptamente. — Não havia pensado nisso...

Calou-se quando Crozier e o gerente surgiram na curva da trilha. Com suave vultear de cabeça, ela

sussurrou:

— Não faça nada agora. Deixe comigo. Preciso prepará-lo. Onde poderemos nos encontrar amanhã?

Nugent pensou.

— Poderei ir a Bulawayo. Que tal o café perto do Standard Bank? Às três da tarde ele está quase vazio.

Deirdre fez rápido sinal de assentimento antes de lhe dar as costas e reunir-se aos dois homens. Tim Nugent olhou-a afastando-se com ligeiro franzir da testa. Alguma coisa em seu comportamento intrigou-o.

Deirdre estava muito silenciosa durante a viagem de volta, no carro. Abrigando-se sob a desculpa do “calor do sol”, ela ponderava qual seria a atitude a tomar. Como lhe contaria? Como ele receberia a notícia? Uma estranha e crescente lassidão a dominava, e o poderoso desejo de adiar a revelação tanto quanto pudesse. Amanhã seria cedo o bastante. Haveria tempo suficiente antes das três da tarde.

O hotel era desconfortável. Os aposentos ficavam no pavimento térreo, dando para o pátio interno. Deirdre passou a noite de pé, aspirando o ar cediço e lançando olhares de insatisfação para a

mobília espalhafatosa. Sua mente voou para o tranqüilo luxo de Monkton Court, entre os pinheirais do Surrey. Quando a criada por fim deixou-a só, ela dirigiu-se lentamente para a sua caixa de jóias. Na palma da mão, o diamante dourado devolveu-lhe o brilho de seu olhar.

Com um gesto quase violento ela recolocou-o na caixa e bateu a tampa. Amanhã de manhã contaria a George.

Ela dormiu mal, abafada sob as pesadas dobras do mosquiteiro. A palpitante escuridão era pontuada pelo onipresente som de vidro sendo arranhado que ela havia aprendido a temer. Deirdre despertou pálida e indisposta. Impossível começar um drama tão cedo!

Ela permaneceu no pequeno quarto, fechado durante toda a manhã, descansando. A hora do almoço chegou como se fosse um choque. Quando se sentaram, bebendo café, George Crozier sugeriu que fossem de carro até Matopos.

— Teremos muito tempo se sairmos agora.

Deirdre balançou a cabeça, pretextando dor de cabeça e disse para si mesma: “Isso ajeita tudo. Não posso apressar as coisas. Além disso, que diferença faz um dia a mais ou a menos? Explicarei a Tim.”

Ela acenou, despedindo-se de Crozier,

enquanto ele chocalhava no exaurido Ford. Depois, olhando o relógio, caminhou vagarosamente para o ponto de encontro.

O café estava deserto àquela hora. Sentaram-se a uma pequena mesa e pediram o inevitável chá que o sul da África bebe em todas as horas do dia e da noite. Nenhum deles disse uma só palavra até que a garçonete os servisse e saísse com rapidez por entre cortinas cor-de-rosa. Depois, Deirdre ergueu os olhos e começou a falar, à medida que se defrontava com a intensa atenção dos olhos dele.

— Deirdre, você falou com ele?

Ela negou com a cabeça, umedecendo os lábios, procurando palavras que não vinham.

— Por que não?

— Não tive oportunidade; não houve tempo.

Até mesmo para ela as palavras soaram inconvincentes e duvidosas.

— Não é isso. Existe algo mais. Suspeitei disso ontem. Tenho certeza hoje. Deirdre, o que é?

Ela moveu a cabeça, taciturna.

— Existe uma razão pela qual você não quer deixar George Crozier, pela qual você não quer voltar para mim. Qual é?

Era verdade. Conforme ele dissera, ela sabia, sabia com súbita e aguda vergonha, sabia disso sem

nenhuma possibilidade de dúvida. E, ainda assim, os olhos de Tim procuravam os dela.

— Você não o ama! Não pode amá-lo! Mas existe algo.

Ela pensou: “Em outra ocasião ele saberá! Oh, Deus, não o abandone!”

Subitamente, o rosto de Deirdre empalideceu.

— Deirdre... existe a possibilidade de ser um filho?

Num lampejo, ela percebeu a chance que ele lhe oferecia. Que saída maravilhosa! Vagarosamente, quase sem o perceber, ela curvou a cabeça.

Ela ouviu a respiração ofegante de Tim, depois a voz alta e firme.

— Isso... altera as coisas. Eu não sabia. Temos de encontrar um meio diferente. — Ele inclinou-se sobre a mesa e segurou as duas mãos dela entre as suas. — Deirdre, minha querida, jamais pense... nem em sonho, que você fez algo culposo. Não importa o que aconteça, lembre-se disso. Eu poderia tê-la reivindicado quando voltei para a Inglaterra. Tive medo; portanto é a minha vez de fazer o que puder para colocar as coisas em seus devidos lugares. Entendeu? Seja lá o que aconteça, não se inquiete, querida. Você não tem culpa de nada.

Ele ergueu uma das mãos, depois a outra até os seus lábios. Depois ela se viu sozinha, olhando para o chá que não fora sequer provado. E, com muita estranheza, via apenas uma coisa — um texto pomposamente enfeitado, que pendia da parede caíada. As palavras pareciam erguer-se, sendo atiradas contra ela. “Qual será o lucro de um homem...” Ela levantou-se, pagou o chá e saiu.

George Crozier, ao voltar, foi recebido com um pedido de que a esposa não deveria ser incomodada. Sua dor de cabeça, informou a criada, era muito forte.

Eram nove horas da manhã do dia seguinte quando ele entrou no quarto dela, o rosto bastante sério. Deirdre estava sentada na cama. Ela parecia pálida e perturbada, porém os olhos brilhavam.

— George. Tenho algo para lhe dizer, algo bastante terrível...

Ele a interrompeu bruscamente.

— Então você soube. Eu temia que isso pudesse aborrecê-la.

— *Aborrecer-me?*

— Sim. Você conversou com o pobre rapaz no outro dia.

Ele viu que a mão de Deirdre subia até o coração, os olhos tremeluzindo; depois ela falou,

numa voz rápida e baixa que, de alguma forma, o assustou.

— Não soube de nada. Diga-me logo.

— Eu pensei...

— *Diga-me!*

— Aqui, nos limites da fazenda. O sujeito se suicidou com um tiro. Gravemente ferido na guerra, nervos em frangalhos, suponho. Não existe outra razão para o que fez.

— Atirou em si mesmo... naquele barracão escuro onde o tabaco estava pendurado. — Ela falava com convicção, os olhos como os de uma sonâmbula, como se visse diante de si o fragrante negror e, nele, alguém tombado, revólver na mão.

— Ora, foi isso mesmo; foi naquele lugar em que você teve aquele estranho mal-estar. Que esquisito!

Deirdre não respondeu. Ela via outra imagem... a mesa com as peças para o chá, uma mulher curvando a cabeça e concordando com uma mentira.

— Bem, bem, a guerra tem muito a ver com isso — declarou Crozier e estendeu a mão à procura de fósforos, acendendo o cachimbo com cuidadosas aspirações.

O grito de sua mulher o espantou.

— Ah! não, não! Não suporto esse cheiro!

Ele encarou-a com gentil surpresa.

— Minha querida, não precisa ficar nervosa. Afinal, você não poderá escapar do cheiro de tabaco. Você o encontrará em toda parte.

— Sim, em toda parte! — ela sorriu, um sorriso entristecido e retorcido, murmurando algumas palavras que ele não captou, palavras que ela havia escolhido para o primeiro obituário de Tim Nugent. “Enquanto houver luz, eu me lembrarei e, na escuridão, eu não me esquecerei.”

Seus olhos se arregalavam à medida que acompanhavam a ascendente espiral de fumaça e ela repetia, voz baixa e monótona:

— Em toda parte, em toda parte.



POSFÁCIO

Enquanto houver luz foi inicialmente publicada no *Novel Magazine*, em abril de 1924. Para aqueles familiarizados com as obras de Sir Alfred, lorde Tennyson, a verdadeira identidade de Arden não constituirá nenhuma surpresa.

Tennyson era um dos poetas favoritos de Agatha Christie, assim como Yeats e T. S. Eliot. O *Enoch Arden*, de Tennyson, também inspirou o romance com Poirot, *Seguindo a correnteza* (1948). A trama de *Enquanto houver luz* foi utilizada mais tarde, com maior efeito, como parte de *O gigante* (1930), o primeiro dos seis romances escritos sob o pseudônimo de Mary Westmacott. Embora considerados por muitos de menor interesse, se comparados à sua ficção policial, os romances

assinados por Mary Westmacott são, em geral, vistos como fontes de comentários de alguns dos acontecimentos da vida pessoal de Agatha Christie, uma espécie de autobiografia paralela. Seja como for, eles forneceram a Agatha Christie uma importante válvula de escape do mundo das histórias de detetives. O mais interessante, dentre os seis, é habilmente intitulado *O retrato*, em inglês *Unfinished Portrait* (1934), que o segundo marido de Agatha Christie, o arqueólogo Max Mallowan, descreveu como sendo “uma fusão de pessoas reais e eventos imaginários (...) mais minuciosa que em qualquer outro retrato de Agatha Christie”.

O romance favorito de Agatha Christie foi o terceiro assinado por Mary Westmacott, *A ausência* (1944), que ela descreveu em sua autobiografia como “o único livro que me satisfez inteiramente (...) eu o escrevi ao longo de três dias”. Agatha Christie comentou: “O livro foi escrito com integridade, com sinceridade, foi escrito como eu queria escrever, e essa é a maior alegria e o maior orgulho que um autor pode sentir.”



Desde a morte de Agatha Christie, em 1976, seus milhões de admiradores em todo o mundo tiveram que se contentar com a releitura de seus livros. Mas o jejum forçado e aparentemente irreversível de textos inéditos da grande dama do romance policial chegou ao fim com o lançamento de *Enquanto houver luz*, uma coletânea de contos que nunca haviam sido publicados em livro — apenas em obscuras revistas das décadas de 20 e 30.

São ao todo nove histórias que incluem duas aventuras inéditas do detetive Hercule Poirot, o primeiro conto escrito por ela e outras tramas de crime e terror. Entre estas, “Enquanto houver luz”, uma narrativa sombria sobre o surgimento de um visitante inesperado de além-túmulo em uma plantação de tabaco na Rodésia.

Enquanto houver luz é uma coletânea que valoriza o talento e a versatilidade de Agatha Christie — igualmente bem-sucedida em histórias de crime e tramas sobrenaturais — com o inesperado frescor e a novidade de uma obra inédita.

ISBN 85-01-05300-7



9 788501 053008